

Cleusa Kazue Sakamoto
Marcos Aurélio Trindade
Organizadores

CRIATIVIDADE: NOVAS NUANCES TEÓRICAS NA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA E DA PSICOLOGIA


GENIO
CRIADOR

CLEUSA KAZUE SAKAMOTO
MARCOS AURÉLIO TRINDADE
(ORGS.)

CRIATIVIDADE:
NOVAS NUANCES TEÓRICAS
NA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA
E DA PSICOLOGIA

**GENIO
CRIADOR**

Direção editorial: *Cleusa Kazue Sakamoto*

Projeto gráfico: *Rodrigo Moura*

Capa: *Gabriela Nelly Lie Oishi*

CONSELHO EDITORIAL

Dr. Anor Sganzerla – *Pontifícia Universidade Católica do Paraná*

Dr. Carlos Roberto Drawin – *Universidade Federal de Minas Gerais*

Dra. Edda Bomtempo – *Universidade de São Paulo*

Dra. Jaqueline Moreira – *Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais*

Dra. Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo – *Universidade de São Paulo*

Dra. Ilka Bichara – *Universidade Federal da Bahia*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Criatividade [livro eletrônico]: novas nuances teóricas na perspectiva da Filosofia e da Psicologia / organizado por Cleusa Kazue Sakamoto, Marcos Aurélio Trindade. -- São Paulo : Gênio Criador, 2022.

216 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-86142-29-7 (e-book)

1. Criatividade 2. Criatividade - Aspectos psicológicos 3. Criatividade - Aspectos filosóficos I. Sakamoto, Cleusa Kazue II. Trindade, Marcos Aurélio

22-1867

CDD 153.3

© **Gênio Criador Editora – 2022**

Av. Brigadeiro Faria Lima, 1616 - Sala 804

Jardim Paulistano, São Paulo – SP, 01451-001

editorial@geniocriador.com.br

geniocriador.com.br

ISBN: 978-65-86142-29-7

Sumário

Apresentação	6
Prefácio	9

PARTE 1

Novas nuances teóricas da Criatividade na Filosofia

1 - Criatividade para contemplar a verdade	14
<i>Keller Reis Figueiredo e Marcos Aurélio Trindade</i>	
2 - A Criatividade como manifestação da Felicidade e da Autorrealização do Ser	32
<i>Elias de Lima Calil e Moacir Ferreira Filho</i>	
3 - Criatividade, Educação e rebeldia no contexto tecnológico e pós-moderno. Uma reflexão a partir de Paulo Freire e Edgar Morin	48
<i>André Luiz Boccato de Almeida</i>	
4 - Criatividade na Arte de lidar com pessoas	74
<i>Jorge Luiz Gray Gomes e Elenita Delamea</i>	
5 - Objetos Digitais, Corpos Virtuais, Potências dos Afetos: clínica e política nos processos de individuação tecnológica	98
<i>Bruno Vasconcelos de Almeida</i>	

PARTE 2

Novas nuances teóricas da Criatividade na Psicologia

6 - Tecnologia Digital e Saúde Mental - implicações sobre a Criatividade	119
<i>Cleusa Kazue Sakamoto</i>	
7 - Provérbios: Normas que influenciam o inconsciente de uma coletividade	134
<i>Beatriz Picolo Gimenes</i>	

8 - Plantão Psicanalítico na pandemia de COVID-19: Criatividade e mudança de paradigma na Escuta e <i>Setting</i>	156
<i>Hélio Alves e Zirlaide Barreto Mendonça</i>	
9 - A Asma Infantil e Criatividade em Winnicott	180
<i>Cristiane Cintra Brentan, Helena Rinaldi Rosa e Audrey Setton Lopes de Souza</i>	
10 - Assembleias de Processos Decisórios: espaços de criação, reflexão para a superação do <i>Bullying</i> e <i>Cyberbullying</i>	197
<i>Cláudia Benitez Martinez dos Reis, Luana Carramillo Going e Neide Maria dos Santos</i>	
Organizadores.....	216

Apresentação

Criatividade – Novas Nuances Teóricas na perspectiva da Filosofia e da Psicologia é uma obra que reflete o nosso tempo, o período de pandemia e seu ritmo de ansiedade, que quer dar continuidade ao que vimos construindo. A ideia nasceu desta necessidade. A de continuar, de não perdermos o fio da meada daquilo que percebemos como significativo. *Novas Nuances* é uma publicação em continuidade da obra de 2021, “*Criatividade – Nuances Teóricas na perspectiva da Filosofia e da Psicologia*” que propôs apresentar uma discussão de aprofundamentos teóricos à luz do pensamento de autores das áreas da Filosofia e da Psicologia, na busca de convergências.

Os autores do primeiro livro aceitaram o convite de estudarem novas propostas, novos ângulos, outras correntes teóricas, suas novas nuances. E, assim, organizamos com esmero este novo livro, recheado de textos densos e provocativos, que trazem reflexões ricas a partir de exposições teóricas sensíveis e complexas.

O livro cuja proposta inicial era buscar possibilidades de convergências teóricas entre a Filosofia e a Psicologia no território de estudo da Criatividade, deseja ser uma voz que discursa sobre perspectivas que levem a uma ampliação de pensamentos. Aliás, abordar a Criatividade, essencialmente, traduz a possibilidade de encontrarmos novidades. É empreendedor discutir sobre a Criatividade.

A obra está organizada em cinco capítulos de prisma filosófico e cinco de prisma psicológico. Surpreende pela variedade de perspectivas e a maneira inusitada de abordagem.

A Verdade abordada no primeiro capítulo é seguida da Felicidade no segundo capítulo. O capítulo terceiro debate a rebeldia e o pensamento complexo da Criatividade. O quarto capítulo discute a Criatividade no relacionamento humano e o quinto capítulo traz uma discussão refinada acerca do ambiente tecnológico a partir de seus objetos, corpos e afetos – fecha de maneira brilhante a discussão filosófica.

A segunda parte do livro que contempla o debate psicológico, se inicia com o capítulo 6 que aborda a Tecnologia Digital e a Saúde Mental e as relações com a Criatividade. O capítulo seguinte, o sétimo, discute os provérbios na perspectiva do inconsciente coletivo de Jung e o capítulo oitavo apresenta uma discussão acerca de mudanças de paradigmas no trabalho clínico durante a pandemia de Covid-19 na modalidade de Plantão Psicológico. O capítulo nono traz uma revisão bibliográfica sobre asma infantil e a Teoria da Criatividade de Winnicott. O capítulo décimo, que encerra os debates em Psicologia, apresenta a inovadora abordagem das Assembleias de Processos Decisórios como metodologia criativa para enfrentar processos de *Bulling* e *Ciberbulling* nas escolas.

Esperamos que os leitores sintam-se provocados com o conteúdo aqui reunido e sejam convidados a pensar este novo tempo que vivemos, com um olhar de curiosidade de quem procura novas respostas para nossos velhos

problemas. Precisamos rever hábitos, revisitamos nossos anseios, buscar soluções que tragam esperança. Com tantas experiências dolorosas com a pandemia que enfrentamos, necessitamos de muita coragem que precisa estar mesclada por otimismo, de cunho coletivo e potente da capacidade de criar um mundo melhor para todos!

Desejamos que a leitura seja prazerosa e estimulante!

Os Organizadores

Prefácio

Novas nuances teóricas. O conceito “novo” anuncia mais uma obra sobre Criatividade dentro de perspectivas filosóficas e psicológicas. Um acréscimo em relação ao livro passado, que um dia já foi novo. Para o consumista capitalista, o antigo livro já é velho e defasado. Para o fetichista acadêmico, é uma obra madura e experiente. Perspectivas diferentes, afetos distintos. Mas o livro *novo* os alinha, pois consumistas e acadêmicos gostam de possuir mais. Bens e sabedoria. Alegria. Mesmo que por razões distintas.

O objeto de análise do novo livro continua o mesmo: a Criatividade. Para alguns filósofos, ela é um sacrilégio. Foi o que aprendi lendo o *Timeo* de Platão. Ensinava o filósofo que toda criação verdadeira advém do grande *Demiurgo*. Um Deus arquiteto. Onipotente. Só ele cria, para o bem, o eterno e imutável. O homem só “descobre” uma novidade por meio da razão ou do acidente. Já a Criatividade humana, como a dos poetas, é corrompedora. Nos afasta da verdade. Segundo os psicanalistas, a Criatividade é uma necessidade. Freud, o pai da Psicanálise, afirma que ela é essencial para os humanos. Um prazer. Alívio da fixação anal. Nos adultos, uma rememoração sublimatória do brincar infantil. Sustenta o desenvolvimento saudável da mente humana.

A Criatividade é um fenômeno frutífero. Assunto vasto. Multidisciplinar. Em abril de 2022 constatei 31 grupos de pesquisa certificados cadastrados no CNPq que estu-

dam especificamente esse fenômeno nas áreas de humanas, exatas e biológicas. Por isso o recorte no subtítulo: nuances teóricas na perspectiva da Filosofia e da Psicologia. Delimitação necessária para um tema tão amplo.

A proposta de Cleusa Kazue Sakamoto e Marcos Aurélio Trindade expande os diálogos iniciados no livro anterior, pondo lado a lado os pensamentos filosóficos e os trabalhos psicológicos. Campos de conhecimento distintos. Ora contraditórios e conflitantes, ora alinhados e confluentes. Não é uma tarefa fácil dialogar com esses dois ramos do saber no nível acadêmico. Quem o faz corre o risco de não ser compreendido ou ignorado pelos colegas dos dois lados. Por isso, escrever ou organizar uma obra com este propósito não é uma tarefa fácil.

O livro pode ser dividido em duas partes, ao gosto dos cartesianos. A primeira tem um cunho mais filosófico e a segunda, mais psicológico-psicanalítico. Reflexões teóricas e análise de experiências empíricas. Um entrelaçamento dialético entre pensamento e ação. Teoria e prática.

O primeiro capítulo é o mais ousado. Ele inicia o convite filosófico da primeira parte. Propõe, por meio de uma reflexão sobre a Criatividade, que a verdade não é relativa e sim única, absoluta e imutável. A polêmica é um convite para o debate com os colegas acadêmicos e estudantes. O segundo capítulo nos convida para uma reflexão filosófica entre a Criatividade e a *eudaimonia* filosófica, um estado de felicidade e autorrealização. Assunto atual no campo da Psicologia. O terceiro capítulo retoma a ousadia do primeiro. Propõe um diálogo entre Paulo Freire e Edgar Morin na relação entre o ser humano e a Tecnologia, ten-

do a Educação e a rebeldia como propostas. O quarto capítulo analisa a complexidade das relações pessoais. Tem a Criatividade como um fator importante de humanização. Propõe reflexões no campo da ética administrativa. O quinto capítulo tem uma orientação mais psicológica, introduzindo a ponte com a segunda parte. Ele aborda os processos de individuação trazidos pelas novas tecnologias e seus desdobramentos em nível clínico e político. Fim da primeira parte.

O sexto capítulo trata de um tema importante no campo da Psicologia: as relações entre Tecnologia digital e Saúde Mental. A imersão no mundo digital imposto pela pandemia de COVID-19 é analisado pela perspectiva conceitual de Winnicott. O sétimo capítulo analisa os provérbios populares diante de uma perspectiva junguiana. A autora analisa 33 ditos populares oriundos de diversas culturas e sua influência no inconsciente de uma coletividade. O oitavo capítulo apresenta um interessante estudo de casos. Relata as observações de uma equipe de profissionais de um curso de especialização em Psicanálise que precisou reinventar a escuta e o *setting* no atendimento de pacientes durante a pandemia. O nono capítulo é o mais técnico e clínico, focado no estudo psicossomático da asma infantil. Traz uma revisão de literatura e apresenta o pensamento de Winnicott, em que as autoras analisam as expressões criativas das crianças asmáticas. O décimo capítulo encerra o livro com uma proposta de intervenção criativa em Assembleias de Processos Decisórios. As propostas performativas podem contribuir, segundo as autoras, na solução de conflitos e nos casos de *Bullying* e *Cyberbullying*.

A obra apresenta os seus méritos acadêmicos e didáticos. Apresenta reflexões atuais, dialoga com a nossa atual situação. Alargam os nossos horizontes conceituais. Mas também ensina. Discute. Debate. Polemiza. Recurso didático que ajuda docentes de graduação e pós-graduação em seminários e debates. Aborda, em todas as nuances apresentadas, algumas das diferentes concepções que podemos ter dos processos criativos.

Saboreie esse livro sobre Criatividade, sem moderação.

Prof. Dr. Arthur Meucci

Educador, Filósofo e Psicanalista.

Chefe do Departamento de Educação da

Universidade Federal de Viçosa.

Membro fundador da Cátedra Paulo Freire/UFV.

Coautor dos livros “A vida que vale a pena ser vivida” (Vozes),

“Coleção Miniensaio de Filosofia” (Vozes)

e “O Executivo e o Martelo” (HSM).

PARTE I

Novas nuances teóricas da Criatividade na Filosofia

1 Criatividade para contemplar a verdade

Keller Reis Figueiredo¹
Marcos Aurélio Trindade²

“A criatividade é um caminho que deve ser utilizado para se chegar à verdade; é a verdade que conduz a edificação de uma sociedade mais pacífica, próspera e justa”.

RESUMO

O presente capítulo discute a Criatividade como meio para contemplar a verdade, na medida em que ela possibilita a construção de caminhos para a edificação de uma sociedade mais pacífica, próspera e justa. A pesquisa está embasada em conceitos filosóficos e se apoia no exame crítico dos princípios que fundamentam o modo de perceber o Ser das coisas, que é a verdade. O mundo contemporâneo defende a tese de que a verdade é relativa. Apresentamos uma reflexão filosófica como um exemplo prático da Bioética, para defender a tese de que a verdade não é relativa, mas plena, absoluta, *única*, imutável que ilumina toda escuridão do obscurantismo humano. Caso, os princípios que fundamentam o modo de ser de uma sociedade seja uma mentira, os resultados da existência humana serão mentirosos e conduzirão todos a uma vida miserável ou a uma destruição.

Palavras-chave: Criatividade. Verdade. Sociedade. Ética.

1 Licenciado em Filosofia pela FAPCOM - Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, é Professor de Filosofia da rede estadual de ensino/SP. E-mail: kellerreis.f@gmail.com.

2 Licenciado em Filosofia pela FAPCOM - Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação e graduado em Psicologia pela PUC-MG. E-mail: marcos.trindade2014@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste capítulo é debatermos a ideia de que embora existam de acordo com várias correntes teóricas inúmeras verdades, existe uma soberana que está contida no Ser das coisas. O fato de não termos o conhecimento absoluto não quer dizer que não existe uma verdade soberana.

O desenvolvimento das ideias no capítulo pretende fazer uma reflexão sobre a possibilidade do homem por meio da Criatividade contemplar a verdade, a verdade que se manifesta no Ser das coisas. Inicialmente, recorreremos à Filosofia, em especial à Metafísica para em seguida chegarmos à Ética e ao ramo especializado da Ética, a Bioética.

Definir o que é verdade não é fácil, é um desafio que envolve estudo e pesquisa. O objetivo é questionar a visão contemporânea da verdade que tem sua origem na Idade Moderna, a qual renuncia à visão metafísica construída a partir da Filosofia antiga, a qual alcançou o seu apogeu na Idade Média. A contemporaneidade confirma na Ciência empirista e materialista o único caminho para se chegar à «verdade». A Metafísica está esquecida e colocada a um segundo plano como um caminho para se conhecer a verdade. A questão é: a verdade que todos nós buscamos é única ou uma das faces de um único Ser? Entendendo o Ser, de acordo com Santo Tomás de Aquino.

O homem pode assumir uma posição negacionista para com as Ciências, que de uma forma ou outra são frutos da Criatividade humana e pagar o preço das más escolhas. Para Aquino, “o objeto da ciência é o verdadeiro” (AQUINO, 2021, p. 359).

O homem do presente terá que fazer uma escolha ética para definir o seu futuro enquanto Humanidade. Cada dia mais a discussão sobre o que é a verdade para o homem, torna-se mais que fundamental, talvez libertário.

A Grécia Antiga mostrou a origem do conhecimento científico. Aristóteles, um dos mais importantes filósofos de todos os tempos, afirma que todo homem deseja conhecer (livro I, cap. 1). Nessa obra ele se empenhou em classificar os tipos de saber: (I) conhecimento por experiência sensorial direta, (II) conhecimento técnico e (III) conhecimento teórico. Determina o domínio da Ciência propriamente dita, na qual o ideal máximo do saber humano é a apreensão completa e definitiva da realidade de um objeto ou processo (ARISTÓTELES, 2002).

Todas as coisas são verdadeiras em razão de uma única verdade? Para Aquino (2021, p. 370), “há uma única verdade em razão da qual todas as coisas são verdadeiras”. E ainda: “Da verdade enquanto está nas coisas, então todas as coisas são verdadeiras em razão de uma única e primeira verdade, a de que cada uma é assemelhada segundo seu modo de ser”. (AQUINO, 2021, p. 371)

A partir deste entendimento, é possível perceber a razão pela qual existem inúmeras verdades presentes na sociedade, todas, enquanto verdades derivam de uma primeira e única verdade. Quando a Ciência se manifesta, ela diz uma verdade, não é a única verdade, na sua totalidade. Esta complexa realidade desafia o entendimento e referência.

A CIÊNCIA DO SER E DO NÃO SER

A existência humana é envolta em muito mistério; existem inúmeras correntes de pensamento como a Teoria da evolução de Charles Darwin, a Teoria criacionista presente na Bíblia do Antigo Testamento das religiões judaico-cristãs e outras formas de explicar, presentes nas religiões ao redor do mundo, que buscam responder indagações sobre o existir do ser humano. O auxílio das correntes filosóficas para este fim, em especial a Metafísica da Antiga Grécia, mostram-se essenciais para este feito. O ramo da Filosofia para pensar o Ser das coisas é a Metafísica, que define o Ser como:

Pensando o ente, todo ente e o ente todo em seu fundamento, que é o ser, a metafísica pensa fundamentalmente o ser e o pensa como aquilo que, pondo-se, se opõe absolutamente ao não ser; pensa-o como a incontraditoriedade absoluta. Daí o significado de totalidade exposto nas fórmulas: tudo é ser e ser é tudo. Esse significado de totalidade pode ser explicitado, conotando-se sua infinidade, ilimitação, incondicionamento, absolutez, insuperabilidade e inultrapassabilidade, porque fora do ser resta só o não ser, que não é e não pode ser. Vê-se assim que o princípio de não contradição constitui a semantização originária do ser: do ser necessariamente não se pode dizer senão ser. (MOLINARO. 2000. p. 9).



Fonte: O Que é a Luz? – Recanto do Escritor
Disponível em: <https://www.recantodoescritor.com.br/2017/09/30/o-que-e-a-luz/>

O que é claro, é que em um momento da História do homem, ele passou a negar a manifestação da verdade e passou a viver uma mentira, ao se afirmar como o Ser das coisas tornando-se o Não Ser. Como tal evento ocorreu? Em algum momento, o homem fez a escolha de negar o Ser e experimentar o Não Ser, passou a ter ciência do bem, afirmação do Ser, e do mal, a negação do Ser. O *Homo Sapiens* decidiu viver de forma independente, liberto da condição anterior à Revolução Cognitiva, a qual Harari (2017, p. 30) afirma:

O surgimento de novas formas de pensar e se comunicar, entre 70 mil anos atrás à 30 mil anos atrás, constitui a Revolução Cognitiva. O que causou? Não sabemos ao certo. A teoria mais

aceita afirma que mutações genéticas acidentais mudaram as conexões internas do cérebro dos sapiens, possibilitando que pensassem de uma maneira sem precedentes e se comunicassem usando um tipo de linguagem totalmente novo. Poderíamos chamá-las de mutações da árvore do conhecimento. Por que ocorreram no DNA do sapiens e não no DNA dos neandertais? Até onde pudemos verificar, foi uma questão de puro acaso.

É neste momento da História humana que surgem dois ramos de crença, adoração constituídos pela criatividade do intelecto, o Panteísmo e a Gnose, onde segundo Fedeli (2011) faz surgir o Antropoteísmo, a religião do homem. Afirma:

O Panteísmo que diviniza o corpo e toda matéria é a expressão naturalista e cósmica do Antropoteísmo. [...] A Gnose, divinizando exclusivamente o espírito, é anticósmica e odeia a matéria, considerada má em si mesma e aprisionadora do espírito. [...] Ambas correntes são manifestações de revolta metafísica por parte do homem. São formas de recusar, como dissemos, as limitações do ser humano e os males relativos desta vida. [...] Ambas, pois, pretendem dar ao homem a felicidade absoluta. O Panteísmo pretende criar na terra o paraíso, por meio da razão, da ciência e da técnica. Sua finalidade social é a criação da Utopia. A Gnose pretende alcançar a felicidade divina pela eliminação da individualidade e da matéria, pela absorção ou fusão de todo espírito contingente no Ser Absoluto. (FEDELI. 2011. p. 54-55).

É neste momento que ocorre uma total desconexão do Ser das coisas, uma total incompletude e a incapacidade de ver a verdade na sua plenitude. O homem, a partir deste momento, passou a viver sem finalidade, totalmente perdido existencialmente, impossibilitado de alcançar a plenitude do seu Ser na comunhão com a respectiva verdade.

O homem passou a ter a ciência do Ser e do Não Ser, do bem e do mal, da verdade e da mentira. É o momento que o homem passou a ser iluminado apenas pela luz racional da razão ao culminar com a Filosofia dos gregos antigos; tudo que fez até a revelação do Ser plenamente, passou a ser limitado, incompleto, imperfeito, cheio de vícios e erros. A vida plena, virtuosa, perfeita, imersa no Ser passou a ser um ideal, uma ideia imersa em inúmeras ideologias, que buscam no futuro a resposta para a condição de vida do homem no presente. O homem sem a presença do Ser perde a capacidade de contemplar o absoluto face a face e a vida se torna complexa e obscura.

Esta é a razão pela qual conhecemos a verdade por partes, já não conseguimos contemplá-la na sua plenitude, na sua total manifestação. O homem passa a fazer o esforço criativo através das Ciências para conhecer o que está oculto aos seus sentidos. Ou seja, o homem faz o uso da Criatividade para contemplar a verdade. Essa contemplação inicialmente está limitada pela capacidade de compreensão da razão humana, todavia pode ser ampliada no momento que a verdade se revela ao homem. A Criatividade humana se manifesta de forma limitada, incompleta, mas verdadeira quando fundamentada na Ciência racional. Toda cultura criada pelo homem, as

ciências, a tecnologia, derivam de uma verdade única, capaz de tornar real o que pode existir, por ser verdadeiro.

AUTOCONHECIMENTO

As lembranças da vida infantil são remotas, as impressões e sensações do período de 0 ano ao 1 ano e 6 meses são nossas emoções mais primitivas. Sem ter a autoconsciência, temos amor pelos pais ao vivermos um momento de proteção, segurança e aceitação. Por mais solitário que uma existência pode parecer, a existência é a síntese do universo, é a manifestação de uma inteligência que ordena tudo a partir de um princípio e um fim, isto é, uma finalidade para a qual se existe.

A primeira infância é uma manifestação que transcende as nossas capacidades humanas de perceber o mundo. Podemos ter uma atitude cética quanto à vida, uma forma de crer no nada, entretanto isso só prova o que pensamos, mas não prova que o mundo não existe. Podemos até tentar negar tudo, contudo para uma mente criativa somos levados a ter uma crença afirmativa, ou seja, crer que o mundo existe, que o mundo representado no intelecto é a prova da existência do Ser das coisas, como se tudo que podemos ver, sentir, ouvir e tocar tem um princípio, constituído no intelecto.

O homem já existe há centenas de anos segundo os cientistas. Ele é o cume da manifestação material da existência. Ele hoje é a síntese de inúmeros ciclos da História desta presença. Pensar a partir de si mesmo para conhecer a verdade, iluminado pela luz da razão, para ir além dos limites para poder contemplar o Ser das coisas e, assim, conhecer a verdade, que segundo os gregos, tudo

pode, por ser infinito, ilimitado, único, o sumo belo e o sumo bem.

A vida está fundamentada nas boas escolhas, e quais escolhas são estas? Aquelas que estão mais próximas da verdade. E que verdade é esta? É a verdade do Ser, aquele que se definiu como: “Eu sou aquele que É”, segundo a revelação bíblica do Antigo Testamento. (Ex 3,14) sob a luz do Ser. O Ser que é não pode Não Ser, o que É sempre é, o Não Ser não pode ser, é o que não é, torna-se a ausência do Ser, é a mentira.

O que em algum momento do tempo passou a existir foi uma negação do Ser, o que não pode ser, é finito, limitado, diverso, sumo feio, sumo mal. O que de alguma forma se manifesta contrário ao Ser, não é o princípio das coisas, nem a continuidade, mas o fim, por não comunicar a existência com o Ser das coisas, de alguma forma representa uma forma de morte por negar a vida, ou seja, a própria vida e finalidade da própria existência.

O que é o *Eu sou* afinal? A manifestação da existência do Ser e na medida em que cresço, tenho maior consciência e passo a fazer escolhas, estas escolhas podem estar afirmando a vida, estarem em comunhão com o Ser das coisas, e pode ser uma negação do Ser das coisas, negar a vida, estar em separação com o Ser das coisas. E a manifestação da vida? Como entrar em comunhão com o Ser das coisas? Com uma ação de autoconhecimento, aceitar o que É, como É, uma pura manifestação do que É. E não podendo ser o que É, ser apenas uma representação do que É, e jamais o Ser das coisas.

A definição do Ser é importante para nos situarmos na História da humanidade quando houve momentos

cuja manifestação do Ser, era o próprio Ser das coisas, que negava a sua própria condição existencial. Se existe uma verdade soberana, então segundo Aristóteles, sábio da Antiguidade: “Negar aquilo que é e afirmar aquilo que não é, é falso, enquanto afirmar o que é e negar o que não é, é a verdade.” (ARISTÓTELES, 2012, p. 1183). Essa é a forma de se estar diretamente conectado com o Ser das coisas, ter uma iluminação da razão e se abrir para a possibilidade da iluminação da Graça do Ser das coisas, aquele que É. Só assim, nós enxergaremos a verdade, que é um atributo do Ser, que é infinito, ilimitado, único, sumo belo e sumo bem.

A sociedade do terceiro milênio é uma sociedade imersa na inverdade ao negar a existência do Ser metafísico, ao assumir um comportamento relativista perante a vida, pois o que É não pode Não Ser. Se ainda não contempla a verdade em sua plenitude, não quer dizer que a verdade não existe, ela apenas não foi revelada.

Este talvez seja um dos nossos maiores conflitos existenciais – a prevalência do Não Ser; e qual seria a causa? O mau uso da liberdade criativa que afasta a Humanidade da verdade soberana do Ser. O uso da Criatividade para contemplar a verdade, que é um ato racional da vontade apoiado em princípios aceitos pelo homem, pode traduzir uma ação humana que leve a ter uma vida voltada para o sumo bem.

UMA FILOSOFIA PARA A ORIENTAÇÃO DA CRIATIVIDADE HUMANA É A ÉTICA

A Filosofia é uma Ciência humana, que inclui a ética para debater e formular princípios que se colocam a serviço do homem. E por um ato racional da vontade, o homem passa a utilizar esses princípios que passam a orientar e conduzir a sua conduta e ação na vida.

O século XXI está diante de descobertas científicas, globalização, crises econômicas, políticas e ambientais exigindo uma enorme Criatividade do homem para obter soluções para os desafios expostos. As palavras chaves são: “Ação Criativa”.

A ação criativa só terá um resultado positivo se estiver vinculada à verdade, que é um atributo do Ser das coisas. E neste aspecto esboça-se a seguinte pergunta: Em quais princípios éticos apoia-se o uso racional da vontade para orientar a Criatividade, onde está a verdade? As Ciências são um caminho para a contemplação das verdades do Ser e a Ética é uma Ciência humana capaz de orientar o homem. A Ética propõe princípios que fundamentam o modo de ser no tempo e no espaço, que podem estar vinculadas à verdade ou não.

O homem existe em uma realidade tempo espacial, o seu corpo existencial é movido pela vontade e o intelecto que se faz agir a partir de princípios. Os princípios podem ser verdadeiros e revelar o Ser das coisas ou podem ser falsos, manifestar a possibilidade do Não Ser das coisas. Uma especialização da Ética é a Ética das virtudes que contém em seus princípios uma forma de ser moralmente virtuosa. No Manual de Ética, encontra-se que:

As questões do meio ambiente, multiculturalismo, avanços científicos e tecnológicos, entre outras, não podem ignorar conceitos como bem, virtude e caráter. [...] O marxismo, o existencialismo, a fenomenologia, a hermenêutica, o pragmatismo, a filosofia analítica e até as ciências sociais e humanas, de um modo ou de outro, retornam a Platão, Aristóteles, Epicuro, Zenão, Agostinho para falar do bem, da virtude e da felicidade. [...] Imediatismo, consumismo e individualismo levam-nos a concentrar a reflexão no homem concreto e cotidiano. Afinal, conforme Aristóteles, o ser humano é um ser social e político e, portanto, o relativismo cultural paradoxalmente volta a sua atenção às virtudes. (TORRES. 2014. p. 225).

A Bioética é uma especialização da Ética, que surge no século XX com o objetivo de resolver questões éticas, oriundas do desenvolvimento tecnocientífico no campo da saúde e da vida humana. Seus objetos de estudo são: vida, morte, saúde, doença, dor, sofrimento, qualidade de vida, saúde pública etc.

O que está em jogo é a dignidade humana e segundo o filósofo alemão Immanuel Kant (1714 – 1804), os moralistas e eticistas fazem uma distinção entre ter um preço ou ter uma dignidade:

O que tem um preço também pode ser substituído por uma outra coisa, a título de equivalente, pelo contrário, o que é superior a todo preço, o que, por conseguinte, não admite equivalente é o que tem uma dignidade³.

3 Immanuel Kant, *Fondements de la métaphysique des moeurs*, op. Cit., p. 112-113. Citado também em CCNE, *Relatório Sève*, p. 43. (Livro: *Introdução Geral à Bioética – História, Conceitos e Instrumentos* – 2014. p. 302)

A grande questão ética para o século XXI é saber onde está a dignidade humana. O modelo econômico dominante no mundo trata tudo e a todos como uma coisa que tem um preço e pode ser substituído por outra coisa equivalente.

São dois conceitos distintos que dividem a formas de pensamento, existe uma parcela da humanidade que acredita que tudo tem um preço, pode ser comprado e substituído pela força do capital e existe outra parcela da humanidade que defende o princípio da vida digna, que não pode ser comprada ou substituída, por se tratar de algo superior a tudo. São pensamentos que impactam diretamente no comportamento da vida humana, definem o presente e projetam o futuro, seja mais ou menos moralmente virtuoso. O dilema, portanto, é: em qual princípio ético será o apoio de uma ação criativa no mundo atual? A Criatividade será utilizada para contemplar a verdade ou a mentira? O que as Ciências têm a dizer?

A BIOÉTICA DE VAN RENSSELAER POTTER

O pesquisador Van Rensselaer Potter (1911 – 2001) foi um bioeticista que compreendeu a importância da ética para orientar a Ciência e com este enfoque surge a Bioética:

Van Rensselaer Potter foi um bioquímico norte-americano, professor e pesquisador na área da oncologia no McArdle Laboratory for Cancer Research, da Universidade de Wisconsin, na cidade de Madison, nos Estados Unidos. Sua vasta experiência e anos de pesquisa sobre câncer o fez propor o surgimento de um novo conceito interdisciplinar que procura unir a

ética e a ciência em um novo enfoque. Desse modo, procurou construir um diálogo entre a ciência da vida (biologia: bios, vida) e a sabedoria prática (filosofia, ética, valores), criando, assim, o neologismo bioético. A bioética de V. R. Potter pode ser definida como uma nova ética que combina humildade, responsabilidade e competência interdisciplinar e intercultural, potencializando o senso de humanidade. O conceito original de bioética de V. R. Potter como uma integração entre biologia e valores – especialmente a filosofia moral – foi pensado para orientar a sobrevivência humana. (SGANZERLA; ZANELLA. 2018. p. 35)

A proposta de Van Rensselaer Potter é uma Bioética comprometida com a sobrevivência humana, uma ética da vida e do ser vivo. Ele faz uma reflexão sobre as questões ecológicas que inclui o problema de uma superpopulação para o planeta Terra. É uma visão sobre a vida em geral: vida vegetal, vida animal, vida humana, sob todos os seus aspectos, ou seja, não está restrito ao campo biomédico.

Potter fez o uso da Criatividade para contemplar a verdade e produziu a obra, a *Bioética Global*, com forte perspectiva ecológica. Ele se inspirou em seu colega Aldo Leopold, engenheiro florestal, que preocupado com a vida selvagem, cria o conceito de “Ética da Terra”.

A Ciência vem dizendo há décadas que a humanidade precisa mudar o seu comportamento, sua postura ética no mundo, para o surgimento de uma sociedade comprometida com valores ecológicos: preservação, sustentabilidade, sobrevivência etc. Um modo de ser que contrasta com a economia do consumo irresponsável. O

movimento ecológico busca conscientizar e educar a todos, em especial os jovens para que as futuras gerações quando estiverem dirigindo o mundo tomem decisões mais assertivas, próximas das verdades reveladas pelas Ciências.

O movimento dos negacionistas científicos é uma ação coordenada na direção oposta, busca negar as verdades científicas, pois está comprometido com os grupos econômicos que se recusam a mudar o próprio comportamento e a sua ética empresarial.

É neste momento que os conceitos kantianos de se ter um preço ou ter uma dignidade, entram em embate. O homem está diante da necessidade de fazer uma escolha e esta escolha está vinculada aos princípios éticos, que pode ser dirigida por sua vontade racional. É o momento que o homem terá que assumir uma posição consciente na vida. É a oportunidade de usar a Criatividade para contemplar à verdade, assumir o Ser das coisas, se aproximar de decisões mais assertivas, livres de interesses egoístas, voltadas para o bem comum da coletividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de se abordar a questão filosófica do Ser e as Ciências têm o propósito de demonstrar o quanto o homem pode se aproximar ou não da verdade, que é relativa ao bem coletivo. Ao assumir o negacionismo científico que não permite a contemplação da verdade, que é uma postura do Não Ser, ocorre a aceitação da mentira como uma “verdade”, ou a manifestação da mentira. Em uma pesquisa financiada pela FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Renan

Leonel, pesquisador na Faculdade de Medicina da USP, em entrevista, afirma sobre o negacionismo científico: a produção política e cultural de desinformação, que:

Antes restrito a grupos articulados em torno de interesses religiosos ou econômicos específicos e aos amantes de teorias da conspiração, o negacionismo científico tem ganhado corações e mentes nos últimos anos por intermédio das redes sociais. Com a chegada da COVID-19, o fenômeno se intensificou e o que era a contracorrente tornou-se, em alguns casos, discurso oficial e política de Estado. (AGÊNCIA FAPESP. 2020, s.p.)

Neste horizonte de reflexões, a Bioética de Van Rensselaer Potter, aponta para o futuro e faz a seguinte pergunta: Ecologia ou Economia? E apresenta uma previsão nos anos 70:

Durante as próximas três décadas, vamos testemunhar uma disputa fatídica entre duas escolas de pensamento, e não pode ser previsto se elas vão harmonizar e se integrar ou se vão se tornar cada vez mais polarizadas, com uma vitória eventual de uma escola sobre a outra. (POTTER, 2016, p. 179).

Qual escola de pensamento irá vencer? A Bioética tem um conjunto de princípios que podem orientar o homem que tem como propósito fazer uso da Criatividade para contemplar à verdade do Ser. O futuro depende do que se escolhe no presente. Neste momento, o homem tem que assumir com uma honestidade intelectual, as verdades das Ciências e reconhecer o seu valor ao contemplar a verdade, que é o que existe.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**; Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bosi; Revisão da Tradução e Tradução dos novos textos de Ivone Castilho Benedetti. 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.
- FEDELI, Orlando. **Antropoteísmo** – A Religião do Homem. São Paulo: Editora Celta, 2011.
- AGÊNCIA FAPESP. **O Negacionismo científico**: a produção política e cultural de desinformação. Publicado em 02 de setembro de 2020. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/negacionismo-cientifico-a-producao-politica-e-cultural-de-desinformacao/34028/> . Acesso em: 16 out. 2021.
- AQUINO, Santo Tomás de. **Suma teológica**: Deus, Trindade, volume 1 : I parte : questão 16. 6 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2021.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. vols. I, II, III. 2. ed. Ensaio introdutório. Tradução do texto grego, sumário e comentários de Giovanni Reale. Tradução portuguesa de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- DURAND, Guy. **Introdução Geral à Bioética**: história, conceitos e instrumentos. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. 5. ed. São Paulo: Centro Universitário São Camilo / Loyola, 2014.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens** – Uma breve história da humanidade. Tradução de Janaína Marcoantonio. 29. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.
- MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de ética**: de Platão a Foucault. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- MOLINARO, Aniceto. **Léxico de metafísica**. Tradução de Benôni Lemos, Patrícia G. E. e Collina Bastianetto. São Paulo: Paulus, 2000.
- MOLINARO, Aniceto. **Metafísica**: curso sistemático. Tradução de João Paixão Netto e Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 2002.
- PESSINI, Leo; SGANZERLA, Anor; ZANELLA, Diego Carlos

- (orgs.) **Van Rensselaer Potter, um bioeticista original**: escritos de Bioética. São Paulo: Edições Loyola, 2018
- POTTER, Van Rensselaer. **Bioética global**: construindo a partir do legado de Leopold Van Rensselaer Potter. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2018.
- _____. **Bioética**: ponte para o futuro. Tradução de Diego Carlos Zanella. São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- SGANZERLA, Anor; ZANELLA, Diego Carlos (orgs.). **A Bioética de Van Rensselaer Potter**: 50 anos depois. Curitiba: PUC-PRESS, 2020.
- TORRES, João Carlos Brum (org.). **Manual de Ética**: questões de ética teórica e aplicada. Petrópolis, RJ: Vozes; Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias dos Sul; Rio de Janeiro: BNDES, 2014.

2 A Criatividade como manifestação da Felicidade e da Autorrealização do Ser

Elias de Lima Calil¹
Moacir Ferreira Filho²

RESUMO

O presente estudo objetiva fazer elucidacões acerca da Criatividade, Felicidade e Autorrealização do Ser. Pretende-se a partir de uma concepção de inerência da busca pela Felicidade, identificar a Criatividade como ferramenta para a Felicidade e, conseqüentemente, a Autorrealização. Adotando referenciais teóricos e conceituais diversos, foi possível traçar o itinerário epistemológico de modo que a *eudaimonia* fosse identificada como um fator natural ao ser humano que possui *logos* e vai em busca do sentido da vida. Ao longo de suas experiências e na tentativa de vislumbrar um estado perene de Felicidade, as relações humanas exigem dele a Criatividade e é possível identificar a Autorrealização do Ser. A Criatividade e a Felicidade podem ser manifestações da Autorrealização. Trata-se de um estudo bibliográfico que não pretende esgotar o tema, muito pelo contrário, indica a necessidade de mais pesquisas que relacionem tais fatores e sejam capazes de responder às questões inquietas de uma humanidade composta por seres em busca de Felicidade e Autorrealização.

Palavras-chave: Criatividade. Felicidade. Autorrealização.

1 Graduando em Psicologia pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) com bolsa de pesquisa PVIC (UMESP). E-mail: calil.elias@outlook.com

2 Doutorando em Ciências da Religião (UMESP) com programa intercalar com a Universidade Católica Portuguesa (UCP). Professor do Curso de Filosofia do Centro Universitário FAVENI. E-mail: moacirff@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Certamente, a Ciência não consegue alcançar a totalidade da complexidade do ser humano, mas ela é capaz de observar, estudar, amparar e, quando compactua com valores éticos, melhorar a vida da humanidade. No caso desse estudo, pretendeu-se recorrer à Filosofia e Psicologia para que sejam norteadoras no que se refere à Criatividade como um dos elementos possíveis de manifestação da Felicidade e da Autorrealização do Ser. É nessa imbricação que esse estudo se debruça.

Num primeiro momento, trata-se da busca pela compreensão da (in)felicidade como um fator natural à vida dos seres humanos; como será exposto, nem sempre o ser humano é feliz. Quem dera existisse uma fórmula para isso! Dado esse primeiro passo, observa-se, do ponto de vista histórico o projeto da humanidade e qual a sua perspectiva futurística.

Conta-se, no terceiro momento, com as teses aristotélicas acerca do conceito de *eudaimonia* que foi traduzida como *felicidade* para o português. O que o filósofo dos séculos longínquos tem a dizer sobre Felicidade para o século XXI? Por fim, no concluir das exposições e amarração de ideias e conceitos, pretendeu-se correlacionar essa tríade de conceitos como manifestações do Ser.

A BUSCA PELA (IN)FELICIDADE

Certamente, ao realizar uma breve pesquisa de campo e se for perguntado às pessoas o que elas buscam na vida e por que elas fazem o que fazem, se não todas, uma maioria responderia: “eu quero ser feliz!”. Ninguém acorda cedo numa manhã fria de inverno para ir trabalhar

simplesmente por gostar. Nesse exemplo, o corpo solicitará mais alguns minutinhos de cama, mas a consciência do trabalhador determinará que ele vá mesmo que as condições sejam adversas.

Consciente ou inconscientemente, ao se forçar ir ao trabalho nesta manhã fria, óbvio que a pessoa o faz por obrigação e por responsabilidade, mas no fundo, ela pensa que aquele trabalho provê seu sustento e futuramente, ou agora mesmo, pode trazer-lhe Felicidade.

Ninguém casa querendo ser infeliz. Quando alguém se casa é porque está numa tentativa de ser feliz (embora a “receita” possa falhar). Isso serve para namoro, casamento, acúmulo de bens, saídas noturnas, estudar, comer, beber, dançar... Enfim, cada pessoa faz o que faz por estar em busca de uma coisa: ser feliz. Ninguém deseja ser infeliz, nem mesmo se estiver dominado por alguma psicopatologia, tal como a depressão em que os sentimentos e pensamentos são marcados pela negatividade (CAMARGO; MAGALHÃES, 2020).

Nem mesmo um suicida pode ser julgado como quem quer alcançar um tipo de mal. Muito pelo contrário, ao chegar a tal proposição extrema, uma pessoa toma essa decisão e a realiza tendo em vista o término de seu sofrimento. Noutras palavras, ela pensa em diminuir a dor, a morte não é entendida como uma punição para si, mas como um meio de acabar com a dor, mesmo que seja uma ilusão de uma busca por um tipo de Felicidade. Seguindo o raciocínio de Soren Kierkegaard (1813 – 1855), é uma espécie de desejo por viver sem angústia, sem dor e sem conflitos.

Para Kierkegaard, é justamente este anseio que nos leva ao extremo desespero. A angústia que surge em meio ao perigo crescente tornando a morte em esperança, na verdade, transforma a esperança numa pseudo esperança que sucumbe ao desespero. (MADUREIRA, 2003, p. 65).

Na perspectiva do pensamento de Tomás de Aquino (1225 – 1274), todo ser humano, naturalmente, em seu estado de saúde equilibrado, busca a Felicidade. É da natureza humana, ir em busca de ser feliz, autorrealizar-se. Tal como o Aquinense, é possível recorrer ao pensamento de Aristóteles:

[...] todo conhecimento e todo trabalho visam a algum bem, quais afirmamos ser os objetivos da ciência política e qual é o mais alto de todos os bens que se podem alcançar pela ação. Verbalmente, quase todos estão de acordo, pois tanto o vulgo como os homens de cultura superior dizem ser esse fim a felicidade e identificam o bem viver e o bem agir como o ser feliz. (ARISTÓTELES, 1991, p. 5).

Viktor Frankl (2011, p. 29) ensina que a autotranscendência, presente apenas nos seres humanos, concede “a qualidade de um ser que se move numa busca para além de si mesmo”, ou seja, o indivíduo confere à sua existência um *logos*, de modo que este sentido não lhe é dado explicitamente pela vida, mas ela mesma o indaga e ele descobre o sentido a ser realizado em sua vida no mundo através das relações. Segundo Martin Buber (2001), existem dois modos de se relacionar: EU-TU e EU-ISSO. No primeiro, o ser é atravessado pela presença viva do outro que o convoca a dar uma resposta a esse TU, em uma

relação dialógica; já a relação EU-ISSO utiliza dos entes como objetos para demarcar a existência do Ser ou para atingir uma finalidade.

Villas Boas (2021) escreve que o *logos* para Frankl se manifesta como o *humano do humano*, é aquilo que dá sentido à vida pessoalmente e em situações concretas. Ele supera a lógica.

No conceito de *patodiceia* frankliana, coincide tanto a questão do desocultamento heideggeriano e a consciência trágica nietzschiana, constitutivas daquilo que o autor chamou de otimismo trágico, enquanto capacidade humana de dar sentido à vida apesar da tragédia, e passa a viver a existência em dinâmica de consumação, tendo como efeito a realização de um sentido [...]. Assim o ser humano não é livre de seus condicionamentos, mas tem a liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas (VILLAS BOAS, 2021. p. 30).

Na perspectiva desse estudo, assumir uma atitude frente às condições dadas da vida, acatar a postura desse otimismo trágico e procurar dar sentido à vida apesar da tragédia, exige do sujeito um ato vital de **Criatividade**, sendo assim, essa busca pelo *logos* é a busca pela Felicidade, e conseqüentemente, pela Autorrealização.

No mundo contemporâneo líquido³, dominado pelo digital, pela rapidez e pela fluidez das coisas e das relações, a palavra “felicidade” está diretamente ligada às coisas, bens materiais ou estilos de vida. Esse fato não é algo

3 Como caracterizado por Zygmunt Bauman em *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

inédito da contemporaneidade, pois essa tentativa de alcançar a Felicidade através de bens já foi denunciada por Tomás de Aquino no século XIII.

Aquelas (riquezas artificiais) são as que o homem busca para satisfazer suas necessidades naturais, como a comida e a bebida, os vestuários, os transportes, a habitação e outras semelhantes. Estas são as que não provêm da natureza, em si mesmas, como o dinheiro, mas que a arte humana inventou para facilitar as trocas e são como a medida das coisas veniais. (ST I-II, q.2, a.1)⁴

Compactuando da visão aristotélica das virtudes, Tomás de Aquino também assume a posição de que a Felicidade quando depositada em bens terrenos é ilusória e essa deve consistir em levar uma vida ética virtuosa de modo que ela seja verdadeira e duradoura.

UM PROJETO PARA A HUMANIDADE

Harari (2015) escreve que além de tentar superar a mortalidade, o segundo grande projeto da humanidade é encontrar a chave para a Felicidade. Como já pontuado anteriormente, ao longo da História, muitos pensadores definiram (ou tentaram definir) a Felicidade como um bem supremo. Epicuro, na Grécia Antiga, explicou que a Felicidade é o único propósito da vida. Para ele, a busca da Felicidade era algo de cunho pessoal.

Quando Epicuro definiu a felicidade como o bem supremo, advertiu seus discípulos de que ser feliz exige trabalho duro. Conquistas materiais

4 Lê-se: Suma Teológica, primeira parte da segunda, questão 2, artigo 1.

não proporcionam satisfação por muito tempo. Na verdade, a perseguição cega do dinheiro, da fama e do prazer só torna as pessoas infelizes. Epicuro recomenda, por exemplo, comer e beber com moderação e refrear os apetites sexuais. No longo prazo, uma amizade profunda provoca mais alegria do que uma orgia frenética. Epicuro delineou uma ética do que se deve e não se deve fazer para orientar as pessoas no traiçoeiro caminho para a felicidade. Epicuro aparentemente percebeu que ser feliz não é algo que acontece com facilidade. (HARARI, 2015, p. 34-35).

Numa perspectiva menos metafísica, Harari (2015) destaca que a Felicidade pode estar ligada a processos bioquímicos e não necessariamente a conquistas econômicas e sociais. Seguindo seu raciocínio, uma pessoa não busca, por exemplo, uma promoção no trabalho tendo como finalidade apenas a promoção em si, mas tem em vista a sensação que essa promoção pode proporcionar. Talvez, o segredo seja tentar causar essa sensação no ser humano sem precisar de fatores externos. Essa seria a tal chave para a Felicidade. A Autorrealização, nesse caso, estaria atrelada a conquistas profissionais e econômicas que geram uma sensação no ser que a denomina de Felicidade.

Segundo as ciências biológicas, a felicidade e o sofrimento não são mais do que sensações corporais balanceadas de maneiras diferentes. Nunca reagimos a acontecimentos no mundo exterior, somente a sensações que ocorrem em nosso corpo. Ninguém sofre porque perdeu o emprego, porque se divorciou ou porque o governo deu início a uma guerra. O que faz as pessoas infelizes são as sensações desagradáveis

verificadas no próprio corpo. Perder o emprego certamente pode desencadear uma depressão, que é em si um tipo de sensação corporal desagradável. (HARARI, 2015, p. 37).

Se na História da humanidade muitos tentaram definir e encontrar meios para se chegar a tal da Felicidade, nos dias atuais isso não é diferente. Ademais, tal como qualquer outra coisa, com tanto uso, o termo *felicidade* parece desgastado, muito utilizado, com várias facetas, mas pouco se reflete acerca dele. Obviamente, não existe um consenso sobre definições e nem acerca dos meios para que uma pessoa seja feliz, mas no recorte dessa proposta de estudos, recorre-se a algumas ideias de Aristóteles.

A EUDAIMONIA

Segundo Martins (1994, p. 178), o estagirita é o pensador antigo que mais articula sobre o tema da Felicidade e a tem como tema basilar na formulação de sua ética e política. Na base do pensamento aristotélico, existe o estudo das 4 causas. Uma delas é a chamada causa final⁵ que consiste na ideia de que tudo que existe na natureza possui uma finalidade, uma função, algo para o qual isso existe. No Livro I da *Ética a Nicômaco*, o grego define Felicidade como “certa atividade da alma, realizada em conformidade com a virtude” (I, 13, 1102b).

Aristóteles⁶ postulou que toda atividade possui um *telos*, isto é, um fim. Esse fim consiste no agir bem, agir de acordo com a finalidade de cada coisa. Nesse sentido,

5 As outras três são: causa material, causa eficiente e causa formal.

6 Livro I da *Ética a Nicômaco*.

Martins (1994, p. 183) aponta que já no século IV, grande parte das pessoas defendiam que o bem supremo ou o fim último a ser alcançado pelo ser humano através de sua ação é a *Eudaimonia*. O conceito grego para Felicidade é traduzido como *Eudaimonia*⁷ que na concepção etimológica pode ser visto como “ser habitado por um bom gênio”.

Ainda no Livro I, Aristóteles pretende definir o conteúdo da Felicidade questionando a autenticidade da atividade humana. Aparece então um conceito grego denominado *ergon* que muitas vezes é traduzido como *função*. Deste modo, discute-se qual é a função do ser humano no mundo. A *Eudaimonia* consistirá, portanto, na atividade propriamente humana, isto é, naquela que determinar exatamente sua função no mundo, isto é, o fim para o qual ele existe. Para chegar a essa conclusão, Martins (1994, p. 185) escreve que o grego se utiliza do método de eliminar as funções que o ser humano partilha com os outros seres vivos, até restar somente aquilo que é exclusivamente humano. Por exemplo, no que se refere à vida vegetativa, não só o ser humano cresce, nutre-se e se reproduz. Também as plantas e os animais irracionais executam essas atividades. Portanto, essas não são atividades exclusivamente humanas. No que se refere à vida sensitiva, também os animais irracionais veem, ouvem, cheiram, sentem superfícies e sabores, portanto, essas não são atividades exclusivamente humanas.

Para Aristóteles, o ser humano é diferente por possuir *logos*. O uso das palavras é uma atividade que está direta-

7 εὐδαιμονία

mente ligada à *psyché*. Neste sentido, a atividade exclusivamente humana só pode ser aquela que provém da parte humana que possui o *logos*.

Estamos no núcleo da doutrina aristotélica: a Felicidade do ser humano não consiste em *ter*, *obter* ou *possuir* o que quer que seja, mas em *estar ativo*; a Felicidade não poderá ser outra coisa que não seja a atividade mais autenticamente humana, a ação humana mais excelente (MARTINS 1994, p. 185 – grifos do autor).

Nessa perspectiva, a *Eudaimonia* consistirá na atividade racional desempenhada de modo excelente, fato esse que levou Aristóteles a escrever o Tratado das Virtudes em sua obra sobre Ética, pois seria através delas que o ser humano chegaria até essa Felicidade.

Alcançar a *Eudaimonia* consiste, portanto, numa atividade constante, exige um esforço durante toda a vida. É considerada um bem supremo e é um item essencial para o desenvolvimento da ética do ser político, de acordo com as teses aristotélicas.

FELICIDADE, CRIATIVIDADE E AUTORREALIZAÇÃO

De acordo com a perspectiva teórica exposta e tendo em vista a vida prática e cotidiana, tudo faz entender que, de fato, encara-se a Felicidade como algo a ser atingido e não “o aqui e agora”, como consideravam os latinos “*hic et nunc*”. Parece que o presente nunca está suficiente. Geralmente, já se foi feliz no passado (e não se sabia) ou o futuro é que reserva alguma Felicidade como prêmio

dos esforços realizados no presente. Se de repente, uma pessoa entende a Felicidade como uma meta, um estado permanente de realização, ela deixa de perceber o presente. Toda ação realizada no presente é uma possível Felicidade e, conseqüentemente, uma possível Autorrealização no futuro.

Contraopondo essa tese de *Eudaimonia* como meta para a Autorrealização, Rubem Alves em uma entrevista concedida a Antônio Abujamra exibida em 3 de maio de 2011 pela TV Cultura no programa “Provocações”, expõe que do seu ponto de vista, a Felicidade ocorre aos poucos nos momentos simples da vida: tomar banho, comer algo saboroso, tomar uma água gelada quando se está com sede e assim por diante.⁸ Na perspectiva alvesiana, por meio desta afirmação pode-se inferir que o sujeito se realiza ao longo do processo. A Felicidade ocorre durante o processo dialético da vida e nessa dinâmica o sujeito manifesta, aos poucos, sua Autorrealização.

A Criatividade, por sua vez, é considerada um fator inerente ao ser humano, sendo que uma característica que lhe é própria resulta da interação entre o sujeito e seu ambiente – considerando seu contexto histórico, social, cultural e sua história de vida, pois a exigência do ambiente externo ou interno do indivíduo lhe solicita algo (STOLTZ, 2021).

Ao explicar tal conceito, Sakamoto (2020) ressalta que este “é um fenômeno gerador de discordância entre as abordagens teóricas, já que possui múltiplas facetas e é conceitualizado sob diversos prismas”. A referida auto-

8 9min30s.

ra explica que a Criatividade é estudada, principalmente, sob quatro pontos de vista: 1- **da pessoa criativa**, incluindo a personalidade, comportamentos, valores, aspectos cognitivos e biológicos; 2- **do processo criativo**, em suas fases e elementos cognitivos, como percepção e aprendizagem; 3- **do produto criativo**, avaliando se o resultado do processo criativo atende aos critérios de originalidade e usabilidade; 4- **das influências ambientais**, englobando a cultura e aspectos do ambiente em que o indivíduo está inserido.

De acordo com Sakamoto (2007, p. 20), a atividade criadora reunirá o que é significativo para o indivíduo, considerando os elementos internos e externos, ou seja, através das associações dos elementos que lhe são considerados importantes, o indivíduo soluciona ou elabora a situação que mobilizou o potencial pessoal.

O psicólogo humanista Carl Rogers (2009, p. 406), neste sentido, afirma:

Portanto, minha definição do processo criativo é que se trata da emergência na ação de um novo produto relacional que provém da natureza única do indivíduo por um lado, e dos materiais, acontecimentos, pessoas ou circunstâncias da sua vida, por outro.

Segundo a definição de Criatividade elaborada por Rogers (2009), não há diferença entre “boa” ou “má” Criatividade. O processo que origina a criação é o mesmo para ambas, sendo que o que vai distingui-las é o valor social. Entretanto, cabe ressaltar que tal valoração social é flutuante pelo fato de serem subjetivas aos indivíduos que compõem determinado grupo. Como o próprio autor re-

lembra, Galileu e Copérnico fizeram descobertas criativas, mas que foram consideradas como blasfemas e imorais em sua época e hoje são consideradas fundamentais.

Considerando a possibilidade de valoração negativa por parte do grupo em que o sujeito está inserido, chega-se à problematização: – como a atividade criativa, sendo resultado da relação entre indivíduo e contexto, pode ser utilizada como ferramenta e manifestação da Felicidade do sujeito?

Para auxiliar este estudo, é possível se utilizar do conceito de Autorrealização proposto por Rogers (2018, p. 42), que afirma: “fico impressionado com a tendência que todo ser humano exhibe em direção à totalidade, em direção à realização de suas potencialidades”, ou seja, apesar das dificuldades enfrentadas no decorrer da vida, mesmo aquelas situações que parecem não ter solução, a tendência das nossas ações é a Autorrealização.

A tendência à totalidade, presente na Autorrealização, também existe na Criatividade, de modo que em condições favoráveis o indivíduo realiza seu potencial criativo, sendo o comportamento criativo direcionado à Autorrealização (ROGERS, 2009, p. 408). Para o autor, o comportamento criativo ocorre, primeiramente, por causar prazer ao indivíduo que cria, visto que tal ação é sentida como Autorrealização.

Myers (2014), por sua vez, ensina que “as pessoas valorizam o seu sentido de liberdade e de autoeficácia”, ou seja, o ser humano preza por sua singularidade, de modo que, ao se perceber *singular* sente-se mais confortável no ambiente em que está inserido. Rogers (2009, p. 135) a este respeito, refere que uma pergunta importante acom-

panha o indivíduo criativo: “Estarei vivendo de uma maneira que é profundamente satisfatória para mim, e que me expressa verdadeiramente?”

Sendo assim, quando o indivíduo se expressa genuinamente, ele estará sendo congruente com o que habita sua consciência e o que é manifesto em seu comportamento (ROGERS, 2018), o que lhe possibilitará se tornar capaz de estar “aberto” para a experiência que a vida lhe apresenta. Rogers (2009) afirma então, que ao se abrir à experiência a pessoa agirá de modo criativo.

CONCLUSÃO

Embora todo ser humano almeje alcançar a Felicidade, ela é fugidia. Contudo, é necessário admitir que a busca por dar sentido ao viver e pela Felicidade é inerente ao ser humano, ainda que não se questione os caminhos ou até mesmo, que se tenha uma ideia distorcida de Felicidade. Tudo visa esse bem, até mesmo o suicídio numa tentativa de aliviar uma dor.

Com base no exposto, é possível afirmar que a busca pela Felicidade também é a busca pela Autorrealização e que o processo criativo que resulta da interação entre indivíduo e ambiente, oferece uma resposta às infinitas indagações da existência. Deste modo, emerge um impulso da potencialidade de evoluir no sujeito, que é a capacidade criativa ou o veículo e instrumento fundamental para a busca da Felicidade.

Correlacionar a ocorrência do processo criativo como meio e instrumento para o alcance da Felicidade e, conseqüentemente, da Autorrealização, ainda é tema escasso de pesquisas. Nas plataformas de pesquisas, ou banco de

dados científicos, de modo geral, encontram-se estudos acerca de cada assunto de maneira isolada, sendo a inter-relação desses três temas foco relevante a ser proposto.

Com a premissa do presente estudo que o processo criativo é fundamental para a Autorrealização – visto que o Ser tende a realizar suas potencialidades em condições favoráveis para a expressão genuína de sua singularidade, considera-se a Criatividade, por sua vez, parte de um impulso em direção à totalidade.

Em suma, parece inevitável perceber que se abre uma janela de novas hipóteses para uma fértil discussão e de necessidades de pesquisas que convidam a mais estudos referentes ao tema.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova cultural, 1991.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001.
- CAMARGO, José Alberto de; MAGALHÃES, Naiara **Do que estamos falando quando falamos de ansiedade, depressão e outros problemas emocionais**. 3 ed. São Paulo: Vestígio, 2020.
- FRANKL, Viktor. **A Vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. Ed. Ampliada. São Paulo: Paulus, 2011.
- _____. **Um sentido para a vida: Psicoterapia e Humanismo**. 21. ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.
- _____. **O sofrimento de uma vida sem sentido: Caminhos para encontrar a razão de viver**. São Paulo: É realizações, 2015.
- _____. **Em busca de sentido**. 43. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2018
- HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus – Uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.
- KIERKGAARD, Soren. **O Desespero Humano**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1974.

- MADUREIRA, Jonas. O Significado de Desespero e o Problema do Suicídio em Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, n. 3 - Abril de 2003.
- MARTINS, António Manuel. A doutrina da eudaimonia em Aristóteles – Da urgência de uma reconsideração da compreensão aristotélica da ética. Universidade de Coimbra: **Revista Hvmánitas**, v. XLVI, p. 177 – 197, 1994.
- MYERS, David G. **Psicologia Social**. 10 ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.
- PROVOCAÇÕES – Rubem Alves. TV Cultura. São Paulo, 2011. Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/54869_provocacoes-rubem-alves.html. Acesso em: 15 dez. 2021.
- ROGERS, Carl Ransom. **Um jeito de ser**. São Paulo: E.P.U., 2018.
- _____. **Tornar-se pessoa**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- SAKAMOTO, Cleusa Kazue. As mil e uma realidades da experiência criadora: uma metáfora do gênio criativo. In: SAKAMOTO, Cleusa Kazue (Org.). **Um olhar criativo sobre a prática em psicologia**: Proposições teóricas e técnicas. São Paulo: Editora Mackenzie, p.17-27, 2007.
- _____. **Criatividade e suas definições básicas** (livro eletrônico). São Paulo: Gênio Criador, 2020.
- STOLTZ, Tania. Apresentação - Criatividade e emoção na educação como desafio. **Educar em Revista** [online], v.37, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.83545>>. Acesso em: 05 jan. de 2022.
- TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia**. São Paulo: Loyola, 2002.
- VILLAS BOAS, Alex. **Teologia e poesia em Carlos Drummond de Andrade**. Busca de sentido e razão de recusa de Deus. Lisboa: Imprensa Nacional, 2021.

3

Criatividade, Educação e rebeldia no contexto tecnológico e pós-moderno. Uma reflexão a partir de Paulo Freire e Edgar Morin

André Luiz Boccato de Almeida¹

INTRODUÇÃO

Tratar sobre o tema da Criatividade, Educação e rebeldia no atual contexto cultural não é uma empreitada fácil, principalmente quando se necessita vislumbrar o horizonte tecnológico e pós-moderno. Colocar ainda, Paulo Freire e Edgar Morin como interlocutores nesta empreitada, torna-se uma oportunidade de alargar a reflexão para uma impostação de caráter sociopolítico, com um viés emancipador ao sujeito.

Diante da avalanche de mudanças sociais e globais a que o sujeito é submetido com frequência, em meio a consequências imprevisíveis em seu ser, refletir sobre a Criatividade é uma forma de devolver à própria pessoa, a responsabilidade na busca por soluções viáveis. Ela é a força motriz interior (consciência) que desperta a subjetividade anestesiada no enfrentamento de situações,

¹ Pós-doutor em Teologia (PUC-PR); Doutor em Teologia moral (Lateranense-Roma); Mestre em Teologia (PUC-SP); Especialista em Educação Sexual (UNISAL-SP); Licenciado em Ciências Sociais (FAFICA-PE). Bacharel em Teologia (EDT/Angelicum). Psicanalista. Professor no Programa de Pós-graduação e graduação em Teologia na PUC-SP e no Instituto Teológico Pio XI (Unisal-SP). Líder do Grupo de Pesquisa PHAES (Pessoa Humana, Antropologia Ética e Sexualidade). E-mail: a.l.boccato@gmail.com

de novos problemas e para encarar a vida com coragem, audácia e novas propostas. Sabe-se que o ser humano é o único ser com capacidade criativa diante dos determinismos que o paralisam. A Criatividade é um dinamismo que se soma às várias dimensões da vida, onde o sujeito experimenta a sua peculiar vocação no mundo: refletir, educar e sonhar.

É neste contexto humanista e propositivo que o tema da Criatividade será abordado. Associar a ele o da Educação e o da rebeldia é tocar na capacidade mais original e própria da pessoa diante dos vários condicionamentos, aos quais, a pessoa é chamada a tomar consciência e se emancipar gradualmente com ternura e criticidade. Propõe-se aqui, apresentar uma nuance de Criatividade no contexto pós-moderno com seus impactos sobre o sujeito. Paulo Freire e Edgar Morin serão os interlocutores no sentido de porta vozes da possibilidade criativa interior a ser conscientizado na pessoa. A argumentação se desdobrará em três direções. Na primeira, o tema da Criatividade será refletido dentro do contexto tecnológico e pós-moderno, que tanto desafiam a consciência e o lugar do sujeito no mundo. Posteriormente, será apresentada a visão de Educação, rebeldia e Criatividade à luz do pensamento de Paulo Freire, com sua originalidade ainda atual. Enfim, na terceira direção, destacar-se-á, no pensamento de Edgar Morin, sua noção de Educação para a complexidade de forma crítica para a rebeldia e o amor, sentido último da realização da pessoa de forma criativa no seu contexto.

CRIATIVIDADE NO CONTEXTO TECNOLÓGICO E PÓS-MODERNO

O tema da Criatividade é inerente à pessoa. O ser humano caracteriza-se por sua complexa e profunda capacidade moral de se descobrir continuamente em meio ao convívio social, impondo-se racionalmente à medida que capta a universalidade². Não é que nascemos criativos; vamos tornando-nos criativos quando percebemos que somos diferentes do mundo circundante e necessitamos nos impor para salvaguardar a nossa originalidade dentro do contexto maior.

Pode-se dizer que é na sua individualidade que o ser humano deve encontrar um sentido para a sua vida, para aquela parte de si mesmo que não está submetida ao cálculo, que não tem nenhuma utilidade para o trabalho da sociedade. É a própria sociedade que o obriga a se voltar sobre a sua individualidade, essa que o expõe à insegurança, que não realizou a justiça, que desvaloriza tudo o que tem sentido para o indivíduo como tal.

A Criatividade, em última instância, é uma realidade dialética e sintética que se dá na vida interior, *locus* que constitui a própria individualidade. É nesta insistente insatisfação do ser humano³, envolvido nas lutas e busca de sentido, que brota em seu interior, expandindo para fora de si, a Criatividade e sua capacidade de ser único e irrepetível, em detrimento das cobranças externas.

2 Cf. WEIL, Eric. **Filosofia política**. São Paulo: Loyola, 1990, p. 34. (Coleção Filosofia. Série Traduções).

3 Cf. *Ibidem*, p. 124.

Segundo Fromm (1979), o processo de Criatividade acompanha o amadurecimento psíquico e ético do indivíduo. À medida que a criança emerge daquele vínculo e mundo de segurança, ela dá-se conta de que está só, de ser uma entidade separada de todas as outras. Esta separação de um mundo, que em comparação com a existência individual de cada um é esmagadoramente forte e poderoso, e muitas vezes ameaçador e perigoso, cria uma sensação de impotência e angústia⁴. Assim como uma criança jamais pode retornar fisicamente ao ventre materno, tampouco pode inverter, psiquicamente, o processo de individuação.

O processo educativo, deste modo, caracteriza-se propriamente como um ato de rebeldia criativa diante de si mesmo e do mundo ao redor. Não se podendo retornar para uma condição de harmonia ilusória e nem de fuga do conflito, o ser humano é chamado a enfrentar com Criatividade a vida real, mediante o diálogo amoroso e aceitando a objetividade da vida, sem se reduzir a uma condição de total submissão.

O contexto tecnológico e pós-moderno impõe ao sujeito contemporâneo uma série de novos condicionamentos, que o forçam a ser um criativo indivíduo em processo de reflexão e construção. A era tecnológica está profundamente enraizada no *ethos* contemporâneo e pode ser considerada como a responsável em unir a humanidade na modernidade nos mesmos objetivos de busca pelo desenvolvimento.

4 Cf. FROMM, Erich. **O medo à liberdade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 33.

O conceito de Técnica se distingue, em princípio, do conceito de Tecnologia. A Técnica pode significar qualquer atividade humana capaz de produzir determinado resultado material ou simbólico no meio que vive o ser humano, transformando as coisas naturais em coisas fabricadas e utilizáveis. A Tecnologia pode ser compreendida como o estudo das técnicas e como a totalidade das técnicas utilizadas por um determinado grupo humano⁵. Nesse último significado é sinônimo de técnicas e tem seu lugar histórico e semântico nos tempos modernos, quando se pode verificar um conjunto de técnicas que passam a estruturar a vida humana de um modo geral.

Podemos dizer que a Técnica nasceu ou surge com o homem⁶. Nos inícios, como uma Arte⁷, como um auxílio, como um meio ou um instrumento ao ser humano na busca pela sobrevivência e harmonização com a natureza externa a ele. A Técnica surge como uma condição de superação ou substituição dos próprios órgãos humanos naturais⁸ na luta pela sobrevivência e contra a extinção da espécie. Mais que um mundo tecnológico, vivemos em

5 Cf. ABBAGNANO, N. Técnica. In: ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. revista e ampliada. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 939-941.

6 Cf. GISMONDI, G. Tecnologia. In: NITTI, G. T. **Dizionario Interdisciplinare di Scienza e Fede, Cultura scientifica, Filosofia e Teologia**. Roma: Urbaniana University Press/Città Nuova, 2002, p. 1351 (p. 1351-1362).

7 Cf. FROGNEUX, N. Technique. In: FROGNEUX, N. **Dictionnaire Encyclopédique d'Éthique Chrétienne**. Paris: Lés Éditions du Cerf, 2013, p. 1965 (p. 1965-1968).

8 Cf. GEHLEN, A. **Prospettive antropologiche**. L'uomo alla scoperta di sé. Seconda edizione. Bologna: Il Mulino, 2005, p. 136-137.

uma verdadeira cultura tecnológica⁹, fortemente marcada por um contínuo processo de racionalização e “esquematisação do comportamento”¹⁰. Elas sempre podem ser vistas como fruto da enorme capacidade do homem de agir e imprimir a sua identidade no mundo.

As novas formas de interação e comunicação entre as pessoas – os *mass media* – oferecem uma oportunidade ímpar de habitação no mundo, desencadeando a busca por uma Criatividade de consciência. Ao mesmo manifesta o desdobramento da capacidade humana de habitar o mundo, transformando-o à luz das suas necessidades. Segundo Galimberti (2008, p. 212),

A representação do mundo vinda dos *mass media* altera a presença não apenas porque impede um real contato com o mundo, mas também porque, contraindo a sucessão temporal na instantaneidade do presente e a extensão espacial na pontualidade do ponto de observação, priva o homem daquela dimensão espácio-temporal que esteve até agora na base da sua experiência do mundo [...]. A representação vinda dos meios digitais contrai o intervalo entre a percepção e a imaginação, e abolindo cada relação que o presente tem estruturalmente com o futuro, resolve o presente na pura e simples simultaneidade¹¹.

O contexto tecnológico, influenciando o modo de pensar e agir do sujeito, o estimula à Criatividade. A tec-

9 Expressão extraída de GISMONDI, G. Tecnologia, 2002, p. 1356.

10 GEHLEN, A. **L'uomo nell'era della tecnica**. Problemi socio-psicologici della civiltà industriale. Roma: Armando, 2003, p. 18.

11 GALIMBERTI, U. **Psiche e techne**. L'uomo nell'età della tecnica. Sesta edizione. Milano: Feltrinelli, 2008, p. 212.

nologia exprime a potência de uma civilização que vê com os próprios olhos a capacidade humana de dominar a natureza e vencer seus limites espaciais e temporais¹². Isso se repercute na própria consciência dos sujeitos que se sentem emancipados no bom uso ou não dos meios que possibilitam superar os limites diante das necessidades.

Segundo Morin (1998), a Ciência que emana desta visão tem necessidade, não apenas de um pensamento apto a considerar a complexidade do real, mas desse mesmo pensamento para considerar sua própria complexidade e a complexidade das questões que ela levanta para a humanidade¹³. É dessa complexidade que se afastam os cientistas não apenas burocratizados, mas formados segundo os modelos clássicos do pensamento. Fechados em e por sua disciplina, eles se trancafiam em seu saber parcial, sem duvidar de que só o podem justificar pela ideia geral a mais abstrata, aquela de que é preciso desconfiar das ideias gerais.

Além da era tecnológica, nos últimos decênios, aparece uma nova perspectiva de existência denominada como pós-modernidade. Este caldo cultural está atrelado ao impacto das transformações tecnológicas sobre o saber e a forma de conhecer a realidade. Se antes a Filosofia ou um saber ordenado era caracterizado como a única leitura de mundo possível, paulatinamente, esta perspectiva foi sendo substituída por certa incredulidade perante o

12 Cf. GALLINO, L. Técnica. In: GALLINO, L. **Dicionário de Sociologia**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 622-623.

13 Cf. MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 2º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 9.

metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes¹⁴.

Segundo Anderson (1999), o termo ‘pós-modernidade’ surgiu em uma periferia da América hispânica na década de 1930, por Federico de Onís, que usou o termo “para descrever um refluxo conservador dentro do próprio modernismo: a busca de refúgio contra o seu formidável desafio lírico num perfeccionismo do detalhe e do humor irônico”¹⁵. O termo, então, entrou para o vocabulário da crítica espanhola como categoria de estética e, somente, 20 anos depois se expandiu para o inglês, como categoria de época. A cada década que se seguiu desde o aparecimento do termo o conceito do que é pós-modernismo se modificou e ganhou forças, apesar do termo ser incorreto para muitos estudiosos, já que ele representa o “presente absoluto”, ou seja, não permite a definição de qualquer período posterior que converte o termo num passado relativo. Então, usar o prefixo “pós” é ínsito ao próprio conceito. Porém, mesmo sendo um termo não muito adequado, na década de 1970, o pós-moderno ampliou sua difusão.

Palácio (2004) afirma que o contato da cultura moderna com outras culturas obrigou-o a desabsolutizar o seu ponto de vista, a se reconhecer como uma cultura entre outras muitas, a relativizar sua pretensão de ser uma

14 Cf. LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009, p. viii.

15 ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999, p. 10.

cultura superior¹⁶. Em consequência disto, no contexto pós-moderno, alguns elementos aparecem de forma mais explícita, tais como:

O valor da estética; a importância de recuperar a cultura; a religiosidade; a festa; a gratuidade; o mistério; a transcendência; o resgate do sentido do corpo, da sexualidade, da felicidade e do prazer, do cosmo, da ecologia e do holístico; aceitar os rostos diferentes de mulheres, crianças, anciãos, indígenas, afro-americanos, doentes, toxicod dependentes, alcoolizados, fazendo perceber não só o clamor, mas também o rosto do pobre¹⁷.

Em linhas gerais, a pós-modernidade pode ser compreendida como um complexo movimento de desconstrução segundo os olhares de Derrida, Foucault, Serres, Lévinas e Deleuze e desmascaramento da razão ilustrada como resposta ao projeto modernista e seu consequente fracasso, querendo expressar um rechaço ontológico da Filosofia ocidental¹⁸. Tanto o sentido da História, como o colapso da razão e a crise do sujeito, princípios norteadores da modernidade, aos poucos desabam, e se evidencia mais do que uma crise, uma metamorfose que afeta todas as áreas do conhecimento e da vida humana.

16 Cf. PALÁCIO, C. O cristianismo na América Latina: discernir o presente para preparar o futuro. In: **Perspectiva Teológica**, [S. l.], v. 36, n. 99, p. 177, 2004. DOI: 10.20911/21768757v36n99p173/2004. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/2908>. Acesso em: 25 jan. 2022.

17 CODINA, V. Reflexão sobre a pós-modernidade. In: **Perspectiva Teológica**, [S. l.], v. 35, n. 97, p. 381, 2003. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/476>. Acesso em: 24 jan. 2022.

18 Cf. TORRES QUEIRUGA, Andrés. **Creio em Deus Pai**. São Paulo: Paulus, 1993, p. 91.

A pós-modernidade aparece como um fenômeno transgressivo: viola o ‘tempo’ da modernidade (coloca-se ‘depois de...’, além dele); viola o seu ‘espaço geográfico’ (rompe as pretensiosas fronteiras ocidentais como lugar de gestação da História); e viola seu ‘espaço espiritual’ (contesta a grandiloquência do discurso moderno, propondo por via de fato, sua inversão). Do ponto de vista dos conteúdos, a transgressão é ainda mais flagrante: os ideais e ganhos da modernidade (razão, autonomia, democracia, progresso científico), estão sujeitos a um ajuste de contas. Erigida em juiz impiedoso da contenda, a pós-modernidade julga-os, em grande parte, culpados da falácia e orgulho¹⁹.

Do ponto de vista ético, a pós-modernidade apresenta-se com uma grande possibilidade de diálogo com os novos sujeitos contemporâneos, influenciados pela cultura individualista, pela diluição de referenciais objetivos. A era do consumo e do narcisismo ocupam a imaginação constante, dissuadindo o desejo das pessoas, onde a insaciabilidade dos desejos se torna a força comportamental. Esta se repercute numa forma de tirania do prazer e da fragmentação constante²⁰. Acredita-se que a Educação é chamada a oferecer interpretações plausíveis que conduzam a uma Criatividade e indignação positiva.

19 Cf. RUBIO, Miguel. El contexto de la modernidad y de la postmodernidad. In: VIDAL, Marciano. **Conceptos fundamentales de ética teológica**. Madrid: Editorial Trotta, 1992, p. 122.

20 Cf. Sobre este tema, recomenda-se: GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A tirania do prazer**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999; ALMEIDA, André Luiz Boccato de. **A tirania do prazer e do corpo fragmentado**. Uma proposta ético-educativa num contexto pós-moderno. São Gonçalo dos Campos: Tendo do Livro, 2019.

Deste modo, pensar a Criatividade no contexto da era tecnológica e da pós-modernidade é um desafio e uma oportunidade de repropor a dignidade e o valor da pessoa como o centro da reflexão pedagógica e educacional. Para isto é necessária uma postura de criticidade, rebeldia e indignação diante do *ethos* atual com suas amplas perspectivas de diálogo e busca de Criatividade. Em Paulo Freire, encontra-se uma criativa forma de confrontar os desafios deste contexto rumo à Criatividade pela consciência crítica.

EDUCAÇÃO, REBELDIA E CRIATIVIDADE EM PAULO FREIRE

Vivemos numa época caracterizada por uma grande incerteza e tensão, em todas as esferas da vida social. Os três elementos que, no passado, ofereciam segurança – família, religião e escola – vão perdendo a própria influência frente ao devastador contexto. Diante desta mudança paradigmática, o tema da Educação e da Criatividade podem ser suscitados de modo a provocar uma busca pela reorientação das consciências para um olhar crítico frente à realidade.

Torna-se urgente retomar o sentido mais profundo do que é a Educação, tanto em sua acepção etimológica, como o seu sentido nos ulteriores desdobramentos. Semanticamente, Educação tem sido compreendida restritamente como “resultado de”, todavia, quando cotejada com sua origem etimológica, reconhece-se a sua limitação apenas ao resultado, omitindo-se aquilo que produz o

resultado, a intervenção, o verbo²¹. Impõe-se buscar uma perspectiva educacional que cultive valores em vista de suscitar de dentro do sujeito a emergência da verdade. Esta é uma tarefa árdua até porque entra em colisão com uma mentalidade que olha para o sujeito como objeto de conhecimento e não como protagonista e artífice reflexivo em constante busca.

É diante desta constatação que Paulo Freire pode ser levado em consideração como uma referência na Educação para a boa rebeldia e Criatividade diante dos desafios da era tecnológica e a pós-modernidade. Em linhas gerais, o tema da rebeldia em sua acepção positiva, é tratado como parte de um processo de transitividade de consciência e de transição para outra sociedade. Seria uma espécie de “tentativa constante de mudança de atitude”²², frente a uma prática educativa ou situação-limite onde a pessoa ou o sujeito deve despertar para uma consciência crítica.

A ideia de rebeldia como um ato educativo de emancipação do sujeito, libertando-o para a Criatividade constante, pode ser encontrada ao menos em quatro obras de sua autoria, cada uma dentro de um contexto, exigindo uma interpretação própria e peculiar no âmbito redacional. São elas: “Educação como prática para a liberdade”²³; “Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática

21 Cf. MARTINS, Maria Anita Viviani. Educação. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 243.

22 FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 101.

23 FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

educativa”²⁴; “Pedagogia da indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos”²⁵ e, “Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido”²⁶. A rebeldia, no geral, seria uma força que precisa ser educada em cada sujeito, com Criatividade, movendo-o para a transformação social.

Em “Educação como prática para a liberdade”, Freire (1996) apresenta a categoria de conscientização. Esta obra foi escrita no contexto de transição em que a sociedade brasileira se encontrava; sobretudo, procurava trazer elementos de diálogo e de resposta crítica, de inserção no processo de democratização. Ele tenta compreender uma relação estreita entre ‘imersão’ e participação e entre ‘imersão’ e passividade dos sujeitos implicados no processo da sociedade em mudança. É no capítulo “Educação versus massificação” que Paulo Freire explicitou a proposta educativa, cujas dimensões críticas se relacionam com um processo de transição de uma conscientização ingênua a uma conscientização transitiva crítica. Tratava-se de pensar uma Educação e uma Pedagogia que fossem capazes de colocar os homens e as mulheres brasileiras em condições de resistir aos poderes, de armá-los contra.

No Brasil, segundo ele, a fase de transitividade de consciência se associava ao fenômeno de rebelião popular que, de acordo com a sua explicitação, se manifestava

24 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

25 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. 6. ed. São Paulo: Unesp, 2000.

26 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

por um conjunto de disposições mentais ativistas surgidas num contexto da sociedade em aprendizado da abertura, isto é, em democracia. Para ele, a rebelião popular é caracterizada como um “sintoma [...] dos mais promissores da vida política”²⁷. Há uma certa simpatia à rebelião, desde que ela conduza a uma positiva rebeldia, pois esta “estava somada a um profundo senso de responsabilidade que sempre nos levou a lutar pela promoção inadiável da ingenuidade à criticidade. Da rebelião em inserção”²⁸. Assim, ele insistia na necessidade de uma Educação corajosa, que enfrentasse os problemas da realidade apresentada, em seu tempo e em seu espaço. Por essa razão, a Educação para a rebeldia, teria de ser, acima de tudo, mudança de atitude, da passividade à participação direta e ingerente, conforme a fase de transição pela qual a experiência brasileira vinha passando.

Tanto em “Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa”, como também, em “Pedagogia da indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos”, elaborados em outro contexto histórico, a palavra ‘rebeldia’ será empregada com mais frequência, associada à ideia de resistência²⁹. Para Freire, nestas duas obras, a rebeldia se encontraria fundamentada na resistência, que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação de *ser mais*. É uma atitude de indignação,

27 FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 100.

28 Ibidem, p. 100.

29 Cf. MORETTI, Cheron Zanini. Rebeldia/Rebelião. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 347 (p. 345-348).

ou seja, “uma das condições para a continuidade da briga contra o poder que domina, mas não vence”³⁰. Além disso, a rebeldia deveria se transformar em uma postura de criticidade frente ao mundo circundante. Diz ele que,

Uma das questões centrais com que temos que lidar é a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente³¹.

Paulo Freire compreende que a rebeldia e a rebelião são forças presentes no mais profundo da consciência humana, necessitadas de Educação, de orientação e sentido. Não se trata de se rebelar com raiva, mas de um direito de toda pessoa de manifestar seus sentimentos, ideias e perspectivas frente ao diferente. Contudo, a sua visão é a de que a Educação dos afetos ou da raiva fazem parte do processo civilizatório para a autonomia, uma libertação que conduz à Criatividade e à consciência crítica.

Na obra “Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido”, Freire (2008) anuncia sua própria perspectiva pessoal sobre o que é rebeldia. Esta obra caracteriza-se como uma retomada da “Pedagogia do oprimido”. Se nesta denunciou a opressão, na outra lança um olhar de esperança sobre as experiências humanas presentes nas relações dialéticas contraditórias. Em suas palavras, afirma:

30 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. 6. ed. São Paulo: Unesp, 2000, p. 47.

31 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 88.

A minha rebeldia contra toda espécie de discriminação, da mais explícita e gritante à mais sub-reptícia e hipócrita, não menos ofensiva e imoral, me acompanha desde minha infância. Desde a mais tenra idade que reajo, quase instintivamente, contra toda a palavra, todo gesto, todo sinal, de discriminação racial. Como também de discriminação contra os pobres que, mais tarde, se definia contra a discriminação de classe³².

O sentido da rebeldia, no contexto da esperança crítica, é que ela remonta à ação do ser humano no mundo. Esperança e rebeldia caminham juntas quando conduzem a uma ‘desacomodação’ da consciência. Ambas impedem que o sujeito paralise em uma perspectiva pragmática da realidade, quanto à fuga para idealismos incapazes de interferir na História. Em Freire é possível educar o sujeito para a Criatividade dinâmica e dialética a partir de uma postura de crítica frente ao contexto.

Assim, no contexto da era tecnológica e da cultura pós-moderna, a Criatividade – enquanto dimensão intrínseca no ato de educar – encontra na referência freireana de rebeldia e de resistência, uma orientação fundamentalmente esperançosa e ética. Deste modo, a tarefa educativa consiste em continuamente propor um caminho formativo seja para a Criatividade crítica, seja para a plenitude da vida humana, isto é, o amor. Se em Freire a rebeldia é um ato político intrínseco na Educação, esta perspectiva também emergirá em Morin a partir da sua visão de complexidade e o lugar do humano no mundo.

32 FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 145.

FORMAR PARA A CRIATIVIDADE E A COMPLEXIDADE EM EDGAR MORIN

O atual contexto de mundo é marcado por contradições, paradoxos e ambiguidades. A cultura contemporânea impõe-se sobre as consciências dos sujeitos, ora condicionando suas escolhas, ora determinando as múltiplas possibilidades de discernimento que são continuamente chamados a realizar. Neste multifacetado horizonte de possibilidades – acelerado pela era tecnológica e a pós-modernidade – a Educação ou o processo formativo reaparecem com toda sua força, interpelando acerca do destino do ser humano.

Formar o sujeito neste panorama complexo requer uma atitude de esperança, de rebeldia positiva e de confiança no protagonismo. A Criatividade, no campo da Educação, emana da conciliação dialética destes elementos conjugados a nível pessoal e coletivo. Para isso, todo processo educativo que assuma a Criatividade, supõe uma perspectiva crítica e amorosa frente à existência e ao outro, superando todo tipo de fatalismo³³. Isto significa uma ampliação de ótica e leitura de mundo mais abrangente.

Esta intuição propositiva é muito presente no pensamento de Edgar Morin. O que chamamos aqui de Criatividade ele o chama de “reforma do pensamento”, cuja necessidade social chave é a de formar cidadãos capazes

33 Cf. ALMEIDA, André Luiz Boccato de; PAULA, Patrícia Carneiro de. Educação e consciência crítica em Paulo Freire: uma reflexão sobre o sentido da religião em tempos de fundamentalismos. In: **Caminhos**, especial, v. 19, pp. 124-137, 2021.

de enfrentar os problemas de seu tempo³⁴. Para que exista uma real Criatividade é necessário formar para compreender e assimilar a complexidade. Não haverá um processo educativo se os sujeitos não perceberem os limites do pensamento, a globalidade e a particularidade. Trata-se de articular na particularidade, a síntese entre a globalidade e o contexto, com inteligência, consciência crítica e Criatividade.

Se a Criatividade, na perspectiva freireana, está relacionada a certa postura de rebeldia epistêmica, mobilizadora de um olhar e postura crítica frente ao mundo, na de Morin, caracteriza-se como um novo olhar crítico para a realidade do conhecimento e dos saberes³⁵. Segundo ele, é necessário fazer uma profunda análise e avaliação do desdobramento científico moderno, que reduziu a capacidade da inteligência de conhecer e ampliar os horizontes. Destarte,

[...], a inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de

34 Cf. MORIN, Edgar. **Complexidade e transdisciplinaridade**. A reforma da universidade e do ensino fundamental. 2. reimpressão. Natal: Editora da UFRN, 2000, p. 18.

35 Para um estudo mais aprofundado sobre esta temática no seu pensamento, convém visitar a sua obra: MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Volume 1: Neurose. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, 204p. Nesta obra, o autor já analisava o impacto “neurótico” das técnicas de produção de conhecimento em massa na subjetividade das pessoas, indicando os limites e o futuro da humanidade.

uma visão a longo prazo. Sua insuficiência para tratar nossos problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas que enfrentamos. De modo que, quanto mais os problemas se tornam multidimensionais, maior a capacidade de pensar sua multidimensionalidade; quanto mais a crise progride, mais progride a incapacidade de pensar a crise; quanto mais planetários tornam-se os problemas, mais impensáveis eles se tornam. Uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável³⁶.

Em Freire, a Criatividade brota de um conhecimento possível que passa pela subjetividade liberta das amarras da opressão, mediante uma consciência crítica dialeticamente vinculada ao contexto. Já em Morin, a Criatividade só será possível por meio de uma reforma do pensamento, onde se supere a obsessiva busca por um fundamento relacionado exclusivamente a um modelo científico que exclui a desordem e o caos no conhecimento.

Segundo Morin, a Criatividade e a capacidade de consciência crítica, diante da complexidade circundante, é fruto de um caminho árduo; depende da capacidade de leitura de mundo e de abertura à reformulação do pensamento. Ele mesmo diz que “não se pode reformar a instituição sem uma prévia reforma das mentes, mas não se podem reformar as mentes sem uma prévia reforma das instituições³⁷. Mais que ler os fenômenos a partir de um

36 MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Repensar a reforma. Reformar o pensamento. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 14-15.

37 Cf. MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Repensar a reforma. Reformar o pensamento. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 99.

enfoque de causa e efeito, exige-se uma mudança paradigmática, na qual as certezas e incertezas impõem-se, superando o simplismo³⁸. Trata-se de unir a simplicidade com a complexidade. De combinar o simples e o complexo.

Para ele, pensar é pensar em movimento. O processo de pensamento é um processo dinâmico de construção. Só cria aquele que constroi. Construir é exercitar a Criatividade imaginativa na aplicação concreta. Um pensamento criativo ou criador é aquele paradigmaticamente dialógico³⁹. A lógica clássica é insuficiente, mas não podemos prescindir dela num pensamento complexo. No fundo, seria despojar de um certo simplismo e uma visão unitária (totalitária) e associar a esta o contraditório, buscando uma síntese dialética criativa.

De toda parte surge a necessidade de um princípio de explicação mais rico do que o princípio da simplificação (separação/redução), que se pode denominar princípio da complexidade⁴⁰. Se no modelo científico clássico, inspirador da tecnociência moderna, o objeto era totalmente absorvido pelo sujeito racional capaz de conhecê-lo, na perspectiva da complexidade, trata-se de insistir na utilidade de um conhecimento que possa servir à reflexão,

38 Cf. MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEJA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. **O pensar complexo**. Edgar Morin e a crise da modernidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999, pp. 30-31.

39 Cf. ROGER, Emilio. Uma antropologia complexa para entrar no século XXI. Chaves de compreensão. In: PENA-VEJA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. **O pensar complexo**. Edgar Morin e a crise da modernidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999, p. 91.

40 Cf. MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 30.

meditação, discussão, incorporação por todos, com cada um no seu saber, na sua experiência, na sua vida.

A incerteza surgida tanto no conhecimento como na Ciência, a partir do século XX, explicitou de modo efetivo os limites do conhecimento e da capacidade de avistar a realidade no seu todo. Como consequência deste fenômeno, apareceu a própria necessidade de enfrentar as incertezas como também o destino incerto de cada indivíduo e de toda a humanidade. Segundo Morin, esta realidade complexa e abrangente impele a humanidade na busca de uma nova forma criativa de enfrentamento mediante: a superação de uma resignação cética; uma estratégia de ação; e, o desafio da mudança⁴¹.

Na perspectiva de Morin, há saberes que precisam ser levados em consideração. Estes, ao mesmo tempo, que denunciam os problemas centrais ou fundamentais que permanecem ignorados para se ensinar no futuro, eles também levam em consideração os profundos mistérios referentes ao Universo, à Vida, ao nascimento do ser humano e o seu lugar no mundo. Neles, estão integrados opções filosóficas e crenças religiosas, através de culturas e civilizações.

Estes saberes, sendo assumidos pela humanidade, proporcionariam uma criativa formação da consciência que dialoga com os desafios da era tecnológica e a pós-modernidade. São eles: 1. As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; 2. Os princípios do conhecimento

41 Cf. Estas três sugestivas ideias podem ser encontradas em: MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Repensar a reforma. Reformar o pensamento. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 61-63.

pertinente; 3. Ensinar a condição humana; 4. Ensinar a identidade terrena; 5. Enfrentar as incertezas; 6. Ensinar a compreensão; e. 7. A ética do gênero humano⁴².

A grande contribuição de Edgar Morin, no que tange ao pensamento complexo, talvez seja o fato de denunciar que esta visão tecnocientífica moderna mutilou o ser humano, conduzindo a uma cegueira epistêmica. Ele interpela um modelo de racionalidade que ignora os seres, a subjetividade e a afetividade⁴³. Segundo ele, é preciso levar em conta o mito, o afeto, o arrependimento, que devem ser considerados racionalmente. A verdadeira racionalidade, assim, conhece os limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo.

Os saberes propostos por Morin exprimem sua busca criativa, uma postura diferente diante dos exageros da sociedade do conhecimento. Crítico do modelo científico que proporcionou o conhecimento das certezas, indica que estas também revelaram na contramão as incertezas a serem conhecidas e desdobradas para que haja um futuro viável.

Assim como Freire foi um crítico criativo de autoritarismos e opressões que reprimiam a rebeldia positiva, fonte do ato educativo, Morin, denuncia uma cultura e política pedagógica que impede o educando de ser criativo com as dúvidas e interrogações do nosso tempo. Em ambos, emerge uma urgência de universalização da cida-

42 Cf. Os sete saberes podem ser aprofundados na sua própria obra: MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005, 118p.

43 Cf. MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo?** Ensaio sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 56.

dania, que, por sua vez, requer uma nova ética e, por conseguinte, uma escola de Educação e cidadania para todos.

CONCLUSÃO

O tema desta reflexão “Criatividade, educação e rebeldia no contexto tecnológico e pós-moderno. Uma reflexão a partir de Paulo Freire e Edgar Morin” instiga a um olhar de esperança sobre a humanidade e a Educação. Refletir sobre a Criatividade, nesta era atual de passagem, é um desafio que abarca uma série de mudanças e posturas frente à realidade.

Tanto Freire como Morin são críticos de um modelo de modernidade que desumaniza o ser humano e impede que a Criatividade aflore como um bem à disposição da todos. Há, segundo eles, certo modelo científico – tecnológico – que ao pretender dominar e homogeneizar tudo, impediu que as dimensões invisíveis e as incertezas aparecessem como uma dimensão da realidade. Em Freire, trata-se de uma forma de opressão que arraigou no mais profundo da consciência, anestesiando a rebeldia, dimensão essencial da Criatividade. Em Morin, trata-se de desconstruir o modelo ou o paradigma de civilização que conduz à cegueira e à impossibilidade de lidar com as incertezas, dimensão fundante da vida.

A Criatividade, frente aos desafios da era tecnológica e pós-moderna, favorece a recuperação dos fundamentos diante das incertezas, quando assumida enquanto uma oportunidade de rever um humanismo aberto. Paulo Freire e Edgar Morin, figuras centenárias no cenário brasileiro e francês, retomam uma visão de ética e cultura que engendra no pensamento educacional, esperança,

rebelia e abertura. Para eles, a Criatividade deve estar a serviço da cultura para o desenvolvimento de todos e que, de fato, deve estar associada à liberdade do pensamento de modo consciente e solidário.

Assim, a Criatividade sem a rebelia, a serviço da Educação integral da pessoa se torna uma mera instrumentalização do ser humano. Urge suscitar nas consciências dos sujeitos contemporâneos a rebelia positiva (Paulo Freire) no contexto da complexidade (Edgar Morin), rumo à efetivação do projeto de humanização.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. Técnica. In: ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. revista e ampliada. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 939-941.
- ALMEIDA, André Luiz Boccato de; PAULA, Patrícia Carneiro de. Educação e consciência crítica em Paulo Freire: uma reflexão sobre o sentido da religião em tempos de fundamentalismos. In: **Caminhos**, especial, v. 19, p. 124-137, 2021.
- _____. **A tirania do prazer e do corpo fragmentado**. Uma proposta ético-educativa num contexto pós-moderno. São Gonçalo dos Campos: Tendo do Livro, 2019.
- ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.
- CODINA, V. Reflexão sobre a pós-modernidade. In: **Perspectiva Teológica**, [S. l.], v. 35, n. 97, p. 377-383, 2003. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/476>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____. **Pedagogia da esperança**. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

- _____. **Pedagogia da indignação.** Cartas pedagógicas e outros escritos. 6. ed. São Paulo: Unesp, 2000.
- FROGNEUX, N. Technique. In: FROGNEUX, N. **Dictionnaire Encyclopédique d'Éthique Chrétienne.** Paris: Lés Éditions du Cerf, 2013, p. 1965-1968.
- FROMM, Erich. **O medo à liberdade.** 7º ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- GALLINO, L. Técnica. In: GALLINO, L. **Dicionário de Sociologia.** São Paulo: Paulus, 2005, p. 622-623.
- GALIMBERTI, U. **Psiche e techné.** L'uomo nell'età della tecnica. Sesta edizione. Milano: Feltrinelli, 2008.
- GEHLEN, A. **L'uomo nell'era della tecnica.** Problemi socio-psicologici della civiltà industriale. Roma: Armando, 2003.
- GEHLEN, A. **Prospettive antropologiche.** L'uomo alla scoperta di sé. Seconda edizione. Bologna: Il Mulino, 2005.
- GISMONDI, G. Tecnologia. In: NITTI, G. T. **Dizionario Interdisciplinare di Scienza e Fede, Cultura scientifica, filosofia e teologia.** Roma: Urbaniana University Press/Città Nuova, 2002, p. 1351-1362.
- GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A tirania do prazer.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna.** 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- MARTINS, Maria Anita Viviani. Educação. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 242-246.
- MORETTI, Cheron Zanini. Rebelia/Rebelião. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 345-348.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita.** Repensar a reforma. Reformar o pensamento. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. **Ciência com consciência.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. **Complexidade e transdisciplinaridade.** A reforma da universidade e do ensino fundamental. 2. reimpressão. Natal: Editora da UFRN, 2000.

- _____. **Cultura de massas no século XX.** Volume 1: Neurose. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. Por uma reforma do pensamento. *In*: PENA-VEJA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. **O pensar complexo.** Edgar Morin e a crise da modernidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999, p. 21-34.
- _____. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. **Rumo ao abismo?** Ensaio sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- PALÁCIO, C. O cristianismo na América Latina: discernir o presente para preparar o futuro. *In*: **Perspectiva Teológica**, [S. l.], v. 36, n. 99, p. 173-196, 2004. DOI: 10.20911/21768757v36n99p173/2004. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/2908>. Acesso em: 25 jan. 2022.
- ROGER, Emilio. Uma antropologia complexa para entrar no século XXI. Chaves de compreensão. *In*: PENA-VEJA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. **O pensar complexo.** Edgar Morin e a crise da modernidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999, p. 89-106.
- RUBIO, Miguel. El contexto de la modernidad y de la postmodernidad. *In*: VIDAL, Marciano. **Conceptos fundamentales de ética teológica.** Madrid: Editorial Trotta, 1992, p. 107-144.
- TORRES QUEIRUGA, Andrés. **Creio em Deus Pai.** São Paulo: Paulus, 1993.
- WEIL, Eric. **Filosofia política.** São Paulo: Loyola, 1990. (Coleção Filosofia. Série Traduções).

4 Criatividade na Arte de lidar com pessoas

Jorge Luiz Gray Gomes¹
Elenita Delamea²

RESUMO

Lidar com pessoas é uma arte concebida à luz de um complexo sistema de relacionamentos que funciona como uma escola de vida em ação. Lidar com pessoas é lidar com o mundo humano, onde se aprende a se humanizar na maneira de ser e de agir nas relações interpessoais, entre os entes e com o meio onde cada pessoa vive e trabalha. E nesse aprendizado com Criatividade, há um processo evolutivo em que cada ser humano aprende a unir o saber do mundo das letras à sabedoria proveniente da força criadora da alma humana, o que gera uma força vital capaz de gerar mentes saudáveis, sabedoria no entendimento e beleza no agir, não só nos relacionamentos da pessoa consigo mesmo e com as demais no convívio social, mas também nos relacionamentos da esfera funcional e institucional no seio das organizações sociais, entre os entes, sujeitos de direitos e obrigações na ordem da personalidade jurídica. Mas essa força vital, no mundo das relações entre os sujeitos de direitos e obrigações, conta também com a ética e a ordem moral, jurídica

1 Doutor em Teologia pela FAJE, Pesquisador da área de Bioética, Juiz do Tribunal Interdiocesano de Montes Claros – MG, desde 2004. E-mail: jorgegomesmpf@gmail.com

2 Religiosa, escritora, graduada pela PUC do Rio Grande do Sul em Ciências Contábeis, é Mestre em Direito Canônico pelo Pontifício Instituto de Direito Canônico do Rio de Janeiro. Foi Diretora por dez anos do Serviço Assistencial na Cúria Metropolitana de Porto Alegre. E-mail: elenitadelamea@yahoo.com.br

e administrativa, e com as ferramentas da administração aplicada, para dar vida e movimento ao sistema de relacionamentos entre as pessoas físicas e jurídicas, tendo em vista que, em todas as variáveis de suas relações, o que está em jogo não é só a dignidade de cada sujeito, e sim a essência mesma da dignidade humana do ente natural e da dignidade do ente moral.

Palavras-chave: Criatividade. Gestão de Pessoas. Humanidade.

INTRODUÇÃO

A realidade de lidar com pessoas exige uma criatividade de visão integral e integradora, não só da pessoa em si e do sistema de relacionamentos consigo mesmo, com o outro e com o mundo real, como também das conexões que ocorrem entre os entes, principalmente no que tange as duas dimensões – da pessoa como sujeito de direitos e obrigações, – da pessoa física ou da pessoa jurídica. Trata-se do que concerne a conexão de cada direito ter um dever anexo e vice-versa, ao que envolve as questões da relação do equilíbrio entre os direitos e deveres da pessoa como ser humano e como sujeito de direitos e obrigações, e das questões ligadas à corresponsabilidade no convívio social e no que tange à postura comportamental na gestão de pessoas.

Na reflexão sobre tais questões, não pode faltar uma análise profunda do espaço nos quais as pessoas desenvolvem sua existência e expressam suas conexões com o mundo real, em especial no que tange a maneira das pessoas físicas e jurídicas realizarem seus direitos e deveres e suas responsabilidades; no que concerne às conexões que ocorrem no âmbito dos relacionamentos de cada pessoa humana consigo mesmo e com as demais, dos humanos com as

coisas do sistema de relações entre os sujeitos de direitos e obrigações, dos indivíduos com as instituições e das relações profissionais e funcionais, que vão do justo equilíbrio entre os direitos e deveres entre as partes, às questões da corresponsabilidade que diz respeito tanto a cada um e a cada coletividade particular, como entre si e das suas demandas no meio social e no mundo do trabalho.

De qualquer modo, a arte de lidar com pessoas passa pela arte de lidar consigo mesmo, o que passa pelo saber intelectual associado à sabedoria da ordem jurídica e administrativa e dos valores da moral e da ética no agir em todas as esferas do sistema de relacionamentos. E no que diz respeito a essas variáveis no seio da estrutura organizacional das pessoas jurídicas, por trás das simples formas gerenciais de lidar com pessoas, existe uma rede de relações humanas interpessoais e de relacionamentos funcionais que vão das relações sociais às relações gerenciais e institucionais. Trata-se de uma rede de relações que se entrelaçam entre si de tal modo que gera uma força centrípeta capaz de mover todas as esferas do sistema de relacionamentos de modo articulado, cujo entrelaçamento significa uma força vital para as relações entre os humanos, entre as pessoas físicas e jurídicas, e entre os indivíduos e as organizações sociais, principalmente nas questões do sujeito de direitos e obrigações e da corresponsabilidade no exercício da relação de cada direito haver o correspondente dever.

A compreensão disso é fundamental para manter relações sociais e gerencias dentro dos padrões da justiça, da moral e da ética comportamental, tendo o ser humano como seu foco principal. Pensar as questões do sistema

de relacionamentos humanos sem reconhecer a sua raiz humana e sem reconhecer o modo superficial, muitas vezes desordenado, de conceber a vida e a ação dos humanos no contexto da arte de lidar com pessoas, é fugir da realidade e do que exprime a força criadora ou criativa da alma, do corpo espiritual dos humanos, para superar certos condicionamentos culturais e certas deficiências educacionais no que tange a responsabilidade, a ser correto para com o outro e as coisas do bem comum, a ser honesto e ético para consigo mesmo e para com o outro nos relacionamentos sociais e funcionais. Estamos diante de um sistema de relacionamentos que tem uma configuração bifocal, de um lado ele aparece como a base de sustentação da estrutura da arte de lidar com pessoas, e do outro, aparecem os elementos que abrangem não só as relações da pessoa consigo mesma e com as demais, em todas as suas dimensões como ser humano e como sujeito de direitos e obrigações, mas também os relacionamentos que ocorrem entre as pessoas físicas (do ente natural) e as pessoas jurídicas (do ente moral) no seio das organizações sociais, tanto no âmbito do governo das pessoas jurídicas e das profissões, como no mundo do trabalho, em especial no mundo das relações entre superiores e subordinados e vice-versa.

Portanto, é preciso compreender que as respostas para as questões do sistema de relacionamentos e do sujeito de direitos e obrigações estão entre os humanos, e que há indivíduos que têm o saber, mas não têm a sabedoria para alargar o seu modo de pensar e nem para aprimorar o seu agir ou parase tornar um ser humano mais comprometido com sua condição de sujeito de direitos e obrigações.

São os seres humanos que precisam mudar o próprio rumo para melhorar e para estabelecer o primado do Ser sobre o Ter, o que significa a retomada de uma consciência das bases da sua condição de ser humano e de sujeito de direitos e obrigações, também naquilo que permite articular os elos entre Ser e o sujeito, entre a sua pertença real no presente e no futuro com o compartilhamento entre todos. Para tanto, é preciso que todos tenham uma consciência esclarecida que permita o desenvolvimento de novas atitudes e de novos estilos de lidar consigo mesmo e com os outros, para que se instaure um processo evolutivo que vai do esforço pessoal ao coletivo de uma comunidade particular, de tal modo que se conquistem novos modos de conceber os fundamentos do sistema de relacionamentos em todas as suas dimensões.

A ARTE DO RELACIONAMENTO

O conhecimento que une o saber intelectual com a sabedoria que se adquire na escola da vida tem substância, dinamismo e luz própria. Trata-se de um conhecimento que inicia na escola da família e se prolonga na rede do ensino, no convívio social e no mundo do trabalho, o que exige esforço pessoal continuado na busca do saber esclarecido que signifique a consciência da própria existência e da existência do outro e do mundo, e naquilo que signifique a importância das luzes do conhecimento sobre os valores morais, e sobre a ética, o respeito e a prudência na gestão de pessoas. Sem se esquecer da importância da racionalidade no agir, no cotidiano da vida.

O conhecimento não é apenas um direito dos seres humanos, é um bem da coletividade que os humanos ad-

quiem através da vida, da formação completa, especialmente naquilo que assegura os fundamentos para tutelar a pessoa na sua totalidade, o que abre as portas para o mundo do conhecimento de si mesmo, para o crescimento humano e para uma conduta irrepreensível no modo de ser e de agir, tanto nos relacionamentos interpessoais como em tudo o que envolve a arte de lidar com pessoas. Isso implica no discernimento realista sobre as questões humanas, religiosas, éticas e morais, não só para o sistema das relações humanas, sociais e funcionais, mas também para o exercício consciente da cidadania, e para as questões gerenciais, também no que tange ao convívio no mundo corporativo, às relações laborais e ao mundo do trabalho propriamente. Também implica no conhecimento das questões de governo e de administração, como o modo de lidar com o mundo humano e de como realizar funções através de pessoas numa estrutura organizada, principalmente nos aspectos da gestão de pessoas, tanto na divisão racional de funções, ofícios e serviços, como na esfera do unir e ligar por coordenação e por articulações administrativas as pessoas e suas funções.

A arte de lidar com pessoas no mundo corporativo tem uma configuração assentada numa arquitetura complexa, mas bem articulada, como a de uma verdadeira escola de vida em ação, e num sistema de relacionamentos interpessoais bem articulado, com as diferentes dimensões da pessoa, enquanto ser humano, ente social e sujeito de direitos e obrigações. No contexto deste sistema e das diferentes áreas do conhecimento, existe uma verdadeira escola de vida em ação, uma escola que trata de modo integrado, e bem articulado, das diferentes áreas

que envolvem as pessoas tanto no que diz respeito ao ser humano, ao ente social e ao sujeito de direitos e obrigações, enquanto ser capaz de responder por seus atos, de trabalhar e de ser produtivo, cuja arquitetura articula o conhecimento no âmbito do mundo humano, não só naquilo que trata das questões que envolvem os complexos sistemas do corpo físico e do corpo espiritual, e suas conexões e articulações, de cada pessoa humana consigo mesmo e com as demais, mas também naquilo que trata das questões das relações humanas e funcionais ligadas ao convívio social, familiar e corporativo, e ao mundo das organizações sociais e ao mundo do trabalho nas suas diferentes dimensões.

O conhecimento das questões da personalidade jurídica é fundamental para o entendimento do que compete às pessoas físicas e jurídicas, e no que tange às questões do sujeito de direitos e obrigações, tanto individuais como grupais, e as questões institucionais entre os indivíduos e as corporações, e suas consequências nas relações funcionais, tanto na gestão de pessoas como nas relações funcionais entre liderança e colaboradores e entre profissional e cliente, inclusive entre o ser humano e o sujeito de direitos e obrigações. Neste cenário, importa a função social individual e grupal da responsabilidade e da corresponsabilidade profissional e institucional, para a questão do caminhar juntos no sistema de relacionamentos, principalmente naquilo que é enriquecedor como as coisas do bem comum.

Lidar com a pessoa é uma arte complexa que envolve criatividade, atitudes, conhecimentos e ações que abrangem questões conexas como as do sistema dos relacio-

namentos humanos, tanto consigo mesmo como com os demais, e as questões das conexões, tanto das coisas do mundo real com as das diferentes esferas do acontecimento, como das relações dos seres humanos entre si com as relações sociais e funcionais, no seio das corporações e no âmbito do mundo do trabalho em todos os tipos de funções, ofícios e serviços. Esta complexa expressão do viver humano exige uma sistematização de todas as áreas do conhecimento de modo a oferecer à coletividade os conteúdos essenciais para o convívio social que seja, ao mesmo tempo, ético, afetuoso e justo, de modo a oferecer a todos os elementos essenciais para uma formação íntegra da pessoa que abranja também a área do conhecimento do sistema do corpo espiritual, inclusive naquilo que significa o autoconhecimento e a autogestão das emoções e dos pensamentos, hoje denominada Inteligência Emocional. A compreensão de tais questões é necessária não apenas para construir relações humanas saudáveis, mas também para se livrar da ditadura do ter e das algemas da inveja, do ciúme e dos vícios que esgarçam o tecido das relações humanas no seio do mundo corporativo.

No sistema de relacionamentos há duas esferas básicas, sendo uma voltada para a própria pessoa humana e suas relações, consigo mesmo e com os demais, e com o mundo que a cerca, e a outra voltada para os relacionamentos entre os sujeitos de direitos e obrigações no contexto das organizações sociais, principalmente nas questões que envolvem o mundo do trabalho e o mundo jurídico, tendo em vista o exercício do poder de comando e as ações administrativas. Nessas duas esferas, a gestão de pessoas humanas aparece como elemento essencial, que

envolve questões que são da essência da administração, da autogestão e da gestão das coisas do mundo corporativo, onde os meios devem estar alinhados tanto à ética e aos bons costumes, como aos fins institucionais e a missão de todos os tipos de pessoas jurídicas. E, em qualquer tipo de instituição, os seres humanos devem ser vistos e tratados como um todo orgânico, inclusive nos aspectos do Ser porque é no Eu interior mais profundo dos seres humanos onde existe algo que constrói relações humanas mais elevadas, numa perspectiva de uma inteligência esclarecida que possa reger a qualidade do agir no sistema de relacionamentos. A compreensão do que ultrapassa as fronteiras da mente e atinge as profundezas do Ser é essencial para conquistar o verdadeiro relacionamento entre os humanos, e desses com as pessoas jurídicas. É numa estrutura organizada onde ocorre a divisão do trabalho entre os seres humanos, e onde as relações funcionais se articulam, principalmente entre as funções, ofícios e serviços operacionais no seio das Pessoas jurídicas.

A arte de lidar com pessoas aponta na direção de que a feitura da missão de qualquer tipo de organização ou de qualquer profissão depende essencialmente da ação humana, e destaca a existência de boa qualidade no modo de lidar com pessoas quando se dá um sentido humanitário em tudo o que se faz, mesmo nas coisas mais pequeninas e nos gestos mais simples nos relacionamentos sociais e funcionais. A boa qualidade e o sentido humanitário no modo de lidar com os seres humanos requerem presença, pressupõem cuidados e a capacidade para reconhecer a natureza das coisas que signifique atenção especial à totalidade de cada indivíduo, também nos aspectos da

dimensão da sua essência, do mais profundo do ser, da distinção entre o tempo cronológico e o tempo psicológico, e suas implicações no cotidiano, o que requer cuidado e aprofundamento da questão do COMO se age tanto consigo mesmo como com os demais e com as instâncias individuais e coletivas.

A arquitetura da arte de lidar com pessoas é portadora de uma tarefa desafiadora: a do entendimento dos efeitos do modo como se age, por ser este mais importante do que o que se faz, da profissão que se exerce ou do cargo que se ocupa numa estrutura organizada. Nesta arquitetura há um cenário complexo, mas bem articulado, que envolve tanto as relações humanas, sociais e funcionais, como as relações dos seres humanos com as instituições e a ordem jurídica e administrativa na gestão de pessoas e na gestão dos bens e serviços na divisão de funções, ofícios e serviços numa estrutura organizada. Quando damos um sentido de qualidade que signifique cuidado, amor e dedicação no trato com as pessoas e com tudo que fazemos, descobrimos que, não é a função que ocupamos e nem o tipo de trabalho que realizamos o mais importante, e sim a qualidade do modo como agimos e do estar por inteiro no trato com as pessoas. Trata-se da postura, ao um modo de agir que signifique boa qualidade que vai além das escolhas do dia a dia, uma postura que signifique um modo de ser que assegure a boa qualidade do agir no trato com as pessoas e com as coisas do bem comum.

Neste contexto há questões que são da esfera do pensar da ciência e da técnica da administração aplicada à gestão de pessoas, e que tem muito a oferecer às demais ciências que se ocupam das questões do sistema de relacionamentos em todas as suas dimensões, de onde se

extraem elementos que são fundamentais para um novo modo de lidar com os seres humanos, como os conteúdos que contemplam o corpo biofísico e o corpo espiritual, e suas periferias existenciais, bem como os elementos ligados à essência dos seres humanos, na sua totalidade e ao estado do Ser que emana da sua verdadeira natureza, também no que diz respeito ao substrato ligado a sua forma física e psíquica que formam uma unidade com a vida em si mesma, e como ente natural, mas também como sujeito de direitos e obrigações.

A substância do conhecimento de tais questões recai sobre a compreensão da realidade dos relacionamentos humanos e da real composição material e espiritual dos indivíduos. São duas esferas que não compreendem duas instâncias separadas e sim integrantes de uma mesma unidade nos seres humanos, o material e o espiritual da pessoa se entrelaçam e se intercomunicam como um todo orgânico no sistema de relacionamentos. O lidar com a pessoa como um todo tem várias facetas, implica contemplar cada um dos pequenos aspectos particulares de um indivíduo como uma unidade indivisível, tanto nas relações humanas, sociais e funcionais, como no uso dos elementos de administração aplicada à gestão de pessoas e às múltiplas facetas da divisão de funções no mundo do trabalho, o que depende não só do conhecimento e da harmonização da estrutura física e espiritual dos humanos, mas também do conhecimento e harmonização dos elementos e conteúdos ligados a gestão de pessoas. Isso transcende a esfera da administração aplicada ao mundo particular da gestão de pessoas porque envolve questões universais e atinge a todas as profissões e organizações.

A pessoa humana pertence ao núcleo central da missão de qualquer instituição, função ou profissão, também no que diz respeito ao encargo social que todas as profissões e organizações sociais têm: o da realização do objetivo central do encargo social, o de estabelecer do primado do ser em suas ações, sempre tendo presente o homem todo e todos os homens. Aqui a palavra homem se refere à espécie, e nunca ao gênero, e se refere à pessoa humana como uma unidade que interage dentro de si, com o seu próprio corpo físico e espiritual, como um todo integrado, e interage com o mundo externo, nas coisas do ente natural e o sujeito de direitos e obrigações, principalmente nas questões da arte de lidar com pessoas na esfera de qualquer função ou profissão. Ressalte-se que a arte de lidar com pessoas, além de ser uma arte qualificada para o sistema de relacionamentos sociais, é um modo dos indivíduos se desenvolverem como seres humanos e de serem protagonistas do próprio desenvolvimento, especialmente no se regere ao desenvolvimento de um modo de estar presente nos diálogos, de estabelecer um vínculo entre o discurso e a ação, afim de construir um relacionamento de boa qualidade entre as pessoas e as diferentes organizações sociais, entre os indivíduos e as instituições.

Neste processo há muita coisa ligada à esfera do sistema de relacionamentos, tanto nas relações humanas e funcionais como no mundo da administração aplicada à gestão de pessoas, que pertencem ao processo da arte de lidar com pessoas, no qual encontramos questões operacionais que vão da autogestão à gestão de pessoas numa estrutura organizada e as questões ligadas ao conhecimento de seus fundamentos e a compreensão dos conteúdos da

ciência de administração que envolve a pessoa como um todo, tanto nos aspectos da pessoa (física e jurídica) como sujeito de direitos e obrigações, como no que diz respeito as relações humanas, sociais e funcionais numa estrutura organizada. Neste processo também existe o aspecto do propósito dos seres humanos, o de evoluir na direção de atingir o mais profundo do “eu sou”, inclusive para conquistar o saber esclarecido ligado à autogestão, autocontrole e autodisciplina, o que é fundamental não só para libertar das armadilhas do ego, das emoções inferiores e da cegueira da ignorância proveniente da ausência do saber esclarecido, como também para o autoconhecimento que liberta o indivíduo da ditadura do ter.

Em tais questões existe um processo dinâmico e abrangente, o qual precisa das ferramentas da administração aplicada para o seu correto desenvolvimento, principalmente naquilo que envolve as múltiplas esferas da realidade da pessoa como ser humano e como sujeito de direitos e obrigações, tanto na ordem do modo de lidar com a realidade como naquilo que envolve os vários elementos conceituais e técnicos das diversas áreas do conhecimento que participam de tais formulações. Há nisso um processo evolutivo que requer profundidade, sensibilidade e atenção no seu desenvolvimento e nos seus efeitos, que requer lucidez intelectual e mente sã na esfera do agir neste processo. Lidar com a realidade requer boa dose de altruísmo para ser companheiro de estrada e para se colocar a caminho com os outros no seu desenvolvimento, de tal modo que juntos, pelo envolvimento pessoal, todos sejam participantes ativos, também no descobrimento da beleza da vida, do caminhar juntos na busca da verdade

e do verdadeiro sentido da existência humana, da solidariedade e do doarem-se uns aos outros. Este processo requer as ferramentas da administração aplicada, tanto para a autogestão como para a gestão de pessoas, também requer uma boa comunicação intra e interpessoal e um modo de agir que permita estar mais perto do outro, que ajude no debate de ideias e da partilha na construção e distribuição do conhecimento, que estimule a vivência da solidariedade e da fraternidade nas relações humanas e funcionais, que signifique uma vida produtiva, sempre pronta para gestos de generosidade e de humilde serviço incansável como participante ativo no sistema de relacionamentos.

O conhecimento de tais questões é capaz de tocar a sensibilidade, a mente e o “coração” dos seres humanos em suas ações, porque lhes permite tomar consciência do que é essencial para a lucidez intelectual no falar consigo mesmo para se conhecer e desenvolve suas potencialidades, para administrar seus sentimentos e emoções, higienizar a sua mente, focar seu ser e agir nos valores, princípios e fundamentos morais e religiosos. Porém, qualquer um pode se tornar uma pessoa de alto potencial construtivo ou destrutivo, capaz de exercer influência tanto para agregar como para destruir valores que afetam a credibilidade nas relações humanas e funcionais em qualquer tipo de trabalho ou em qualquer profissão, inclusive no que diz respeito a se tornar capaz de atrair as pessoas para a solidariedade e a partilha fraterna, ou afastá-las disso. No entanto, todos podem evoluir na direção de manter um diálogo fecundo consigo mesmo, com as pessoas e os acontecimentos, de tal modo a se tornarem pensadores e a desenvolverem a sua capacidade de pensar antes de

falar, de ouvir e escutar o outro com humildade, paciência e atenção, sem julgamentos ou conclusões precipitadas.

Ressalte-se que o pensamento único, ou a unidade de pensamento nas relações humanas, é próprio das ditaduras, das pessoas que querem impor sua vontade, suas crenças e convicções. Mas no seu oposto está a diversidade do pensamento, está a abertura para as diferentes formas de pensar e a Criatividade e o exercíciado potencial intelectual dos humanos, e a abertura para o diálogo fecundo, respeitoso e fraterno, sem esquecer que é o potencial do carisma social e psíquico que estimula o discernimento, o debate de ideias e de conteúdos, o que é fundamental para o amadurecimento da compreensão das coisas na arte de lidar com pessoas.

A maturidade intelectual e emocional é algo que cada pessoa tem o direito/dever de atingir-la, é um imperativo que atinge a todos. No mundo humano a maturidade vai sendo atingida através de um processo contínuo que envolve algumas questões-chave da esfera individual e coletiva, como as questões ligadas ao autoconhecimento, ao se trabalhar na direção da autodisciplina, do eu superior, da responsabilidade e do respeito por si mesmo e pelo outro. Tal imperativo atinge tanto as questões da formação integral e da Educação inclusiva, como as questões do mundo do trabalho e da administração aplicada como aquelas ligadas ao modo de lidar com as pessoas e as coisas numa estrutura organizada, ao modo de articular as pessoas e os mecanismos estruturantes que dão vida e movimento ao processo operacional de qualquer tipo de instituição, ou de atividade profissional ou laboral no mundo do trabalho. O que configura a complexa atividade do processo de pensar a realidade objetiva, em seus fundamentos.

Estamos diante de questões que exigem atenção especial aos elementos que envolvem a dinâmica de realizá-lo da melhor forma possível, principalmente no que diz respeito à harmonizar fatores individuais com os coletivos e do bem comum, da justiça e da equidade com a ética comportamental no trato com as pessoas e estrutura organizada. Em tais abordagens, as teorias devem ser vistas como um instrumento, não como uma verdade absoluta; e que a validade das ideias expressas nas teorias só tem validade quando apreciadas com base no saber esclarecido e nas consequências práticas que geram para a vida das pessoas (físicas e jurídicas) e das organizações sociais.

De qualquer modo, o propósito da abordagem do tema neste capítulo é o de disponibilizar elementos para estimular o debate de ideias, conceitos e postulados para a construção de uma plataforma que seja a expressão da consciência dos seres humanos e da sua capacidade para escolher a melhor forma de lidar com as pessoas com criatividade. Há uma multiplicidade de variáveis na esfera do sistema de relacionamentos que interferem na vida das pessoas, e no que diz respeito ao modo de ser e de agir no âmbito da arte de gerenciar pessoas, em que há aspectos ligados às consequências decorrentes de inteligências deformadas e de mentes doentias que destroem relacionamentos, corroem as bases do mundo do conhecimento, minam as bases da governança e da gestão de pessoas no seio das organizações sociais. Também há uma multiplicidade de variáveis na esfera do conhecimento que precisam ser corretamente articuladas para serem bem entendidas.

O mundo do conhecimento, embora tenha atingido altos níveis de desenvolvimento, continua com uma

multidão de variáveis que ainda não permite conquistar o conhecimento em profundidade da arquitetura e do funcionamento do corpo espiritual dos seres humanos, principalmente no que diz respeito às conexões dos elementos da mente com as do cérebro bioquímico, dos efeitos de uma mente corrompida ou doentia sobre o pensar e o agir, das implicações de um intelecto deformado, ou cimentado, nas relações humanas, sociais, funcionais e institucionais. Mente sã e intelecto bem formado aponta na direção da importância de manter o primado do ser, permite entender que o ser tem uma dinâmica própria que liga as virtudes e os valores morais da mente ao agir, bem como ao que dá vida e movimento virtuoso ao intelecto, aos sentimentos nobres, ao senso de justiça com equidade, ao respeito por si mesmo e pelo outro, à ética comportamental, à responsabilidade e ao bom senso no agir. O reverso deste caminho surge quando o Ter se sobrepõe ao Ser, mas quando o primado do ter se estabelece, surge uma dinâmica que dá vida e movimento aos pensamentos destrutivos de modo a eliminar os valores morais e éticos do intelecto, e no agir se instala a ditadura do egoísmo, da dominação pelo poder do dinheiro, do consumismo, da ostentação social e da arrogância. Portanto, é preciso conhecer a arquitetura do corpo espiritual dos seres humanos para colocar as coisas no seu devido lugar. Também é fundamental entender como funciona a mente, os pensamentos, os sentimentos e as emoções do corpo imaterial, e refletir sobre o impacto disso no sistema de relacionamentos. Conhecer-se é fundamental para ouvir a voz tranquila que vem de dentro do Eu, para ser bom gestor de si mesmo, para entender a importância do

primado do ser e de saber discernir os movimentos da mente, das emoções e dos pensamentos, e a importância do discernimento, para fazer as escolhas pessoais entre o caminho do ser e o caminho do ter.

O discernimento, além de ser uma faculdade dos seres humanos que tem um poder transformador no sistema de relacionamentos é fundamental no trato consigo mesmo e com as pessoas numa estrutura organizada, principalmente na administração aplicada a si mesmo e na gestão de pessoas, ao unir e ligar por coordenação e por articulações gerenciais todas as partes envolvidas. O poder transformador do discernimento exige de cada indivíduo uma postura que signifique se revestir de valores, como do respeito, da humildade e da compaixão. Mas, se tratando de uma estrutura organizada, tal exigência atinge a todos da organização de tal modo que líderes e colaboradores devem, igualmente se revestir das virtudes que os tornam donos de uma autoridade moral que transforma mentes e “corações”, e do compromisso de fazerem o bem e de serem verdadeiros em tudo, principalmente sobre a verdade do seu eu e nos relacionamentos entre o Eu-Tu-Nós. Este é um modo eficaz de obter a verdade que liberta e desconectar-se com a verdade de si mesmo e a do outro, também é uma ferramenta eficaz para o entendimento de tais questões, cujo entendimento exige sólidos conhecimentos sobre a realidade, também na esfera de suas conexões com o mundo. Trata-se de uma exigência que ultrapassa os limites da realidade meramente contemporânea, porque o conhecimento de aspectos da própria estrutura da pessoa como um todo, e da sua interface com as estruturas sociais e administrativas onde vivem e

trabalham, é uma exigência que sempre existiu, mas não tanto como agora.

Os avanços no mundo do conhecimento nos colocam diante de novas exigências na esfera da gestão de pessoas numa estrutura organizada, a qual está intimamente ligada à pessoa como um todo e às relações humanas, sociais e funcionais. Em tais relações existe um processo dinâmico que têm um poder transformador baseado na confiança, na credibilidade e na equidade, em que existe num compromisso profundo com o propósito comum, tanto em relação à existência do bem comum e ao bem das pessoas, como em relação às questões das relações funcionais numa estrutura organizada, onde há uma arquitetura própria ligada ao mundo do trabalho, na divisão de funções, ofícios e serviços. Mas no contexto da realidade contemporânea, é preciso ter presente também o avanço do Ter sobre o Ser, e com este, o estabelecimento da ditadura do poder e com ela a destruição dos valores e a instalação da amnésia moral no agir.

Tais questões têm implicações diretas na arte de lidar com pessoas, tanto na esfera das relações humanas, sociais e funcionais, como nada administração aplicada à gestão de pessoas e nas funções de unir e ligar por coordenação e por articulações administrativas os indivíduos na esfera da divisão de funções, ofícios e serviços. Há nisso um processo que facilite a sua compreensão e ajude a delinear um precioso estilo comportamental nas relações humanas e funcionais que signifique um novo modo de lidar com as pessoas físicas e jurídicas; um estilo que seja de boa qualidade no agir, que signifique postura ética,

conduta ilibada, compromisso com a verdade e a justiça com equidade.

É importante que ninguém tenha medo de rever sua postura, seu modo de agir no lidar com as pessoas e de realizar o que lhes cabe, e de rever a sua coerência, eficiência e racionalidade no falar e no agir. Também é importante que todos estejam atentos às armadilhas que bloqueiam as conexões entre a razão e o sentimento, e as que asfixiam a razão, visto que, os elementos de tais armadilhas, prejudicam a própria pessoa, o convívio social e a eficácia da execução do que compete a cada indivíduo no seio da sociedade. Isso exige conhecimentos que combinam ciência e experiência, razão e afeto, o cérebro bioquímico e a esfera emocional.

Na essência deste processo existe a possibilidade de olhar e tratar as Pessoas físicas pelo que de fato são, e tratar as Pessoas jurídicas pela sua missão e fins institucionais. Isso envolve um processo que contém algumas questões-chave.

A chave-mestra do agir está ligada ao modo de ser e de agir nas relações humanas e funcionais, e ao modo de tratar o outro e as coisas do bem comum e da Pessoa jurídica. Esta chave abre o segredo da postura, que significa um estilo aberto e direto, equilibrado e sensato de lidar com as pessoas e com instituições, com a boa técnica de comunicação e de expressão. Também abre o segredo da construção da confiabilidade no sistema de relacionamentos, no mundo pessoal e no mundo do trabalho.

CONCLUSÃO

Existe uma interface no processo de caminhar juntos numa estrutura organizada da administração que é determinante para a boa qualidade no trato com as pessoas, entre as pessoas e nas suas relações com os fatores que possibilitam um convívio social e funcional criativo, respeitoso, ético e solidário. Nesta interface ocorre uma articulação entre as pessoas com o mundo real que assegura as bases para relações humanas saudáveis, pois se trata de um processo que envolve questões que permitem desenvolver a cultura do respeito tanto por si mesmo e pelo outro como pela esfera do mundo real de cada função, ofício ou serviço em qualquer tipo de instituição, e da cultura do trabalho comprometido com um modo ético de ser e um de agir, que signifique nexos entre as ideias e a ação. O enriquecimento da cultura do trabalho comprometido em qualquer função, ofício ou serviço, está ligado ao vínculo entre o que se fala e o que se faz no mundo corporativo, o que é fundamental para conquistar confiabilidade e autoridade moral nos relacionamentos administrativos no mundo das corporações.

É preciso considerar que o bem e a verdade não desabrocham espontaneamente. Os seres humanos precisam do bom exemplo e da coerência entre o discurso e a ação para conseguirem um padrão comportamental amadurecido, apoiado em um desenvolvimento do ser no que diz respeito, à consciência de si mesmo e à responsabilidade, vinculado aos valores morais e espirituais e aos limites no uso da sua liberdade. Sem esquecer que as forças do inconsciente são cegas e plenamente autônomas, mas que

podem ser gerenciadas, principalmente naquilo que significa por limites aos instintos e aos desejos egoísticos de usar abusivamente do poder para dominar ou manipular os mais vulneráveis.

Milhares de escolhas tecem a existência humana e as mais fecundas são extraídas do tesouro da sabedoria da alma e da ciência que ilumina o entendimento. Tais escolhas não podem ser equiparadas aos desejos meramente humanos porque os desejos estão ligados às intenções passageiras e superficiais, enquanto que as escolhas estão ligadas a algo durável e profundo como é a consciência crítica que gera atitudes responsáveis e compromissadas. As atitudes geram hábitos, e os hábitos caracterizam os estilos comportamentais. As escolhas estão ligadas a algo concreto de longo prazo, enquanto que o impulso está ligado a um desejo momentâneo, nada durável. Já no funcionamento da mente há muitas armadilhas que prejudicam a seleção das escolhas gerenciais, principalmente naquilo que significa um nexos entre o falar e o agir. Para tanto, é preciso nutrir-se com o pão do saber não só para ser um gestor de si mesmo, mas também, para ser um mestre na arte de lidar com pessoas. O conhecimento das sutilezas do mundo interior, e daquilo que o dinheiro não pode comprar e nem uma lei ou um ditador pode impor, é algo que vem da sabedoria da alma que nutre o modo de agir nas escolhas, e também nos relacionamentos, principalmente naquilo que significa o respeito por si mesmo e pelo outro, o acolhimento responsável pelos seus deveres e direitos e a preocupação com o bem comum.

Estamos diante de um processo que contém múltiplas facetas, no qual a criatividade das demandas gerenciais

requerem confiabilidade e respeito mútuo, e a autoridade moral para gerenciar pessoas está apoiada na atitude de servir. A premissa do ser humano ser um ente completo é carregada de todas as necessidades e capacidades inerentes ao ser humano e ao ser sujeito de direitos e obrigações. É interessante considerar que a governança do mundo corporativo gera exigências administrativas que são simultaneamente dirigidas aos indivíduos e às instâncias das organizações, construindo criativamente a cultura corporativa e o ambiente administrativo. A arte de lidar com pessoas, vinculada ao sistema de relacionamentos humanos, sociais e funcionais, jurídicos e administrativos, e ainda, associada à natureza das relações de liderança, reflexão dos fatores que convergem para a criatividade latente, responsável em construir uma atmosfera favorável à convivência saudável e produtiva que estabelece padrões comportamentais que são capazes de incentivar o desenvolvimento de cada trabalhador e o engrandecimento dos grupos juntamente com o sucesso das organizações. A arte de lidar com as pessoas é um bom alicerce para se pensar o futuro das organizações corporativas e fonte de inspiração para compreender o potencial criativo naturalmente presente no ser humano.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília-DF, 1988 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 07 ago. 2021.

- DELAMEA, Elenita Irmã. **Administração paroquial**. São Paulo: Loyola, 1992
- _____. **Contabilidade eclesiástica**. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. **Administração diocesana e paroquial**. São Paulo: Loyola, 2006.
- DRUCKER, P.F. **Administração de organizações sem fins lucrativos**. princípios e práticas. Tradução de Nivaldo Montingelli Jr. São Paulo: Pioneira, 1994.
- PEREIRA, J.C. **Manual da secretaria paroquial**. São Paulo: Vozes, 2010.
- _____. **Gestão pastoral: conhecer, planejar e agir na realidade paroquial**. São Paulo: Loyola, 2021.

5

Objetos Digitais, Corpos Virtuais, Potências dos Afetos: clínica e política nos processos de individuação tecnológica

Bruno Vasconcelos de Almeida¹

RESUMO

Este trabalho aborda alguns dos processos contemporâneos de individuação tecnológica com foco em três questões específicas: a multiplicação dos objetos digitais; a refabricação dos corpos no âmbito do *self design*, ou seja, a questão dos corpos virtuais; e os modos de afetação maquínicos em diferentes níveis das composições “homens, máquinas e tecnologias”, na perspectiva de retomada da questão dos afetos. A linha que percorre os diferentes problemas contempla ainda, o estatuto do artificial, a noção de realidade e a questão dos ritmos. Os desdobramentos clínicos e políticos da individuação tecnológica traduzem uma questão de vital importância no cenário atual, a saber, o problema da criação e da Criatividade.

Palavras-chave: Objetos Digitais. Corpos Virtuais. Potências dos Afetos.

¹ Professor Adjunto na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Pós-Doutor em Filosofia pela UFMG (2016; 2014). Doutor e Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP (2010; 2005), Membro do Núcleo de Estudos do Pensamento Contemporâneo (NEP-C-FAFICH-UFMG). Membro do GT Filosofia da Técnica e da Tecnologia (ANPOF). Integrante do Grupo de Trabalho Espaços Deliberativos e Governança Pública (GEGOP). Psicólogo e Acompanhante Terapêutico. E-mail: bruvascal66@hotmail.com

PERSPECTIVAS E MÉTODOS

Exemplos de artificialização presente nas sociedades contemporâneas podem ser encontrados nos modos como o campo comunicacional e tecnológico agencia – através da linguagem, das formas de expressão e de conteúdo – as complexas relações entre processos de mediação e produção de subjetividade. Uma complexa engenharia a mobilizar diferentes dispositivos em ecologias digitais é posta a funcionar de modo a incrementar os projetos de artificialização do humano, com o esfriamento do organismo e a construção de novos lugares para os corpos, conforme diferentes vertentes da relação com o humano, isto é, o inumano, o transumano e o pós-humano.

A Economia Política foi a primeira Ciência a colocar o problema da subjetividade, subjetividade não antropomórfica, a se constituir como alvo do capitalismo, através de estratégias de gramatização que incidem sobre o sentir, o crer e o desejar. Cérebro coletivo a produzir riquezas com foco na invenção, nos valores, em acontecimentos, em singularidades. Gabriel Tarde (2005) chamou a atenção para a forma como desejo e crença se compõem na definição da opinião pública. Vale notar que as fronteiras entre trabalho, arte e política estão se esfumando, como de resto, inúmeras outras fronteiras.

No plano comum, a incidência dos processos de artificialização distribuem-se sobre a vida: a vida investigada pelas tecnociências, através do recurso ao menor, à unidade mínima, ao gene, ao *bit*, ao átomo, ao neurônio. Corpos como suportes das profundas transformações na experiência humana e técnica aparecem como efeitos de

individuações complexas, extrapolando os indivíduos, re-dimensionando a vida orgânica e criando vidas artificiais.

A vida artificial redesenhou os modos de vinculação entre máquinas e organismos, superando antigos dualismos, em direção a uma imanência radical que reposicionou, em um dado perspectivismo, as relações entre natureza e cultura. O acréscimo de utilização de conceitos informacionais e de modelos computacionais acelerou processos de convergências tecnológicas, que por sua vez, geraram novos problemas no âmbito filosófico. Os conceitos de vida, auto-organização, complexidade, emergência, autonomia e outros, tornaram-se estratégicos para se pensar o artificial. Quanto ao problema da realidade, tempo, espaço e a própria percepção, não são considerados como absolutos; contudo, em boa parte da Ciência, ainda vinculados à matéria. O questionamento da validade absoluta do tempo e do espaço permitiu um novo olhar sobre a realidade; sua definição cada vez mais imprecisa e improvável. O pensamento de A. N. Whitehead (1985) indicou uma das possíveis explicações da realidade, a partir das características e propriedades das relações que se dão entre os seres que a integram. Na perspectiva do autor, fundamentalmente ontológica, há uma realidade formal e uma realidade objetiva. A realidade formal de uma entidade é uma espécie de *self-enjoyment*, já sua realidade objetiva engaja-se continuamente no interior de novos processos. A noção de ritmo coloca em causa a transição permanente entre pluralidade e unidade, ou melhor, entre multiplicidade e unicidade, e expressa, dessa forma, uma relação entre sucessão, continuidade, e descontinuidade. Para Whitehead (1985), o ritmo diz res-

peito ao processo criador. Nesse sentido, pode-se pensar que o ritmo contém extratos: tempos intensivos, ressonâncias, vestígios, articulações, movimentos específicos, efeitos e superfícies de acontecimentos.

O ritmo constitui potência vital de variação e produção de novas formas de existir, isto é, uma potência permanente e vital de criação, sobretudo ao conectar/ligar subjetividade e mundo. A materialidade do corpo sem órgãos (CsO) depende do encontro da onda nervosa com as forças do mundo, anulando qualquer separação dos sentidos. Retorno da dimensão trágica da vida como máxima exposição ao outro, e não neutralização asséptica dos sentidos na criação de novos mundos.

Ancorado nas configurações tecnocientíficas, o artificial pode ser definido como processo de afastamento, recomposição mutante das relações entre natureza e cultura. Se por um lado, pensamos na fusão corpos e máquinas através da via que vai do lógico ao sensível; por outro lado, assistimos ao afastamento neutralizante das forças da vida, dimensão do artificial caracterizada pelo numérico, pelo algoritmo, pelo digital que ainda não explicitou seu vínculo com as sensações, no encontro das ondas com as forças que agem sobre os corpos. Estatuto desvitalizado do artificial.

É certo que a noção de realidade está problematizada ao longo da história da Filosofia. Optamos pelo recurso ao pensamento de Whitehead (1985), mas poderíamos tê-lo feito através da perspectiva de Bacca (1901-1992), Entralgo (1908-2001), Zubiri (1898-1983) ou Ortega (1883-1955). Por outro lado, as ciências, as técnicas e as tecnociências redefiniram e redefinem a realidade. Ficção

e Física em um mesmo plano, ou a realidade como criação de virtuais. Coube à noção de ritmo, agenciar novas combinações entre o sensível e o inteligível, gestando variações, impressões, ressonâncias e diferenças.

De que modo se pode pensar as relações entre o técnico e o psíquico? Como se dão os modos de afetação entre o digital e o psíquico? Quais composições e agenciamentos são produzidos no encontro com objetos digitais e com corpos virtuais? Quais potências e virtualidades estão presentes no encontro do homem com o digital? A individuação tecnológica se compõe de diferentes individuações: individuação de formas, modos e graus; individuação física da matéria; individuação biológica da vida; individuação psíquica e coletiva do psiquismo, do transindividual, do sujeito e do espírito. “Toda vida insiste em existir, mas não sem uma luta contemporânea com suas condições” (ORLANDI, 2004, s.p.).

Os modos de afetação maquínicos estabelecidos a partir das composições homens e máquinas, referidos acima, isto é, interfaces, acoplagens, incorporações e fusões, se diferenciam através de graus, variações e potências dos afetos, implicados com a autonomia tecnológica. Na medida em que estes *quantum* afetivos são intensificados, processos díspares são ativados, de forma a agenciar configurações que redesenham as relações entre o humano, o não-humano e o pós-humano. A transformação desse elemento propriamente humano é um dos objetos de nossa pesquisa.

O cenário que está no horizonte dessa investigação é constituído por objetos digitais, corpos virtuais, e pelas potências afetivas presentes nos processos de individua-

ção tecnológica. O marco conceitual da pesquisa remete às obras de Alfred North Whitehead (1985), Gilbert Simondon (2012), Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995). Aproveita igualmente de algumas discussões atuais de pesquisadores como Brian Massumi (1995), Erin Manning (2013), Steven Shaviro (2015), Isabelle Stengers (2015), e ainda autores do chamado realismo especulativo. À propositura de um paradigma ético-político-estético-e-clínico, como já formulado por Suely Rolnik (2004), acrescenta-se um paradigma que ao mesmo tempo é científico-técnico-e-tecnológico. A convergência das duas teses de Simondon (2007; 2009) já sinalizava nessa direção.

Objetos digitais, corpos virtuais, e afetos, são, no cenário contemporâneo, alvo do investimento político e biopolítico, cuja estratégia se assenta na produção de subjetividade não desejante, na captura dos fluxos desejantes, no controle político da atenção e do tempo e, por último, no georeferenciamento da experiência humana atrelado ao capital. Por outro lado, objetos digitais, corpos virtuais e afetos dispõem perspectivas e cenários possíveis para reinvenção de outras realidades, não capturáveis pelo investimento biopolítico; ao contrário, elas são indicativas de invenções tecnoestéticas e da produção do novo.

Do ponto de vista metodológico, o presente trabalho utiliza-se do método da cartografia, de Guattari (1989), e do trabalho acerca da ontocartografia de Levi Bryant (2014). O esforço consiste em circunstanciar objetos digitais, corpos virtuais e afetos, no âmbito do sistema a quatro cabeças das cartografias esquizoanalíticas, isto é, por entre territórios, fluxos, máquinas e universos; e, de modo similar, através do mapeamento das interações e

relações entre máquinas que compõem ecologias e aglomerados tecnológicos, com componentes humanos e não humanos, segundo a perspectiva da ontocartografia.

Na cartografia ontológica de Bryant (2014) encontram-se quatro tipos de mapas: mapas topográficos ou cartográficos propriamente ditos, mapas genéticos, mapas vetoriais e mapas modais. O primeiro fornece uma espécie de instantâneo de mundos a reunir composições de determinado momento: máquinas, relações entre estas, fontes de energia e saídas materiais. Os mapas genéticos traçam a gênese ou a História de como mundos particulares emergem e ganham sua atual configuração. Os mapas vetoriais consistem em análises prospectais com gráficos de trajetórias em desenvolvimento; funcionam como uma espécie de perspectiva de futuro. Por último, os mapas modais descrevem possíveis outros mundos, mapas futuros estabelecidos a partir de intervenções em determinadas ecologias, mapas contingentes e, portanto, não causais (BRYANT, 2014).

A estrutura do trabalho é composta de quatro partes: estudo dos objetos digitais, estudo dos corpos virtuais, estudo das relações entre tecnologias e afetos, investigação das articulações clínico-políticas entre objetos digitais, corpos virtuais e potências dos afetos. Algumas considerações podem aqui ser esboçadas: no cenário da tecnopolítica contemporânea e de uma ontologia orientada por objetos, destacam-se a incessante produção de subjetividades maquínicas, com a correspondente redução das margens psíquicas a um mínimo existencial comum; a crescente autonomia dos objetos e das máquinas na medida em que percorrem o caminho que vai do lógico ao

sensível – a capacidade de sentir das máquinas é acompanhada da perda da capacidade de sentir dos humanos, embaralhando objetos digitais e corpos virtuais; e, por último, o controle estabelecido a partir da captura da atenção e do tempo, bem como do redimensionamento do espaço, seja físico ou virtual, que parece indicar outro redimensionamento para o movimento dos corpos, movimento esse de contração e expansão. A pergunta ética que percorre essa investigação refere-se às articulações entre clínica e política nos processos de individuação tecnológica.

OBJETOS DIGITAIS

Assiste-se atualmente a uma imensa proliferação de objetos digitais; uma das maneiras de categorizá-los foi proposta por Kenneth Thibodeau (2017). Eles herdariam componentes de três outros tipos de objetos, a saber: objetos físicos, objetos lógicos e objetos conceituais. No primeiro caso, os objetos digitais consistem na inscrição de sinais em uma determinada mídia e os meios físicos estabelecem os modos como se dão as gravações. Como objeto lógico, os objetos digitais são processados por *softwares* que trabalham com formatos, códigos e formatações. O objeto conceitual, por sua parte, é reconhecido por pessoas ou *softwares* e consiste de uma unidade significativa de informação. O conteúdo e a estrutura podem ser representados em diferentes codificações e ganhar diferentes aparências. O objeto digital está associado ao meio digital; na prática, o acoplamento entre objeto e meio é que constitui o objeto digital, presente em diferentes esferas da vida atual.

Por outro lado, o digital diz respeito a uma técnica de gerenciamento e processamento de dados, baseada no arquivo e na transmissão. À ideia do dado como aquilo que está disponível no mundo, pode-se acrescentar, desde os anos quarenta do século passado, a informação armazenada, processada e transmitida. Um conteúdo para *internet* constitui um objeto digital, um vídeo ou uma postagem, um aplicativo, uma notícia ou mesmo um anúncio. O meio digital é composto de registros, códigos, marcas, imagens, palavras, cores etc. O modo de registro e armazenamento dispõe de códigos, letras, números, linguagem computacional e combinações, sobretudo numéricas e matematizáveis. De acordo com Yuk Hui (2016), o objeto digital é composto de informação, percepção e relações imateriais. Os conceitos de rede (LATOURE, 2009) e rizoma (DELEUZE, 1995) dialogam com as complexas urdiduras produzidas no universo digital, definido por relações, composições e fluxos. A relacionalidade dos objetos digitais é constantemente programável e é nela que atuam os algoritmos. Os objetos digitais, assim como os objetos técnicos, são objetos artificiais.

Os objetos digitais, compostos de dados formalizados por esquemas e ontologias que podem se generalizar, apontam para uma Ontologia digital, na qual *bits* são a representação atômica do estado da informação. A Cultura Digital integra a Cultura, de modo que se torna impossível, com o aumento das tecnologias digitais, separar a vida *on-line* da vida *off-line*. Depara-se com um cenário de coexistência dos objetos digitais com objetos naturais e objetos técnicos. Os objetos digitais podem ser pensados como formas temporais e numéricas de exteriorização

dos fluxos de diferentes naturezas, a fim de contribuir no processamento, armazenamento e pertencimento a redes. Dimensão quantitativa e qualitativa de fluxos a vincular uma Ontologia dos objetos aos modos de produção de subjetividade, a partir do cálculo e do algoritmo.

Uma das questões políticas mais importantes do cenário atual é justamente o modo como afetividade, sensibilidade e desejo são gramatizados nas estratégias de cálculo, conexão e protocolos; onde os objetos digitais se inscrevem como memórias externalizadas em um fora maquínico e mental, passível de modificações no âmbito dos arquivos. O físico dá lugar a formatos, formas, códigos e dados, e o controle da chamada retenção terciária, de inspiração husserliana, referência a uma das três retenções de Stiegler (2002a, 2002b), desenha o cenário distópico de políticas obscuras e controle manipulatório da vida.

CORPOS VIRTUAIS

No tocante aos corpos virtuais, a ideia de um corpo como organismo cedeu lugar ao corpo como processo de mediação que participa da emergência dos afetos. O corpo virtual ganha relevância na medida em que supostamente perde sua ligação com extratos orgânicos, apon-tando para uma espécie de esquecimento daquele corpo natural. Em que consiste um corpo virtual? O corpo virtual não é desprovido da capacidade de experimentação sensorial, ele é capaz de recriar novas sensações, reproduzi-las e até mesmo reinventá-las a partir das interfaces homens, telas e tecnologias. Vale lembrar a questão dos neurônios-espelho e a sinestesia espelho-tátil no âmbito

dos estudos da percepção, retomada por Brian Massumi (2016) em estudo sobre a Arte do corpo relacional. Vale igualmente propor o problema de qual é a materialidade digital do corpo virtual e quais são os modos de afetação, a capacidade de afetar e ser afetado de que falava Spinoza (2009), desse mesmo corpo virtual. Pode-se falar em corpo virtual vibrátil?

Corpo virtual, corpo vibrátil, corpo intensivo, corpo sem órgãos. O corpo se define por sua virtualidade, por aquilo que ele pode e não, por aquilo que ele é. Ele se define, portanto, por sua relação com a alteridade; de um lado, o sensível extenso que engloba percepções, sentimentos e representações; por outro, o sensorial intenso que engloba sensações, perceptos e afectos. Nada garante que os corpos virtuais tenham potências de variação intensiva, se gramatizados e restritos aos algoritmos. Os corpos intensivos, e mesmo as comunicações intensivas, são sempre disruptivos e disruptivas, definidos por longitude e latitude.

Um corpo não se define pela forma que o determina, nem como uma substância ou sujeito determinados, nem pelos órgãos que possui ou pelas funções que exerce. No plano de consistência, um corpo se define somente por uma longitude e uma latitude: isto é, pelo conjunto dos elementos materiais que lhe pertencem sob tais relações de movimento e de repouso, de velocidade e de lentidão (longitude); pelo conjunto dos afectos intensivos de que ele é capaz sob tal poder ou grau de potência (latitude). Somente afectos e movimentos locais, velocidades diferenciais. Coube a Espinoza ter destacado essas duas dimensões do Corpo e de

ter definido o plano de Natureza como longitude e latitude puras. Latitude e longitude são os dois elementos de uma cartografia. (DELEUZE, 1997, p. 47).

A ideia de corpo virtual não diz respeito somente ao digital, mas igualmente às experiências e potencialidades do movimento involuntário em velocidade infinita, embaralhando as fronteiras das modalidades de sentidos. O corpo virtual é o corpo que contém e contempla agitações, ondulações, vibrações de energia ou atividade fundamental; está ligado à simpatia e à percepção. A percepção não é um repositório das coisas do mundo, mas um processo ativo a contrair vibrações de toda natureza. De acordo com Massumi (2016, p. 16), “os deslocamentos do corpo físico no espaço de maneira extensiva são duplicados em intensidade por um corpo virtual vibratório de pura variabilidade”. Trata-se, no âmbito desse trabalho, de pensar o corpo virtual a partir do estudo do movimento. Movimento que produz deslocamentos, simetrias e assimetrias e, sobretudo, gestos, em uma espécie de coreografia das subjetivações. O corpo virtual é, portanto, o portador da relacionalidade do corpo e da vida.

Nesta perspectiva, coloca-se uma difícil questão ao problema do corpo virtual: quais composições podem ser derivadas das lógicas atuais de aceleração e conexio-nismo generalizado com as potências do corpo virtual, corpo essencialmente variável e relacional? O que está em jogo nesse caso é toda uma articulação entre clínica, tecnologias e política. De um lado, o corpo anestesiado da Cultura Digital, de outro, as potencialidades do corpo virtual na própria Cultura Digital. O corpo virtual pode

ser pensado a partir das relações do movimento com o espaço e o tempo, em especial através da dimensão sensível da experiência. Se esse espaço é o espaço virtual, será preciso investigar as variações da experiência sensível a partir do meio eletrônico e dos fluxos numéricos e financeiros que organizam, através do cálculo, uma espécie de contabilidade da experiência subjetiva.

POTÊNCIAS DOS AFETOS

A retomada da problemática do afeto no âmbito do pensamento contemporâneo não se faz sem sua vinculação com a linguagem e com o corpo, mesmo que essa vinculação seja da ordem de uma ruptura. Se as tecnologias escandem as linguagens e promovem a reengenharia dos corpos, as performatividades dos movimentos virtuais apontam para as potências dos afetos como agenciadores de novas ontologias relacionais. A individuação técnica e tecnológica em curso potencializa os diferentes vetores da individuação simondoniana: físico, biológico, psíquico, transcoletivo, técnico e, pode-se acrescentar, digital. Objetos, máquinas, corpos e virtualidades compõem os extratos dessa individuação que modifica completamente a realidade, na acepção que o termo possui na obra de Whitehead (1985).

O corpo que move é o mesmo que produz afetos. O afeto é um fenômeno corporal pré-consciente e pré-individual. Não se sabe como as realidades pré-individuais compõem ou participam das realidades individuais. Em uma perspectiva contemporânea dos estudos sobre o afeto, pode-se dizer que ele é autônomo em relação ao discurso (MASSUMI, 1995). As virtualidades dos afetos

contém potências que os vinculam à produção do novo e à criação. O modo de produção desse novo e dessa criação é essencialmente clínico. Trata-se aqui de problematizar o afeto a partir da leitura deleuzeana de Espinosa (2002), que o articula com a intensidade, a potência, o virtual e o atual. Em nossa leitura, o afeto constitui um *tour de force* na investigação do desenvolvimento tecnológico e na autonomia das máquinas, no circuito que vai do lógico ao sensível nos processos de individuação tecnológica.

Deleuze (1988) mostrou que o limite do sensível é o insensível, efeito incorporal a preencher espaços, lacunas, neblinas, zonas obscuras nas comunicações humanas e não humanas. A ausência de variabilidade nos corpos impede a criação do novo e estanca processos desejantes. No circuito contrário, que vai do sensível ao lógico, podemos encontrar significativas diminuições da potência de variação dos corpos através de codificações que esvaziam a potência política relacional desses mesmos corpos.

Em jogo nas políticas afetivas do contemporâneo, uma espécie de modulação da sensibilidade que incide sobre o regime das afetividades emergentes, e que se manifesta através de diferentes estratégias: contabilização das emoções através de cliques e registros imagéticos, manifestações programadas com ausência de risco, interesse das empresas de alta tecnologia pela vida afetiva de seus usuários, controle qualitativo e quantitativo dessas vidas afetivas, gramatização das relações entre emoção e expressão, movimento monitorado do gesto mínimo.

DESDOBRAMENTOS CLÍNICOS E POLÍTICOS DA INDIVIDUAÇÃO TECNOLÓGICA E O PROBLEMA DA CRIAÇÃO/CRIATIVIDADE

Com estratégias claras de controle do tempo, ciber-tempo, na expressão de Franco Berardi (2019), o aceleracionismo presente nas esferas tecnossociais da vida contemporânea captura o tempo e o foco do jogo atencional, e comprime a experiência emocional, reduzindo as margens do psíquico em diferentes vetorializações: linguagem, expressão, movimento, sensação, alteridade, controle da percepção com estrangulamento do sensível. Presentificação da experiência que reduz as potências de variação dos corpos a uma ausência de narrativa e de memória. Do mesmo modo, as estratégias de esquadriñamento do espaço, através do engendramento de formas de deslocamento pré-programadas, apontam para o esgotamento de possibilidades rítmicas, invariância dos movimentos do corpo a partir do controle, da visibilidade e da vigilância.

Na presente investigação das articulações clínico-políticas entre objetos digitais, corpos virtuais e potências dos afetos, destacam-se alguns pontos de tensionamento e problematização: a criação de mundos, o meio, o pensamento, a prática e os modos de existência. Toda criação, parcial, fragmentária, emergencial ou absoluta, cria novos mundos. Na própria gênese dos objetos digitais estão presentes novas possibilidades de ordenamentos lógicos, composições e usos distintos, novos mundos de aplicabilidades técnicas e subjetivas. A criação é processo e no movimento da criação, novos pensamentos ganham materialidade. O objeto, criado em um mundo, cria outro

mundo. Eis a razão pela qual a ficção científica e o cenário das invenções tecnológicas confluem em um mesmo movimento do pensamento.

O movimento do pensamento não se deixa capturar apenas pela linguagem, ele tem texturas e movimentos próprios. O meio onde esses movimentos são forjados é o meio sensível; engloba os ambientes material e digital e igualmente a capacidade de afetar e ser afetado em jogo nos agenciamentos em torno dos corpos virtuais. O excesso, o excedente, o que vai além, já é criação que supera o movimento anterior e o mundo do qual se partiu. O excedente permite novos estilos de vida e novos modos de existência. A ideia de pesquisa deveria incidir sobre esses excedentes, desafiando os modos de existência que se expressam na criação de mundos.

O pensamento captura a inteligência material e relacional, e na intensidade dos fluxos relacionais, ele se transforma, criando a si e ao mundo, como esteta, como obra de Arte, Arte que nada mais é que o movimento da criação.

Na confluência de articulações clínico-políticas do contemporâneo, esses novos modos de vida devem exceder o humano. Prática e processo levam o pensamento às forças imanentes, criando uma Ecologia para além do humano, Ecologia de transindividualidades coletivas.

Os processos de criação parecem demandar um espaço intermediário, espaço de confluência de forças e formas, moldando e deformando materiais e virtualidades, em uma plasticidade psíquica que coincide com a própria criação de mundos, como na Literatura, que ativa as dimensões pulsantes da vida. Os processos clínicos e

políticos implicados com a individuação tecnológica são múltiplos, problemáticos e impõem ao pensamento um número significativo de questões.

No cenário de objetos digitais, corpos virtuais e políticas/potências dos afetos, vale à pena, a título de problematização, retomar uma máquina um tanto quanto distinta das máquinas tecnológicas que investigamos: a máquina reprodutora de relatos do romance *A Cidade Ausente*, de Ricardo Piglia (1993), inspirada na máquina de Macedonio Fernández (2010), no Museu do Romance da Eterna. As transmissões da máquina de Piglia constituem uma ameaça ao *establishment*: elas produzem realidades artificiais sobre questões vitais, singularizando relações e acontecimentos, produzindo novas narrativas, recriando a linguagem nos espaços fronteiros de produção subjetiva e misturando realidade e ficção. A invasão do cérebro da máquina coincide com as possibilidades da literatura.

[...] Estou cheia de histórias, não posso parar, as patrulhas controlam a cidade e os locais da Nove de Julho estão abandonados, é preciso sair, atravessar, encontrar Grete Müller que olha as fotos ampliadas das figuras gravadas no casco das tartarugas, as formas estão ali, as formas da vida, eu as vi e agora elas saem de mim, extraio os acontecimentos da memória viva, a luz do real treme, fraca, sou a cantora, aquela que canta, estou na areia, perto da baía, no fio da água posso ainda recordar as velhas vozes perdidas, estou só ao sol, ninguém se aproxima, ninguém vem, mas eu vou seguir, adiante está o deserto, o sol calcina as pedras, eu me arrasto às vezes, mas vou seguir, até a beira da água, sim. (PIGLIA, 1993, p. 137).

REFERÊNCIAS

- BERARDI, Franco. **Depois do Futuro**. Tradução de Regina Silva. São Paulo: UBU Editora, 2019. (Coleção Exit).
- BRYANT, Levi. **Onto-Cartography: an ontology of machines and media**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- DEBAISE, Didier. **Vocabulaire de Whitehead**. Paris: Éditions Ellipse, 2007. (Vocabulaire des Philosophes).
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. **Espinosa: filosofia prática**. Tradução de Daniel Soares Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.
- _____; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol.1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS).
- _____; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol.3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. (Coleção TRANS).
- _____; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997. (Coleção TRANS).
- FERNANDEZ, Macedonio. **Museo de la Novela de la Eterna**. Madrid: Catedra Ediciones, 2010.
- GUATTARI, Félix. **Cartographies Schizoanalytiques**. Paris: Éditions Galilée, 1989.
- HUI, Yuk. **On the Existence of Digital Objects**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016. (Electronic Mediations; 48).
- LAPOUJADE, David. **As Existências Mínimas**. Tradução de Hortencia Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- LATOUR, Bruno. **Enquête sur les Modes D'Existence: une anthropologie des Modernes**. Paris: La Découverte, 2012.
- _____. **Jamais Fomos Modernos**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009. (COLEÇÃO TRANS).

- MANNING, Erin. **Always More Than One**: individuation's dance. Durham: Duke University Press, 2013.
- MASSUMI, Brian. A arte do corpo relacional: do espelho-tátil ao corpo virtual. **Galáxia**, São Paulo, n. 31, p. 05-21, abr. 2016, (Online). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016126462>. Acesso em: 21 abr. 2017.
- _____. The Autonomy of Affect. **Cultural Critique**, n. 31, The Politics of Systems and Environments, Part II. (Autumn, 1995), p. 83-109. Disponível em: http://cr.middlebury.edu/amlit_civ/allen/2012%20backup/scholarship/affect%20theory/massumi.pdf. Acesso em: 04 jul. 2017.
- ORLANDI, Luiz. **Aula**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 02 de abril de 2004.
- PIGLIA, Ricardo. **A Cidade Ausente**. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 1993.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.
- SHAVIRO, Steven. **Discognition**. London: Repeater Books, 2015.
- SIMONDON, Gilbert. **L'Individuation Psychique et Collective**. Paris: Aubier, 2007.
- SOURIAU, Étienne. **Les Différents Modes d'Existence**: suivi de Du mode d'existence de l'œuvre à faire. Vendôme: Presses Universitaires de France, 2009.
- SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- STIEGLER, Bernard. **La Técnica y el Tiempo**: el pecado de Epimeteo. Tomo I. Traducción Beatriz Morales Bastos. Hondarribia: Editorial Hiru, 2002a.
- STIEGLER, Bernard. **La Técnica y el Tiempo**: la desorientación. Tomo II. Traducción de Beatriz Morales Bastos. Hondarribia: Editorial Hiru, 2002b.
- TARDE, Gabriel. **A Opinião e as Massas**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2005.
- TERREM, Michael; HOPE, Cat. **Map-Making Towards na On-**

to-Cartography of the Digital Audio Workstation. Disponível em: <http://acmc2015.net/wp-content/uploads/2015/11/Terren-and-Hope-2015-MAP-MAKING-TOWARDS-AN-ONTO-CARTOGRAPHY-OF-THE-DIGITAL-AUDIO-WORKSTATION.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2017.

THIBODEAU, Kenneth. **Overview of Technological Approaches to Digital Preservation and Challenges in Coming Years.** Disponível em: https://chnm.gmu.edu/digitalhistory/links/pdf/preserving/8_37e.pdf. Acesso em: 21 abr. 2017.

WHITEHEAD, Alfred North. **Process and Reality.** Corrected Edition. Gifford Lectures; 1927-28. New York: The Free Press, 1985.

PARTE II

Novas nuances teóricas da Criatividade na Psicologia

6

Tecnologia Digital e Saúde Mental - implicações sobre a Criatividade

Cleusa Kazue Sakamoto¹

RESUMO

A pandemia de Covid-19 instalada em 2020 modificou o cenário social de maneira jamais imaginada, em todo o planeta. A experiência requereu de todos, aprendizado e adaptação, com especiais cuidados com a Saúde Mental. Uma pandemia da magnitude desta que enfrentamos, fez emergir com intensidade a consciência de nossa condição de seres frágeis, portanto vulneráveis, cuja percepção de fragilidade colocou à prova nossa Inteligência Emocional, capacidade de resiliência e colocou em evidência, o desenvolvimento do potencial criativo. Neste capítulo iremos analisar a relevante participação do ambiente no desenvolvimento emocional do ser humano sob a perspectiva teórica de Donald Winnicott, que propõe uma Teoria da Criatividade com raízes no desenvolvimento emocional primitivo. Procuraremos estudar as relações entre o uso da Tecnologia digital, a influência das redes sociais no cotidiano, a Saúde Mental e as implicações para a Criatividade individual e coletiva, na atualidade. Apresentaremos uma discussão da importância da dimensão social na construção contínua do senso de existir do *Self* buscaremos relacionar as implicações do ambiente pandêmico e da comunicação digital sobre a Saúde Mental e o desenvolvimento do potencial criativo.

Palavras-chave: Criatividade. Redes sociais digitais. Saúde Mental.

¹ Doutora em Desenvolvimento Humano (IPUSP), Mestre em Psicologia Clínica (IPUSP), Psicóloga (IPUSP). Pesquisadora da Criatividade. Diretora Editorial da Gênio Criador. E-mail: cleusasakamoto@geniocriador.com.br

INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 – CoronaVirus Disease 2019 – modificou o cenário social de maneira jamais imaginada, em todo o planeta. Ela nos obrigou a mudarmos nossos hábitos cotidianos e determinou uma acentuada ação de volta para casa para lá permanecermos, com contato físico mínimo com a realidade externa para evitarmos a exposição ao contágio do vírus.

A Tecnologia digital foi uma relevante aliada da nova situação instalada, pois ela possibilitou o “trabalho em casa” e trouxe a escola para o ambiente doméstico aos inúmeros estudantes de todas as idades. Através das telas de um computador, de um *tablet* ou de um *smartphone*, o acesso ao mundo externo foi oportunizado e mantido. E assim, as redes sociais digitais que já tinham lugar de destaque na dimensão das relações sociais, ampliou seu alcance e se tornou um espaço prioritário de investimento afetivo e de troca social.

As redes sociais digitais, por meio de seus canais de relacionamento, estabelecem contato e buscam atender a inúmeras necessidades materiais, afetivas e emocionais de seus usuários. Neste cenário, o *Instagram* se tornou a principal ou preferida rede social digital da atualidade para as manifestações pessoais dos internautas e se tornou um poderoso canal de comunicação de personalidades influentes, que passaram a ditar regras de comportamento e tendências, nas mais variadas áreas. O *Instagram* tem sido mencionado também, como importante canal de influência, que inclusive estimula problemas de ordem emocional, já que divulga mensagens que atingem milha-

res de pessoas padronizando comportamentos e cultivando pensamentos que se tornam consenso (LIMA, 2017; GENTIL, 2019).

A vida sob severa ameaça durante a pandemia, com o número de mortes assustadoramente elevado, ressalta que ninguém foi poupado, na medida em que sempre havia alguém do círculo social, acometido por Covid-19 e não raras vezes com a ocorrência de mortes. Muitos perderam amigos, outros perderam familiares e alguns, ambos.

A experiência requereu de todos, aprendizado e adaptação. Quarentena, *lockdown*, “restrições de viagens”, “vistos suspensos a visitas internacionais”, “crise na assistência em serviços de saúde”, “suspensão de cuidados urgentes e emergenciais psiquiátricos” (FARIA *et al.*, 2021, p. 68), entre outras medidas de proteção, foram adotadas para conter o contágio.

Neste cenário, a Saúde Mental ficou em evidência, pois “muitos estudos trouxeram os efeitos, analisando os danos cerebrais que afetaram de alguma forma a saúde mental causados pelo coronavírus” (VALENZANO *et al.*, 2020 *apud* FARIA *et al.*, 2021).

Uma pandemia da magnitude desta que enfrentamos, fez emergir com intensidade nossa condição de seres frágeis, portanto vulneráveis, cuja percepção de fragilidade colocou à prova nossa Inteligência Emocional e capacidade de resiliência. Neste horizonte, a Criatividade como capacidade subjacente à resiliência e necessidade de adaptação ao ambiente, tem ocupado um papel de evidência, pois o cotidiano restrito ao ambiente doméstico e com maiores exigências se tornou um fator de pressão emocional ou estresse, que tem estimulado a busca de

maneiras alternativas de lidar com a ansiedade, a angústia e a impotência.

A pandemia de Covid-19 é um contexto que permite observar a extrema importância do ambiente na vida humana e o valor das relações interpessoais. Não podemos quantificar ainda, mediante o enfrentamento das condições restritivas de intercâmbio social, quais são os prejuízos para o desenvolvimento psicossocial das crianças e adolescentes, mas já sabemos sobre alguns resultados negativos à vida dos adultos.

Segundo Pinto-Costa *et al.* (2021) em revisão de literatura apoiada nas bases de dados – *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online/Pubmed (MEDLINE)*, *National (PUBMED)*, *Web of Science* e *Scopus*, em que analisaram 144 estudos sobre Covid-19 e consequências à Saúde Mental da população mundial, as principais alterações psicoemocionais encontradas decorrentes da pandemia são: Ansiedade, Depressão, Medo, Distúrbios do Sono, Estresse, Suicídio/Automutilação. Para os mesmos autores, os fatores desencadeadores de alterações na Saúde Mental, em ordem decrescente de relevância, são: *lockdown* / quarentena / isolamento social; exposição a informações veiculadas nas mídias sociais; estilo de vida.

Os grupos de risco ou indivíduos mais vulneráveis às alterações na Saúde Mental, nesta pesquisa, são: as pessoas com Transtornos mentais pré-existent; pessoas com imunodeficiência primária; usuários de substâncias psicoativas; diabéticos; gestantes; crianças/adolescentes; jovens; idosos; moradores de rua; pacientes com suspeita de Covid-19; pessoas enlutadas (PINTO-COSTA *et al.*, 2021).

Um problema grave decorrente do isolamento social em que as escolas foram fechadas e mantiveram as famílias reunidas por todo o tempo com seus membros confinados em suas casas é a da manutenção de agressores e vítimas de violência, que passaram a conviver mais tempo juntos, acentuando a incidência de casos.

Neste capítulo iremos analisar a relevante participação do ambiente no desenvolvimento emocional do ser humano sob a perspectiva teórica de Donald Winnicott (1896-1971), psicanalista inglês, que propõe uma Teoria da Criatividade. Procuraremos estudar as relações entre o uso da comunicação digital, a influência de suas redes sociais, a Saúde Mental e as implicações para a Criatividade individual e coletiva na atualidade.

Apresentaremos uma interpretação da importância da dimensão social na construção contínua do senso de existência do *Self*, discutiremos o conceito de Saúde Psíquica e o conjunto de fatores biopsicossociais prevalentes hoje e, ainda, buscaremos relacionar as implicações do ambiente pandêmico e tecnológico para a Saúde Mental e o desenvolvimento do potencial criativo.

A DIMENSÃO SOCIAL E A CONSTRUÇÃO DO SELF

O ser humano não nasce humano, nasce potencialmente humano, isto é, necessita empreender um processo de desenvolvimento em que constitui sua condição humana enquanto ser individual e coletivo.

O desenvolvimento humano resulta um Eu ou *Self* singular ou único que participa de seu grupo social. Para se tornar uma unidade pessoal com características próprias, se integram constituindo o *Self*, a herança genética,

as influências do ambiente sociocultural e as experiências individuais ao longo da trajetória existencial.

O ambiente é fundamental para o processo de desenvolvimento humano, pois oferece os provimentos básicos e necessários para o intrincado processo de construção do *Self*. O ser humano é um ser dependente, rumo à independência (WINNICOTT, 1983), que recebe suporte ao desenvolvimento de sua identidade e capacidades.

Para Winnicott (1983; 2000), sem o suporte do ambiente não há garantia para a preservação da vida biológica e o desenvolvimento da vida psicológica com a continuidade da sociedade humana. Nesta perspectiva, o autor propôs o conceito de “ambiente suficientemente bom”, para designar as condições necessárias e suficientes para a garantia do processo de existir humano e seu desenvolvimento, para cada individualidade. Através das funções maternas e posteriormente, das relações sociais, o ser humano constitui uma identidade e a aperfeiçoa.

Sem contato social o ser humano não se torna humano e sem convívio social o ser humano experimenta um sentimento de ausência de pertencimento e instabilidade emocional. O ser humano busca segurança e confiança durante todo o seu ciclo de vida.

É interessante considerar que no início da vida, um bebê humano deve receber cuidados específicos para construir um senso de existência e estabelecer suas qualidades próprias que a tornam uma individualidade singular – conquistas que estão apoiadas na experiência de sentir confiança no ambiente e desfrutar de segurança. O ambiente suficientemente bom que se configura por meio das funções maternas para o bebê (WINNICOTT, 2001)

garantem que ele tenha continência (função de *holding*), que ele experimente um manejo personalizado que o torne individualizado (função de *handling*) e que lhe seja apresentado o mundo de modo acessível a sua capacidade de compreensão (função de apresentação de objetos).

O bebê a partir do suporte que recebe do ambiente alcança importantes conquistas desenvolvimentais na configuração do *Self* – um senso de unidade ou integração, uma personalização (identidade singular) e a capacidade de realização ou atividade criadora (WINNICOTT, 2001).

Sendo assim, a condição de que um bebê sozinho não pode garantir sua existência (WINNICOTT, 2001) mostra a sua dependência vital que tece a construção da humanidade em sua espécie. Sem o ambiente humano, não existem os seres humanos.

Após a construção do alicerce do *Self* nos primeiros anos de vida, há uma experiência de contínua interação Eu-Ambiente ou Eu-Outros, que acompanha a existência de cada individualidade e projeta o ser humano para o futuro. Este processo seja acompanhado de consciência ou não, dá continuidade ao processo de ser e existir e de partilhar a existência com seu grupo social.

SAÚDE PSÍQUICA NA PANDEMIA DE COVID-19 E PÓS-PANDEMIA

Para Donald Winnicott (1983, 2000, 2001) a saúde psíquica está fundada nas bases derivadas das experiências do início da vida. O desenvolvimento emocional primitivo gera predisposições favoráveis à construção de um *Self* integrado que busca suas expressões singulares enraizadas na individualidade que faz uso de seu potencial criativo.

Para o autor, a capacidade criativa é uma natural consequência de um desenvolvimento psicológico saudável. Sua convicção sobre a importância do potencial criativo para o senso de viver pode ser percebida em seu posicionamento sobre a “alta” do tratamento a pacientes que tinham resgatado o potencial criativo, ainda que não tivessem apresentado remissão de sintomas (WINNICOTT, 2000). Para ele, o desaparecimento de sintomas iria ocorrer oportunamente já que houve uma mudança na possibilidade de voltar a utilizar sua criatividade.

No contexto da pandemia de Covid-19 com a necessidade de restrição do contato social, muitas pessoas mudaram seus hábitos cotidianos ao substituírem o contato social presencial por contatos virtuais ou o retraimento. Embora os meios de comunicação tenham intensificado os recursos tecnológicos e tenha havido um grande aumento no consumo de livros digitais, *podcasts*, filmes em plataformas de *streaming* e similares, a convivência social ficou prejudicada e sua substituição nunca foi satisfatória. Foram criadas modalidades novas de abraços físicos e ferramentas que pudessem oferecer uma experiência segura de contato físico – roupas de plástico que cobrissem toda superfície do corpo possibilitando o contato entre duas pessoas e que permitisse o gesto de abraçar.

Foi um grande impacto percebermos o imenso valor de um encontro olho-no-olho, um aperto de mão, um diálogo presencial. Por outro lado, foi igualmente impactante percebermos o quanto tudo que foi veiculado pelas telas de aparelhos eletrônicos permitiu que o isolamento físico não transformasse cada pessoa em uma ilha solitária do século XXI.

Ao mesmo tempo em que aprendemos a importância de estar com o outro, também nos acomodamos no ambiente doméstico afastando muitos costumes sociais e adotando novos hábitos, por exemplo, o uso de vestimentas mais confortáveis no período de trabalho e a ausência de calçados.

Muitas pessoas ganharam peso porque deixaram de praticar atividades físicas como faziam antes da pandemia. Outras pessoas precisaram adiar cirurgias e procedimentos médicos com a pandemia e isso abalou o estado de saúde geral.

A situação de restrição social trouxe também uma dose elevada do sentimento de solidão a algumas pessoas e uma dificuldade de convivência familiar para outras em função das limitações do ambiente físico das residências. Alguns idosos deixaram de realizar suas rotinas de convivência social e tiveram uma perda na qualidade de vida que significou prejuízos no desempenho físico, perdas cognitivas e dificuldades afetivo-emocionais.

A pandemia abalou o senso de autonomia e o exercício da liberdade individual, assim como empobreceu a troca social com restrições de convívio. As sequelas da Covid-19 não são apenas neurológicas, respiratórias, mas de mudança de comportamentos e hábitos, de atitudes ou posturas e revelam subjetividades marcadas por uma experiência de sofrimento emocional e de enfrentamento de crise. Vale à pena mencionar que não passou a existir apenas maior cautela a cuidados de contágio ao vírus em público, mas ao mesmo tempo, observamos atitudes de negação extrema ao risco à saúde e morte, desqualificação da ciência e de seus mecanismos de produção de

vacinas e ainda, banalização de ideias propagadas entre as pessoas, como por exemplo a de que todos irão se contaminar cedo ou tarde.

A pandemia de Covid-19 deixa muitas lições, entre elas, a da constatação de que somos seres vivos e a vida é processo, de que a saúde é um resultado de uma sequência de eventos, entre os quais os comportamentos e decisões individuais e coletivas que são escolhidas frente os desafios do viver. Isso implica, portanto, responsabilidade. Neste sentido, é necessário refletirmos sobre o período da pós-pandemia e analisarmos criteriosamente sobre as suas sequelas sociais.

Pinto-Costa *et al.* (2021) mencionam na literatura pesquisada, as estratégias de enfrentamento utilizadas na pandemia de Covid-19 por eles encontradas: Serviços de apoio; Atividades de lazer, exercícios físicos, rotina de estudos / trabalho domiciliar; Resiliência; Educação em saúde; Políticas públicas e programas de controle de Saúde Mental; Serviços de Saúde Mental.

É hora, já tardia, de cuidarmos dos sistemas sociais de assistência à Saúde Mental; buscarmos respostas efetivas para certos sofrimentos humanos e priorizarmos a prevenção da saúde psíquica.

O POTENCIAL CRIATIVO, A PANDEMIA DE COVID-19 E O AMANHÃ

Ao lado de sofrimento e desenvolvimento de problemas emocionais, podemos observar também a expressão de Criatividade frente à situação da pandemia de Covid-19. Na Educação pudemos observar iniciativas de docentes que criaram recursos didáticos para facilitarem

ou mesmo viabilizarem o ensino e aprendizagem. Tecnologias ativas foram incentivadas e incentivadoras de estudo. A modalidade de *homeoffice* possibilitou a continuidade de trabalho a muitas empresas, que se adaptaram e reinventaram seu cotidiano sem interromperem suas atividades laborais e sua participação na vida econômica produtiva.

Na secreta experiência de muitas pessoas, soluções foram encontradas para velhos e novos problemas e isso certamente, mantinha subjacente o exercício da capacidade criadora.

Como entender o potencial criativo presente na individualidade? Para Winnicott (1975) a Criatividade é a abordagem à realidade que o *Self* espontaneamente apresenta na sua expressão do ser e fazer. Para o autor, uma personalidade saudável é imbuída de potencial criativo atuante, que participa de suas ações e interações. Sendo assim, o autor considera a importância dos primeiros anos de vida, que para ele são o alicerce do desenvolvimento emocional e da capacidade criativa. Um bebê que recebe um cuidado “suficientemente bom”, isto é, que tem assegurado o atendimento de suas necessidades, constituirá um sentimento de segurança pessoal que lhe dará condições de alcançar uma experiência de autoconfiança, o que lhe permitirá manter uma relação criativa de troca com o ambiente.

Cuidar do ambiente e das condições necessárias ao sentimento de segurança das pessoas parece ser uma premissa fundamental para o estado de Saúde Mental, desde o início da vida. O desamparo vivenciado frente a situa-

ções ameaçadoras à vida (física e psíquica) pode representar o cenário avesso da segurança e saúde.

A civilização humana criou leis e regras sociais para garantir a boa convivência social e avançamos nas melhorias de comportamento e respeito mútuo; criamos os Direitos Humanos, mas ainda enfrentamos muitas dificuldades para implementarmos suas diretrizes, em inúmeras localidades do planeta. O progresso humano é paulatino.

A pandemia de Covid-19 pôs em evidência o valor da força coletiva, o quanto não basta apenas ações isoladas, mas são imprescindíveis as atuações em grupo – nas decisões de imunização com o uso de vacina e nos comportamentos de proteção com uso de máscaras e não aglomerações.

O potencial criativo não opera apenas no interior das pessoas, mas se expande para suas ações na medida em que a Criatividade é “atividade” ou ação. Além disso, ela está sempre inserida numa rede de relações com um ambiente, já que não há ser humano sem mundo humano. Sendo assim, criar depende de uma individualidade que se expressa no mundo, ou seja, depende de uma individualidade que habita o “espaço potencial” – conceito winnicottiano que define o “lugar” que ocorre a atividade criadora. Afirmo Winnicott (1975) que o Espaço Potencial se constitui pela sobreposição da interioridade e o mundo externo, em que os limites entre as duas realidades desaparecem para constituir um terceiro espaço de experiência humana, em que o indivíduo “manipula fenômenos externos a serviço do sonho e veste fenômenos externos escolhidos com significado e sentimentos oníricos” (WINNICOTT, 1975, p. 76).

Com a pandemia todos nós nos recolhemos dentro de casa e tivemos que criar novos espaços interiores e também nos limites de nossas habitações. É provável que ao lado de muitos indivíduos que adoeceram psiquicamente, outros se enriqueceram com a experiência, pois encontraram alternativas para situações novas e estabeleceram novas regras para apoiar a existência. Provavelmente, muitos daqueles que transformaram seu sofrimento em novas buscas e encontraram respostas para suas indagações, puderam visitar e usufruir do Espaço Potencial. Assistimos arrojadas iniciativas como a dos edifícios em Berlim que utilizaram suas paredes externas como telas de cinema com sessões disponíveis a moradores das imediações (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2020), a gestos de pessoas que auxiliaram fazendo compras a moradores idosos que deixavam suas listas nos saguões de seus condomínios (PORTAL G1, 2020), para citar alguns exemplos.

As lições de cidadania aconteceram na prática. Resgatamos um pouco do sentimento de solidariedade esquecido nas cidades de pedra. Será que temos consciência de quanto podemos ainda construir, quando a pandemia se for?

Talvez nem mesmo as pessoas saibam da grandiosidade de seu potencial de construção. Nem mesmo surpreendidas com sua capacidade de enfrentar dificuldades, como está sendo esta experiência pandêmica, é possível que a “normalidade” retorne com a postura de indiferença sobre a importância do outro e do mundo todo, para o viver de cada um.

De qualquer modo, temos considerado a ideia de que talvez estejamos vivendo o melhor momento de nos-

sa evolução humana em meio a este caos, porque constatamos que “não estamos sozinhos” e que existem os outros com quem habitamos nosso planeta e dividimos a responsabilidade sobre ele e nossas vidas. E neste habitar, a Saúde Mental é a guia mestra para nossas decisões, bem estar e cuidados com o nosso futuro individual e coletivo.

REFERÊNCIAS

DIÁRIO de Pernambuco. Filmes são projetados em paredes edifícios de Berlim para quebrar o tédio dos confinados. Publicado em 24 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/mundo/2020/04/filmes-sao-projetados-em-paredes-edificios-de-berlim-para-quebrar-o-te.html> . Acesso em: 25 jan. 2022.

FARIA, Ana Carolina Carvalho de; GUEDES, Rafaella Yokota; Sá, Bianca Rafaela de Sousa; GUIMARÃES, Bruna Campos; SOARES, Yohanan Yosef; SHIMASAKI, Karine Harumi de Castro; MARTINS, Hugo Ludovico. Pandemia e Saúde Mental: consequências. **Revista Educação e Saúde**, v.9, sup.3, p. 67-74, 2021. Disponível em:

<http://revistas.unievangelica.com.br/index.php/educacaoeensaude/article/view/6066/4188> . Acesso em: 28 jan. 2022.

GENTIL, Olivia Blanc Gomes Coelho. **Digital Influencer e o uso do Instagram como legitimador de tendências**. Dissertação [Mestrado]. 102f. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019.

LIMA, Roberta Gomes. **PUBLIPOST: A Influência do Instagram no comportamento da jovem consumidora**. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário de Brasília.2017. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/11410/1/21385055.pdf> . Acesso em: 05 jan. 2022.

PINTO-COSTA, Isabelle Cristinne; COSTA, Andréia Cristina Barbosa; ASSUNÇÃO, Munyra Rocha Silva; CHAVES, Gabriel Lopes; BRESSAN, Vanya Regina; CHAVES, Erika de Cassia Lopes. Consequências da pandemia do novo coronavírus

(Covid-19) na Saúde Mental da população mundial: Scoping Review. São Paulo, **Revista Recien**, 2021, v.11, n.36, p.366-381. Disponível em: <https://recien.com.br/index.php/Recien/article/view/643> . Acesso em: 28 jan. 2022.

PORTAL G1. **Coronavírus:** Vizinhos oferecem ajuda para fazer compras para idosos, em Curitiba. Publicado em 19 de março de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2020/03/19/coronavirus-vizinhos-oferecem-ajuda-para-fazer-compras-para-idosos-em-curitiba.ghhtml> . Acesso em 28 jan. 2022.

VALENZANO, Anna *et al.* The Social Brain and Emotional Contagion: COVID-19 Effects. **Medicina**, v. 56, n. 12, 2020.

WINNICOT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. **O ambiente e os processos de maturação**. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. **Da Pediatria à Psicanálise:** obras escolhidas. Tradução de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

7 **Provérbios: Normas criadas que influenciam o inconsciente de uma coletividade**

Beatriz Pícolo Gimenes¹

Porque a todo aquele, a quem muito foi dado, muito será pedido... Jesus (Lucas, XII: 47-48)

RESUMO

O objeto de estudo – provérbios, com suas várias denominações, provém da minha experiência pessoal advinda da infância e na vida acadêmica, era inserido em atividade com discentes para se apresentarem aos colegas na primeira aula. O estudo inicia discorrendo sobre sua funcionalidade e significados, perpassa sobre o conceito de “educar” proveniente de Rubem Alves, para chegar ao uso da linguagem e seu valor na comunicação. São apresentados 33 exemplos de adágios seguidos da reflexão de alguns pesquisadores sobre a origem, história e classificação desses enunciados, dentre elas, o aspecto da moralidade. Abordarei o ser humano – psique, personalidade e características e a influência dos provérbios sobre o pensar e sentir da pessoa, a relação com o inconsciente coletivo, elucidado pela abordagem de Jung e a Psicologia Analítica. É na infância que o adágio é incorporado mais facilmente pelos valores éticos sociais. Vários provérbios serão analisados, finalizando com a questão do dever do cliente na psicoterapia.

Palavras-chave: Provérbio. Educação. Inconsciente coletivo. Psicologia Analítica.

¹ Doutora em Ciências (UNIFESP). Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP). Matemática e Psicóloga Clínica, Especialista em Psicopedagogia, Psicobiofísica, Terapeuta Familiar Sistêmica e Terapeuta em Reabilitação Visual/VSN. Docente em Desenvolvimento Humano, Psicomotricidade, Arte-terapia e Ludicidade. Email:beatrizpgimenes@gmail.com

INTRODUÇÃO

Todos nós temos provérbios que foram significativos em nossa existência. Este foi o fato que me estimulou a investigar sobre quais os valores que trazemos para a vida adulta, decorrentes da longa convivência familiar, principalmente por influência de genitores, que proferem provérbios como refrãos musicais, que calcam e norteiam a nossa conduta subjetivamente.

Provérbios são enunciados considerados “ditados populares”, que encerram uma funcionalidade descritiva e sintetizada da expressão linguística – e, metalinguística, bem como dotada de uma “semântica denotativa e conotativa”, ou seja, o significado emitido pelas palavras e sua interpretação, no sentido literal e figurativo respectivamente. Essas sentenças contemplam, também, uma base metafórica de existência virtual, quanto aos aspectos cognitivo e pragmático, isto é, com valor racional, de saberes e memória, além do lado prático, baseado na realidade objetiva (MIMOSO, 2008; BIGULIN, 2018).

Os provérbios, também considerados pelos seus sinônimos – “adágio, anexim, apotegma, ditado, dito, máxima, rifão, axioma, princípio”, possuem em seu contexto o “conhecimento de mundo”, originado da oralidade criativa dos povos – das pessoas que vivem utilizando sua língua pátria e, ainda, os contatos histórico-sociais de sua cultura, tanto no aspecto da sociedade, quanto o resultado da inteligência coletiva, oriunda e aprendida na matriz do lar, pelo processo transgeracional (BAGHDA-SARIÁN, 2017).

Neste capítulo, reflito sobre algumas máximas conhecidas ao longo de minha existência e também, da expe-

riência na minha vida acadêmica, compartilhadas na recepção de estudantes em seu primeiro dia na classe, com os quais analisamos de que contextos sociais provém os futuros psicólogos, cujos saberes fluem no *jogo* do assistir, entender e reforçar a epistemologia em sala de aula. Para o presente estudo, utilizarei o pensamento de pesquisadores que investigam o discurso e a cultura, dentre eles, Rubem Alves, Maturana e seus colegas, bem como incluirei interpretações à luz da Psicologia Analítica.

PLANTANDO SEMENTES NO OLHAR, PENSAR E FALAR

A importância das ações e reflexões dos seres humanos acerca de temas sobre como educar para a vida no conjunto das relações sociais é facilmente constatável, considerando o indivíduo em qualquer cultura, ou em alguma época distinta.

É considerado “estar educando”, quando é facilitado um significado singular na existência daquele a quem se deseja tal propósito. “Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu. O educador diz: - Veja! E, ao falar, aponta. A criança olha na direção apontada e vê o que nunca viu” – afirma o filósofo, teólogo e psicanalista, Rubem Alves (2017), que muito bem reflete a respeito desse tema.

Ele comenta que nunca viu um método relacionado à “educação do olhar” no meio em que ele viveu. Ao olhar para algo com interesse, provoca-se o assombro, pois a emoção é evocada, “o mundo se expande e a criança fica mais rica interiormente, [...]”. É através dos olhos que as crianças tomam contato com a beleza e o fascínio do

mundo. Os olhos têm de ser educados para que nossa alegria aumente”. (ALVES, 2017, s.p.).

Destarte, as ações do educando impregnam-se fortemente das belezas advindas das diversas modalidades de produções culturais, devido haver uma apropriação das habilidades e, também, das sensibilidades sobre o que se observa. “Sem a educação das sensibilidades, todas as habilidades são tolas e sem sentido. Os conhecimentos nos dão meios para viver. A sabedoria nos dá razões para viver”. (ALVES, 2017).

O olhar expande-se e integra-se às demais sensações – ouvir, sentir, perceber e compreender os valores, os princípios religiosos, as regras de condutas, as manifestações artísticas, como também, os estereótipos comportamentais e a linguagem, que é ouvida pela leitura ou contação de uma história. E nesse tipo de produção humana – na linguagem – é que são encontrados os anexins populares, foco principal e gerador da discussão nesse estudo.

A palavra é instrumento da vida para a comunicação, o entendimento entre os semelhantes, e não arma de agressão, violência e vulgaridade, pelo poder emocional daquele que a expressa; ela pode agir como fonte de emissão de energia impregnada da emoção, que transmite aproximação ou destruição. Supõe-se que a criança, assim educada, quando for adulta, utiliza seu vocabulário de modo racional, substituindo as más pelas boas palavras, como prediz a Programação Neurolinguística – PNL (LEITÃO, 2019).

Daí a importância de o indivíduo zelar pelo o que fala, quando o verbo for utilizado. Seu conteúdo e maneira de expressar revelam a qualidade moral – o teor men-

tal no qual estagiam as ondas do pensamento afetivo do emissor. Refletindo a respeito, existem pessoas que falam muito bem, mas ocultam seus verdadeiros e destrutivos sentimentos, na direção contrária, existem aqueles que cultivam a bondade para com os seus semelhantes, mas não cuidam de como utilizam a linguagem em sua comunicação. Vale pensar sobre isso...! (FRANCO; ÂNGELIS, 1992).

PROVÉRBIOS – COMANDOS EMITIDOS ORALMENTE

Quem não recorda em sua infância alguém proferindo um adágio, usado com frequência no lar, principalmente pelos pais, quando tinham a intenção de chamar a atenção de seus filhos sobre um comportamento.

Seguem alguns deles, de minha lembrança e outros colhidos na experiência com os estudantes ao longo da docência:

1. “Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje”;
2. “Deus ajuda a quem cedo madruga”;
3. “A pressa é a inimiga da perfeição”;
4. “Quem tem pressa, engole cru”;
5. “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”;
6. “Quem semeia vento, colhe tempestade”;
7. “Cada macaco no seu galho”;
8. “Macaco que pula de galho em galho, quer chumbo”;
9. “Cachorro que late, não morde”;
10. “Cavalo dado, não se olha os dentes”;
11. “De grão em grão, a galinha enche o papo”;
12. “Quem não tem cão, caça com gato”;

13. “A mentira tem pernas curtas”;
14. “A palavra é prata, o silêncio é ouro”;
15. “A boca fala do que está cheio o coração”;
16. “Quem tem boca vai a Roma”;
17. “Quem canta seus males espanta”;
18. “Para o bom entendedor, meia palavra basta”;
19. “A voz do povo é a voz de Deus”;
20. “Deus escreve certo por linhas tortas”;
21. “De médico e de louco todo mundo tem um pouco”;
22. “As aparências enganam”;
23. “À noite todos os gatos são pardos”;
24. “O que os olhos não vêem, o coração não sente”;
25. “O pior cego é aquele que não quer ver”;
26. “Quem tudo quer tudo perde”;
27. “A César o que é de César, a Deus o que é de Deus”;
28. “Filho criado, trabalho dobrado”;
29. “Quem casa quer casa”;
30. “Antes só do que mal acompanhado”;
31. “Uma andorinha sozinha não faz verão”;
32. “Diz-me com quem andas e eu te direi quem és”;
33. “Ninguém ficará para semente”, entre outros.

Menandro, Rölke e Bertollo (2005) introduzem os provérbios baseando-se em vários autores, mencionando que esse termo é latino – *proverbium*, que se constitui em uma “expressão oral figurada”, utilizada no lugar da palavra “pro verbo” e, também, designa “legendários homenzinhos que habitavam o interior da terra e guardavam seus tesouros, o que permite a analogia etimológica de que os provérbios encerram tesouros de sabedoria, [...] em sua forma condensada” (MENANDRO; RÖLKE; BERTOLLO, 2005, p. 82). Estendem esse significado, con-

siderando-os como “consolidações de regras de comportamento e advertências a serem observadas” (MENANDRO; RÖLKE; BERTOLLO, 2005, p. 82).

Os autores sintetizam afirmando que o provérbio favorece a “perenização da memória coletiva”, encerrando a sapiência codificada pelas repetidas vivências do ser humano no campo das relações morais, extraída do contexto do dia a dia. São “condições de vida, o sensato e o ridículo, as alegrias e as tristezas, as grandezas e as misérias, a realidade e os sonhos, a objetividade e os preconceitos”, pois esses saberes vieram muito antes dos livros (MENANDRO; RÖLKE; BERTOLLO, 2005, p. 83). Para os autores as coletâneas de provérbios abrangem três tipos de enunciados: 1) Expressões proverbiais, ou maneiras de falar figuradas e metafóricas; 2) Enunciações de fato, ou verdade experimental, que constata uma maneira de agir ou de pensar comum a muitos; e, 3) Ensinaamentos morais ou conselhos práticos.

No entanto, cada máxima apresenta algumas diferenças quanto à origem, elaboração, extensão e estrutura das frases e, algumas delas, têm a origem erudita, enquanto outras, uma origem popular.

Há provérbios originados na Suméria, no Egito e na China, as civilizações antigas. Mimoso (2008), afirma que na Suméria, por exemplo, desenterraram 700 placas, contendo partes de provérbios, denotando seu valor literário, bem como a extensa utilidade deles na Bíblia. Destaca ainda o mesmo autor, que os filósofos gregos Aristóteles, Demócrito e Sófocles, frequentemente fizeram uso deles, além dos principais romanos, Catão, Cícero e Séneca. Os provérbios foram muito preservados no cristianismo

medieval, provavelmente com um uso restrito ao clero. Contudo, a maior contribuição se refere à divulgação dos provérbios, acrescidos da rima pelas línguas vernáculas.

COMO SOMOS?

A PSICOLOGIA ANALÍTICA RESPONDE...

Dentre as escolas psicológicas, a Psicologia Analítica (JUNG, 2008a) é a que melhor se apropria do contexto do presente estudo, porque analisa a constituição humana da psique, a personalidade e suas características, e busca analisar a influência dos provérbios sobre o pensar e sentir, pelo fato de o autor dessas máximas ser a coletividade e por serem expressas pela oralidade.

A expressão humana é a manifestação do sentido de viver de cada um. Jung (2008b) considera o sujeito submetido a uma emersão de símbolos, os quais derivam do conteúdo inconsciente da psique e, às vezes, das origens mais arcaicas de antigos registros de uma coletividade, ou seja, do inconsciente coletivo. Exemplificando, para melhor esclarecer, tem-se a expressão humana pela arte plástica, que faz emergir, um vir à tona, parte de um conteúdo psíquico intensamente diversificado, manifestado pelas modalidades, como: desenho, pintura, modelagem, escultura e outras. O que é possível, ainda, advir das demais linguagens humanas?!

Prosseguindo, conforme Jung (2008b), essa instância - o inconsciente coletivo, camada mais profunda da alma, é constituída de matrizes arquetípicas essenciais de alto potencial energético, atuam como força motora na estrutura psíquica, de valores básicos e comuns à humanidade, independentemente da raça, etnia ou cultura. Para ele, há

uma constante acumulação desse conteúdo, pois, a cada nova situação vão se somando ao acervo os símbolos naturais, que se distinguem dos símbolos culturais, que geralmente, são representados nas produções artísticas, em suas diversas modalidades (JUNG, 2008b).

No inconsciente coletivo há a herança dos instintos caracterizados pelos fatores da subjetividade individual, com as qualidades advindas da cultura a que se pertence, formando um acervo de imagens. Esse conteúdo modula o *Self* – o si mesmo – tal como se revela e se conhece, representado em sua própria consciência. Por ser o sistema organizador e autorregulador da psique, o centro total que conecta os aspectos psicológicos pelos diversos arquétipos, estruturando a imagem do Eu – representa a personalidade em sua totalidade, singularizando-se no “como agir” para atender aos desejos e se responsabilizar pelos impulsos. Haja vista, que os arquétipos são estruturas autônomas sem o domínio da vontade consciente, em que participam nessa dinâmica de atuação, também a “sombra” e a “persona”, o *animus* e a *anima*, elementos básicos participantes dessa constituição (JUNG, 2008a).

O Ego – núcleo da consciência, parte da identidade do indivíduo, responsável pela relação com o mundo exterior e pela busca das necessidades do ser, forma-se depois do nascimento, com elementos atraídos durante o viver, mas com elementos reprimidos ou excluídos. E a manifestação do inconsciente tenta compensar, revelando a ação necessária para que o ego integre qualquer conteúdo rejeitado. Daí a função da simbolização como faculdade indispensável para a saúde psíquica (JUNG, 1978).

Por sua vez, a “sombra” é basicamente a estrutura que contém os elementos da personalidade que não são aceitos, ou são recusados por serem renegados / mal vistos pela consciência e/ou a cultura. Já a “persona” – do latim, a máscara que o ator usava no teatro grego, é a estrutura que contém as atitudes, posturas e condutas usadas / ou submetidas nos desempenhos dos papéis sociais. Ressalta-se que tanto a sombra, quanto a persona, pode estar no estado considerado de normalidade ou patológico. Na normalidade, há o acesso desses aspectos pela consciência, já no estado alterado, eles ficam inacessíveis ao ego, cercados pelas defesas, carecendo de apoio externo profissional para reconhecê-los (LOUSÃ NETO *et al.* 1995).

O ser humano busca o seu crescimento interior e para isso, anseia um estado mental de equilíbrio psíquico e realização. A perseverança nesse objetivo preenche de luz a área em que permanece a “sombra”, proporcionando a identificação perfeita do eixo com o *Self*. Jung (2008a) denomina esse processo como “individuação”, que atinge uma harmonização íntima em um estado de ser singular e incomparável – um reencontro verdadeiro entre o Ego e o *Self*, que se relacionam por meio de símbolos, em que tudo está incluído. Convém observar que o termo “individuação” difere de “individualização”, porque este último define-se como um processo de evolução de estado de consciência, que vai, inicialmente, do infantil de identificação, para uma situação de máxima diferenciação e ampliação possível da consciência. (JUNG, 2008a; GIMENES; SCHMITZ, 2022).

Como a psique é um sistema que atua por compensação e complementariedade por meio de seus arquétipi-

pos, entre eles há os referentes à conjugalidade, o “anima” para o homem e o “animus” para a mulher. Esses estruturam o dinamismo da alteridade, facilitando a vivência da igualdade dialética no relacionamento entre o eu e o outro, pois o individual é inseparável e interage com o social. De modo que a consciência chega à plena capacidade simbólica por operar de maneira quaternária (consciente e inconsciente, do eu e do outro), em cuja relação estão contidos os aspectos que cada ser quer encontrar em alguém, quando deseja construir um relacionamento. (JUNG, 1978; LOUSÃ NETO *et al.* 1995).

Para o pesquisador suíço, o arquétipo da sabedoria colabora como fator estruturante da consciência para a “vivência do todo”, sem espaço ou tempo, proporcionando ao ser humano em atingir a transcendência e o final da vida.

DO “INCONSCIENTE COLETIVO” AO DISCURSO DO PROVÉRBIO

Como a Psicologia Analítica explica os provérbios?

Para o presente estudo, realizei um levantamento bibliográfico na base de dados *Scielo*, utilizando o cruzamento dos termos: provérbios x psicologia analítica x Jung e encontrei apenas uma única fonte relacionada, que será apresentada a seguir, conforme citada, referindo-se à questão de crer na existência de Deus (CARVALHO, 2017).

Diante da lacuna existente sobre publicações que analisem os provérbios na abordagem de Jung, decidi despretensiosamente, refletir sobre alguns deles, já conhecidos da infância, cuja influência alcança a linguagem, que constrói um universo mental simbólico e mítico.

A criança na infância se expressa brincando assemelhando-se geralmente aos modelos de ações do universo do adulto, ora imitando-os por observá-los no contexto do dia a dia, ora agindo por sua livre vontade, conforme os apreende na situação. E tais gestos lúdicos precoces à linguagem, às vezes, são ensaios que já ficam no inconsciente para o futuro desempenho quando na adultez. Tais brincadeiras promovem o ser humano no desenvolvimento de suas capacidades físicas, intelectuais / criativas e verbais, que são base à comunicação. (GIMENES, 2000, 2020, 2021).

Jung foi alguém que teve uma experiência interessante a respeito de provérbios.



Erasmus de Rotterdam, um clérigo agostiniano holandês, um dos mais notáveis e influentes humanistas da Renascença e que teve papel importante na revitalização do Cristianismo, bem como na revalorização dos textos gregos e latinos clássicos, que assim se enunciava: “Vocatus atque non vocatus Deus aderit” traduzido como: “Evocado ou não, Deus está presente”.



Este pensamento foi extraído por Jung do *Collectanea Adagiorum*, uma coleção de provérbios e sentenças de autores antigos gregos e latinos, obra de juventude de Erasmo, publicada exatamente em 1500 e que teve uma 2ª. edição ampliada em 1508.

(Colletanea Adagiorum, Desiderius Erasmus, 1500/1508)

Este provérbio deve encerrar grande importância e significado para Jung, pois foi esculpido, em sua forma latina, no frontispício de sua casa em Küsnacht,

sobre a porta de entrada, como também irá se eternizar na lápide, junto a outras duas inscrições em sua tumba no cemitério protestante da Zurique.

As duas primeiras inscrições foram extraídas da 1ª. epístola de S. Paulo aos Coríntios (1 COR 15:47), também em sua forma latina; a 1ª. verticalmente à esquerda “*Secundus homo de caelo caelestis*” e a 2ª., no lado oposto, “*Primus homo de terra terrenus*”. O provérbio sobre a presença de Deus está dividido em duas partes, numa faixa horizontal superior e outra inferior.

(Catholic Encyclopedia, Vol.5, 1909, Robert Appleton Company, Online Edition, 1999, Kevin Knight)

(CARVALHO, 2017. <https://www.jungnapratica.com.br/qual-e-de-fato-a-real-atitude-de-c-g-jung-com-re-lacao-a-deus/>).

Por meio de qualquer atividade lúdica, há a interface da interação com o outro, estabelecendo o vínculo afetivo pela comunicação, facilitando a presença do diálogo entre os participantes, sejam da mesma ou de culturais diferentes. E é brincando que a criança interioriza valores éticos da sociedade à qual pertence e entre a época de final da educação infantil e início da escolaridade, que se destaca o valor psicanalítico dos Contos de Fadas (CARRAMILLO-GOING; MACEDO, 2021) e, provavelmente, quando os provérbios são introduzidos com facilidade, seja como moral ao final da contação de histórias, ou cantarolados como se fossem parlendas, ou, ainda, no cotidiano, atuando como advertência ao insucesso – finalidades a serem atingidas como alertas de sabedoria.

Em geral, a mensagem contida nessas máximas representa o ambiente cultural no/com o qual a crianças está vivendo, conforme mencionado. E a impregnação

dessa inteligência coletiva ocorre pela situação dinâmica de alguém expressando a mensagem verbalmente, cujo conteúdo é abstraído, permanecendo como resíduo subliminar mnemônico e simbólico, influenciando a personalidade ao longo do tempo.

Destarte, enquanto as atividades lúdicas apresentam conteúdos e transmitem mensagens para a criança, simultaneamente seus valores e crenças são potencializados com a presença desses adágios.

A criança na fase escolar já usufrui de certo nível de raciocínio lógico, mesmo que ainda prepondere o desejo de brincar/jogar. A ludicidade quando é favorecida a essa faixa etária, é tão valorizada pela riqueza do imaginário construído, quanto à realidade que o brincar representa, por “ter um fim em si mesmo”, expressão há muito tempo reconhecida pelos pesquisadores brincantes (HIUZINGA, 1990; GIMENES, 2000).

Semelhantemente, quando os provérbios são introduzidos nessa época, junto a essa fase, enquanto permeia um misto do livre brincar versus deveres a cumprir, eles exercerão uma percepção saudável – reflexão consciente, na mesma intensidade como são aquelas percebidas pelas representações obtidas no jogo de regras.

É possível identificar as afirmações supramencionadas nos provérbios: de 1 a 8. “Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje” – nessa máxima existe a mensagem de incentivo, que afirma, estude agora as tarefas escolares, porque assim, ainda hoje, você terá também tempo para brincar, porque amanhã você não sabe o que pode acontecer!

É como ocorre em uma partida de um jogo estratégico, mas contendo o “dado”, um cubinho com números que coordena a sua vez no tabuleiro. Se eu jogar e ganhar, já tenho algum ponto garantido, porque na jogada seguinte, pode não ser minha vez. Ou seja, a criança tem consciência de sua incapacidade de não controlar sua chance e de sua impaciência, ou baixa tolerância à perda, talvez – tendo consciência de seu lado “sombra” sobre seu desempenho.

Outro exemplo, também, sobre o determinismo – a aleatoriedade, que é desconhecida e que regula o que o ser humano não tem domínio, pode ser apreendida na frase: “Deus ajuda a quem cedo madruga”. Esse Ser Supremo (Deus), cuja Existência é reconhecida pelos exemplos de espécies na natureza, mas nunca foi visto pela criança, contudo ela crê em sua força poderosa, se ela aproveitar o tempo desde quando acordar pela manhãzinha.

“A pressa é a inimiga da perfeição”, “Quem tem pressa, engole cru”, ou “Quem semeia vento, colhe tempestade” – são orientações para aproveitar o tempo, advertidamente, consciente. Pois o ego já vivenciou situações, fazendo certas atividades em que a ansiedade proporcionou um final sem o sucesso esperado. Então, deve-se fazer algo, mas com atitudes sequenciais e organizadas, permeando o processo pela paciência e com aprimoramento cada vez maior, porque “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, pois você conseguiu o seu objetivo, mesmo que devagar e persistentemente.

Todavia, é notório estudar ou brincar, aproveitando bem a cada momento, fazer o que foi previsto em seu local, com tudo preparado! Pois se está estudando e inter-

rompe para brincar, daí distrai-se e terá que novamente se concentrar, a fim de reiniciar de onde parou. O tempo não será bem aproveitado... porque, desse modo, acaba fazendo nenhuma coisa com sucesso e o final será triste! É o que pode representar e prevenir, como exemplos, nos ditados: “Cada macaco no seu galho” e “Macaco que pula de galho em galho, quer chumbo”.

Quando o ego é considerado dentro de certos padrões de normalidade, abstrai a regularidade positiva existente nos conteúdos dessas máximas. Elas encerram a necessidade de criar um ritual, ou seja, construir um bom hábito – repetição de uma sucessão de comportamento saudável – apropriando-se de bons valores sociais na atuação, para que haja uma maneira sadia de viver.

Assim, por meio do brincar e dos provérbios, a criança constrói uma compreensão que traduz a sua própria relação com o mundo. Tais comportamentos irão formar a personalidade do infante, cujo resultado do sucesso em vigília, certamente estará ligado ao sonho, proporcionado pela noite boa de sono.

Contudo, há situações em que o Ego se encontra patológico e a criança desenvolve o hábito de mentir, por exemplo, situação em que o medo de enfrentar as frustrações, pelo seu lado sombra, proporciona a esquiva do enfrentamento de alguma atitude em que a família, ou a sociedade, condena. Então, as máximas entre o número 13 a 18, trazem um conteúdo relacionado com o ato de falar, como o caso – “A mentira tem pernas curtas”.

Muito aprendizado pode ser obtido nos anexos: “A palavra é prata, o silêncio é ouro” e “A boca fala do que está cheio o coração”. O primeiro destaca o valor do ver-

bo como expressão humana e muito mais, quando o indivíduo deve se calar, porque a ausência de palavras, no momento certo, subentende que houve uma reflexão e conscientização sobre a situação vivenciada, exigindo do Ego o autocontrole emocional e a contenção verbal. Ou, quando no segundo provérbio, pode ser pelo medo de não saber ao certo como se manifestar, opta pelo silêncio para melhor aprender ouvindo. E pode ser ainda, de o ego se manifestar verbalmente, podendo expressar tudo o que sente, elogiando alguém pelo sublimado estado emocional que vivencia, ou quando patológico, havendo uma verborreia, chegando a ferir o ouvinte devido à ausência de controle do impulso, motivado por sentimentos negativos desde a irritação à raiva, por exemplo.

“Quem tem boca vai a Roma”, “Quem canta seus males espanta” e “Para o bom entendedor, meia palavra basta” – são mensagens positivas oferecidas à criança adentrando a adolescência, ou já nessa fase vital, cujo ego caminha para a autonomia plena do pensar; de se emocionar pela visualização criativa que a melodia, ou a poesia existente na música podem oferecer; e, de agir sadiamente, a partir do bom uso da verbalização, utilizando a capacidade de síntese do pensamento, manifestando-se objetivamente, ou seja, expressando-se para todos o compreenderem, com o conteúdo mínimo linguístico de maior coerência possível.

O DEVIR PSICOLÓGICO E A PSICOTERAPIA

Depois de abordada a Educação, destacando o “educar do olhar para a vida” sugerido por Rubem Alves, considero e reitero sobre a relevância que o “ato de ver” tem

para o ser humano, que possibilita ao indivíduo se apropriar de valores que o enriquece, aprendendo com seus semelhantes. Porém, por que, frequentemente, ele age de maneira não humanística, aparentando ser não humano?

A inteligência, que é uma capacidade presente desde as aves aos mamíferos, necessita enfrentar o instinto, que no comportamento humano se expressa pela impulsividade.

Os instintos no indivíduo são conceituados pela Psicologia Analítica como forças motivadoras do processo psíquico, atuantes como uma necessidade interna, observadas nos comportamentos, e que não é fruto do aprendizado (JUNG, 1978).

Menciono, então, os adágios enumerados de 22 a 25 como fechamento desse estudo, os quais promovem muitas questões novas. Por exemplo, quando alguém apaixonando à primeira vista por outrem, fica com sua razão subordinada aos deleites do encantamento e galanteios, até que ocorre a decepção devido à convivência íntima – “As aparências enganam”! Ou, se a convivência prossegue com comportamentos muito bem disfarçados, mas distante dos olhos do cônjuge apaixonado, o outro age de maneira ingênua – “O que os olhos não vêem, o coração não sente”!

Ainda mais instigante, é a prática de atitudes escusas, distante dos olhos e não durante o dia, porque “Na noite todos os gatos são pardos”! Se acaso alguém chegar contando a verdade que sabe ao cônjuge traído, o ego apaixonado e enfermo nega e continua crente no amor que recebe – “O pior cego é aquele que não quer ver”.

Jung (1978) anelava que o psicoterapeuta / médico deva considerar o diagnóstico clínico como necessário

para dar uma orientação à análise da mente. Seu maior interesse de pesquisa e fator decisivo de compreensão se fundamentava na questão da história pessoal.

O olhar singular de Jung está apoiado em sua sábia afetividade, evidência a qual

[...] muitos pacientes que consultaram Jung testemunharam a cordialidade, a ternura e a cortesia com a qual ele os recebia. Seu senso de humor sempre em evidência [...] e ele nunca tentou disfarçar sua falibilidade como ser humano (SIQUEIRA-BATISTA, 2014, p. 140).

Dependendo do nível de imaturidade psicológica da pessoa, pode a timidez ofuscar a lucidez da realidade do indivíduo, fazendo-o julgar-se inferior para superar o desafio, afastando-o do grupo social; ou, ao contrário, levando-o à tomada de decisão, que o possibilita se impor perante os demais pela violência, que na verdade oculta o medo, que nele se esconde.

Assim, cada ser é resultado da soma de suas vivências, cujos arquétipos que os constituíram, pertencem a ele somente, cuja identidade é sua individualidade. A trajetória existencial leva o indivíduo a “assumir a própria identidade, conhecer-se e deixar-se conhecer” (FRANCO; ÂNGELIS, 1990, p. 97).

Para a tarefa do autoconhecimento, apresenta-se a Psicoterapia como processo que assiste a busca do Eu em suas mais profundas ideias e sentimentos. Na experiência clínica, cada um se reconhece – conhece a si repetidamente – para então ampliar as camadas de compreensão sobre aquilo que possui significado existencial e sentido espiritual. Cada um pode desvendar no contex-

to clínico, os provérbios que reverberam em seu íntimo, efetivando ou ressignificando-os a partir de seus valores para prosseguir existindo.

CONCLUINDO...

Como assevera o psicanalista suíço, cada ser humano deve esforçar-se para alcançar o estado de individuação. Essa busca íntima, como meta constante, deve eliminar a motivação de novos conflitos, sejam decorrentes dos impulsos primitivos de agressividade e de posse, ou os projetos relativos ao futuro de difícil alcance, ou então, de prejuízo alheio.

Porque assim vivendo, com sabedoria e prudência cada agora – o “enquanto” na dimensão atemporal – estará então, se entregando em si mesmo, na plenitude consciente de paz.

REFERÊNCIAS

- RUBEM ALVES, o Professor de Espantos. Documentário, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Njtw1Kr8RLY>. Acesso em: 11 dez. 2021.
- BAGHDASARIÁN, H. Algunas consideraciones en torno a los procedimientos de traducción de refranes y proverbios. Rio de Janeiro, *ALEA*, v. 19, n. 3, p. 494-509, set-dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/2017193494509>. Acesso em: 02 dez. 2021.
- BIGULIN, K. J. C. **Estudo baseado na Análise Denotativa e Conotativa dentro de um contexto linguístico**: aspectos relacionados às dificuldades na interpretação de textos, 2018, 30f. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2018. Disponível em: <http://repositorio.utfpr>.

edu.br/jspui/bitstream/1/18916/1/CT_ELPLJ_2_2018_09.pdf.
Acesso em: 02 dez. 2021.

- CARRAMILO-GOING, L.; MACEDO, L. Desenvolvimento moral e os contos de “As mil e uma noites”. In: GIMENES, B. P.; PERONE, R. (Orgs.). **Ludicidade, Educação e Neurociências**: das vivências de infância a artigos científicos. [livro eletrônico] São Paulo: Gênio Criador, 2021, p. 17-54. (Coleção Brincar e Educação; v. 2)
- CARVALHO, F. **Jung e Deus**. 06/09/2017. Disponível em: <https://www.jungnapratica.com.br/qual-e-de-fato-a-real-atitude-de-cg-jung-com-relacao-a-deus/>. Acesso em: 13 dez. 2021.
- FRANCO, D. P.; ÂNGELIS, J. **O homem integral**. Salvador, BA: Livraria Espírita Alvorada, 1990.
- _____.; _____. **Vida feliz**. Salvador, BA: Livraria Espírita Alvorada, 1992.
- GIMENES, B. P. A criatividade na Psicologia da Gestalt e Gestalt-Terapia: um recorte pela experiência profissional. SAKAMOTO, C. K.; TRINDADE, M. A. (Orgs.) **Criatividade**: nuances teóricas na perspectiva da Filosofia e da Psicologia [livro eletrônico]. São Paulo: Gênio Criador, 2021.
- _____. O brincar na infância e a Neuropsicomotricidade. In: GIMENES, B. P.; PERONE, R. (Org.). **Ludicidade, Saúde e Neurociências**: visão contemporânea do brincar a partir de histórias de vida. Rio de Janeiro: WAK, 2020, p. 54-80. (Brincar e Saúde; v. 1).
- _____. **O jogo de regras nos jogos da vida**: sua função psicopedagógica na sociabilidade e afetividade em pré-adolescentes. São Paulo: Vetor Psicopedagógica, 2000.
- _____.; SCHMITZ, E. F. Arteterapia como ludicidade na Psicologia da Saúde e na Psiquiatria. In: Gimenes B.P., Perrone R.A. (Orgs.). **Ludicidade, Saúde e Neurociências**: artigos sobre o brincar a partir da retrospectiva de infância. Rio de Janeiro: WAK, 2022. Cap. 11. (Coleção Brincar e Saúde; v.2)
- HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- JUNG, C. G. A função do símbolo. In: JUNG, C. G. **O homem e**

seus símbolos. 2. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a. p. 117-127.

_____. **O Eu e o inconsciente.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

LEITÃO, R. S. **Curso Programação Neurolinguística (PNL).** Escola de Governo do Distrito Federal. Secretaria de Economia do Distrito Federal. Brasília/DF, 2019. Disponível em: <https://egov.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/10/Apresentação-6.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2021

LOUSÃ NETO, M. R.; MOTTA, T.; WANG, Y-P.; ELKIS, H. (Orgs.) **Psiquiatria básica.** Porto Alegre, RS: Artmed, 1995.

MENANDRO, P. R. M.; RÖLKE, R. K.; BERTOLLO, M. Concepções sobre relações amorosas/ conjugais e sobre seus protagonistas: um estudo com provérbios. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v.17, n. 2, p. 81-100, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652005000200007>. Acesso em: 02 dez. 2021.

MIMOSO, A. B. F. Provérbios: uma fonte para a História da Educação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, Portugal. **Revista Lusófona de Educação**, n. 12, p. 155-164, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/349/34918629010.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2021.

SIQUEIRA-BATISTA, R. Resenha sobre Carl Jung. **Rev. bras. educ. med.** v. 38, n. 3, set 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022014000300017>. Acesso em: 02 dez. 2021.

8

Plantão Psicanalítico na pandemia de COVID-19: Criatividade e mudança de paradigma na Escuta e *Setting*

Hélio Alves¹

Zirilaide Barreto Mendonça²

*Esperança sem risco não é esperança.
Esperança é crer na aventura do amor,
Jogar nos homens. Pular no escuro
confiando em Deus
Dom Hélder Câmara, (1975, p. 16)*

RESUMO

Trata-se do relato de uma experiência sobre a Criatividade na Escuta Psicológica e *Setting* durante a pandemia de COVID-19, realizada no período de maio de 2020 a novembro de 2021, através de uma Equipe de profissionais voluntários estudantes do curso de especialização em Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica – um Professor Doutor e (doze) alunos – incluindo mestrandos da Pós-graduação em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universi-

1 Psicanalista e Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo e Professor no Programa de Pós-graduação em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas. Coordenador e Professor no Curso de Especialização em Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica da Universidade Católica de Santos. E-mail: prof.dr.helioalves@unisantos.br

2 Psicóloga, Pedagoga, Mestranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Católica de Santos. Religiosa da Congregação das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz. E-mail: zilaide@unisantos.br

dade de Santos, com o objetivo de reinventar os espaços de Escuta qualificada, emergencial, para mitigar o sofrimento. O estudo aborda a Criatividade, as mudanças de paradigmas e a reinvenção do *Setting* psicanalítico e a importância da flexibilidade do “método-caminho”, em tempos pandêmicos, sem perder a qualidade e manter a ética profissional. A Escuta, na modalidade de Plantão Psicanalítico através das plataformas virtuais, resultou no fortalecimento das redes de apoio familiar, comunitária, como redes de proteção à Saúde Mental em tempos pandêmicos e o exercício dos preceitos deixado por Freud.

Palavras-chave: Criatividade. Psicologia. Plantão Psicanalítico. Escuta. *Setting*.

INTRODUÇÃO

O Projeto Plantão Psicanalítico surgiu a partir de duas realidades, da pandemia de COVID-19 e da proposta de atividade clínica de alunos da Pós-graduação.

A primeira em função da Pandemia. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela Organização Mundial de Saúde – OMS, como pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, naquele momento, existiam surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo.

O Brasil e o mundo entre tantas “tempestades” se encontravam sem vacina, sem medicação e protocolos de segurança. Os meios de comunicação e a televisão mostravam cenas chocantes pela falta de recursos, de profissionais da saúde e do cuidado. Entre todas as faltas, sobretudo a desesperadora “falta de ar”, falta de aparelhos para respirar e a falta dos mecanismos de sobrevivência nas diversas realidades. Pessoas e famílias vitimadas e

o número de mortes em condições desumanas aumentavam assustadoramente. De todas as partes vinham os apelos, as expressões de desespero.

No mês de março, do mesmo ano, teve início o Curso de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica na Universidade Católica de Santos. Os alunos eram psicólogos formados e com experiência em atendimentos, em sua maioria, e um pequeno grupo, que naquele momento não estava atendendo, mas atuava em outras áreas da Psicologia ou pretendia retornar para a área.

Um dos objetivos do Curso era integrar a teoria à prática e como havia um grupo que não estava praticando o atendimento, no momento, foi sugerido o Plantão Psicanalítico como um suporte emocional à população vítima de Covid-19. Desta forma, a população receberia atendimento e os alunos retomariam à área com supervisão. Essa proposta foi acolhida pelo grupo, de imediato, e por alguns alunos que permaneciam atendendo. Assim nasceu o Projeto Plantão Psicanalítico no mês de maio de 2020

Com o aumento significativo de casos e com a necessidade de aumentar o grupo de profissionais voluntários, este foi ampliado para os mestrandos (psicólogos) do curso de Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas do Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional da Universidade Católica de Santos. Desta forma, contamos com alunos, profissionais voluntários, que atuavam em outras abordagens, não só a Psicanálise. O grupo passou a contar com 13 profissionais.

A ideia inicial era a de atender as pessoas da região (Baixada Santista) e em 11 de maio a Universidade divulgou no seu site o Projeto:

Com o objetivo de oferecer acolhimento e suporte emocional para as pessoas em situação de crise, o curso de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica da UNISANTOS promove, gratuitamente, Plantão Psicanalítico *on-line*. Os atendimentos serão realizados por psicólogos voluntários, com registro profissional no Conselho Regional de Psicologia e no cadastro E-PSIC, que regulamenta a prestação de serviços psicológicos por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação. O Plantão Psicanalítico emergencial está voltado às pessoas que, neste momento, apresentem sofrimento psíquico desencadeado pela pandemia de Covid-19. Como forma inovadora de atendimento breve, os interessados participam de três sessões. A coordenação e supervisão do serviço é do psicólogo, professor Hélio Alves, mestre e doutor em Psicologia Clínica, responsável pelo curso de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica, docente do curso de Psicologia e do Mestrado Profissional em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas. Os interessados deverão ter no mínimo 18 anos. Inscrições pelo e-mail plantaopsicanalitico@unisantos.br, informando nome completo e telefone para contato inicial.

A proposta era de atender a pessoa em situação de crise em, no máximo, três consultas com a duração de 75 minutos para cada encontro. Dependendo da disponibilidade da pessoa atendida e do profissional, as três consultas poderiam acontecer na mesma semana. Com essa periodicidade buscava-se oferecer acolhimento empático, escuta qualificada, suporte emocional e ao final de cada consulta encaminhar para os recursos da comunidade. Como Plantão Psicanalítico, a consulta inicial poderá ser

única ou ter continuidade. Com objetivo claro, que toda consulta deve ter começo, meio e fim nela mesmo, foram realizados os atendimentos. Essa proposta visava dar um suporte emocional à pessoa em situação de crise e fazer o encaminhamento para uma Análise ou Psicoterapia tradicional.

A partir da divulgação, como era esperado, houve uma busca de apoio emocional, não só por pessoas da região, mas aquelas residentes em várias cidades do Estado de São Paulo, de outros Estados, inclusive brasileiros que residiam fora do país, como Estados Unidos – visto que a *internet* não tem fronteiras.

A proposta inicial do Plantão era a de atender a pessoa no momento da “crise”, mas com a alta demanda e com o grupo limitado de voluntários pelas horas disponíveis dos profissionais, o Plantão passou a ter lista de espera. A falta de Políticas Públicas voltadas para essa demanda de atendimento à crise sobrecarregou o Plantão Psicanalítico.

O confinamento domiciliar imposto pela COVID-19 obrigou a pessoa a um contato maior consigo e com os outros, evidenciou conflitos e provocou impacto na Saúde Mental. As urgências que se apresentaram, o desespero das pessoas da Baixada Santista, de outros estados e até do exterior, para serem atendidas e para inscreverem outros, parentes e vizinhos, mostraram um cenário de dor e angústias, muitas vezes paralisantes. Entre tantas experiências e manifestações de sofrimento diante da realidade pandêmica, relatos do crescente número de infectados e de mortes, das tragédias anunciadas em todo o mundo e de forma particularizada bem perto das pessoas acolhidas, havia: fome, desemprego, dívidas, conflitos de

relações, desespero e adoecimento, com situações de depressão, pânico, ideação suicida, renúncia dos sonhos e projetos cotidianos.

O *Setting* psicanalítico mudou-se do consultório entre quatro paredes, foi ampliado para a casa do paciente, onde tivemos acesso as suas intimidades como: - o interromper a consulta para atender a porta, - observar pessoas passando pelo ambiente, - perceber animais de estimação participando da consulta, - definir a duração da consulta somente durante o período em que os familiares estavam dormindo, porque a casa era pequena e o movimento de circulação de pessoas seria grande, entre outras situações, para que a consulta ocorresse.

Kallas (2016) mostra que as diversas visões e perspectivas baseadas nas teorias psicodinâmicas ajudam a dialogar sobre o sujeito contemporâneo conectado, mas isolado e aprisionado. A pergunta sobre a subjetividade deste novo sujeito, tão marcada pela impessoalidade e pelas novas formas de mal-estar leva a outras perguntas igualmente desafiadoras: Que sujeito é esse? O que o ser humano faz para se livrar da angústia no “tempo da *internet*” caracterizado pelo excesso de informações e inovações, onde a vida pública e privada se misturam e tudo fica exposto?

Perguntas que se multiplicam no universo da experiência de acolhimento: como se produz a subjetividade neste contexto em que realidade se embrica com o virtual? Como manter o isolamento preventivo, os protocolos de segurança em tempos de pandemia, sem se distanciar afetivamente das pessoas, famílias, amigos? O que a subjetividade tem a ver com o tema em questão: relações

humanizadas em tempos de pandemia? A nova ideia de sujeito que vamos construindo, mostra uma nova maneira de ser resiliente.

Para Merino (2016) é necessário a compreensão da era digital como o tempo da presença, real e virtual, física ou moral, ativa ou passiva, mas interativa. É um tempo marcado pela necessidade de ver, falar e ouvir, que solicita a construção de presenças solidárias, comunicativas, libertadoras, inspiradoras e transformadoras. Presenças positivas que constroem redes de apoio, recordam crenças, contribuem para a expressão de convicções e valores, priorizam o bem real, não a aparência, abrindo caminhos de esperança às pessoas e comunidades. Contam com o que há de positivo para fazê-las sonhar e procurar alternativas.

A experiência vivida e avaliada no grupo de partilha e supervisão foi fundamental para que os profissionais pudessem compreender os sentimentos de impotência e/ou onipotência que não raramente provocava angústia naquele cenário de dor. Permanecer no foco da compreensão, no silêncio capaz de aproximar, recordando a máxima que o profissional psicólogo tem “dois ouvidos e apenas uma boca”, conforme colocado em supervisão; alerta para não descaracterizar a escuta emergencial, que foi um desafio constante. O apoio entre os profissionais, o incentivo à intervenção inclusiva e o fortalecimento das redes de apoio, foram essenciais.

CRIATIVIDADE NA ESCUTA EMERGENCIAL E SETTING: MITIGAÇÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO

A Criatividade com a mudança de paradigmas e reinvenção do *Setting* psicanalítico foi desvelando-se como possibilidade possível de acolhimento e mitigação do sofrimento psíquico, tecida nos pressupostos da interdisciplinaridade. Criatividade e Escuta foram construídas na ausência da segurança do conjunto de procedimentos padronizados, que permitiu a aproximação e o cuidado do ser/estar com as pessoas, acolhendo a realidade de cada uma das individualidades como se apresentava, por um lado marcada pela dor, luto(s) da(s) perda(s) de tantas pessoas queridas, o risco assustador e frequente de contaminação do Coronavírus – SARS-Cov-2 e suas consequências e, por outro lado, uma experiência tão cheia de abertura, acolhida, exercício e esforço na elaboração do vivido, esperança e procura de sentido.

A Escuta e o acolhimento no *Setting* foram os eixos do Projeto do Plantão Psicológico desde a elaboração; e, porque as pessoas puderam falar do sofrimento, do desejo de vida, aproximação e relações geradoras de saúde foram sendo o fio para a esperança na releitura dos acontecimentos, descobertas e aproveitamento das redes de apoio. Na medida em que a pessoa se reconhecia com direito a ser escutada e acolhida, com possibilidade de dar “voz” à sua vivência, ia se aproximando da sua dor e o mal-estar geral, a angústia difusa e o medo paralisantes davam lugar ao mínimo de coragem para se arriscar em atitudes de cuidado e relações saudáveis.

De Miguel (1988 *apud* RIBEIRO, 2014) menciona a necessidade de novas perspectivas de conhecimento e da

coerência na busca, uma vez que os novos caminhos metodológicos requerem ousadia para investir em atuações mais criativas e assertivas, o que implica abdicação da ênfase sobre o instrumentalismo e a postura reflexiva. O autor recomenda maior cuidado sobre o sentido do que fazemos, os procedimentos que utilizamos e a utilidade que nos oferecem.

A convicção da necessária abertura aos novos caminhos da Psicologia, para além dos procedimentos metodológicos preexistentes, neste tempo de pandemia, tão caracterizado pelo desabrigo, lança-nos ao risco das experiências que transcendem aos espaços tradicionais de atuação, as formas mais habituais de escuta e intervenção no cuidado à saúde e humanização.

Na escolha do risco em relação ao “método-caminho” faz-se significativa a contribuição de Rojas e Baruki-Fonseca (2009) que sugerem o movimento próprio do ir e vir presente na Fenomenologia, capaz de entrelaçar ideias, pensamentos, estudos e conhecimentos como facilitadores do desvelamento daquilo que se apresenta em termos de vivência e o constante recomeçar, problematizar e transcender na compreensão da realidade a partir do sentido.

Buscou-se trazer à luz uma postura profissional de aproximação, empatia, abertura e flexibilidade que favorecessem o aparecimento das situações como elas são e podem ser, na singularidade de cada pessoa acompanhada, sem perder o rigor imprescindível da intervenção pela escuta qualificada, em tempos pandêmicos de grande impacto na saúde mental e na compreensão da existência.

Sobre a Criatividade, Ades (1994, p. 28) afirma: “[...] a tarefa criativa não pode ter resultados previsíveis e não pode ser programada, como se programa a construção de uma ponte [...]”, sugerindo descentrar os pensamentos, repensar alternativas paradigmáticas e a mudança do ângulo de abordagem, já que os métodos, mesmo os aparentemente mais seguros, não garantem resultados a todos os problemas.

A Criatividade científica desafia-nos a evitar o aprisionamento da suposta ou pretendida segurança do método preestabelecido, sem cair no vazio teórico, conceitual ou prático. A Criatividade desvela-se no cuidado de quem se coloca como peregrino, de quem faz caminho a cada passo sem uma direção padronizada. O modo de cuidar emerge na contemplação do que aparece em cada paisagem, em cada desvelar de possibilidades. Sobre o desafio do se lançar na imprevisibilidade do caminho é esclarecedora a observação de Ribeiro (214, p. 210):

seguir na trilha do método-caminho exige rigidez e flexibilidade, autonomia e dependência, todos dosados na medida de abertura do nosso caminhar, o qual não pode se dar de modo absolutamente solitário, mas solidário [...] é esta a dinâmica. Criativa, porque mantém o círculo em constante movimento de renovação, de reconstrução, de ressignificação, de inovação.

A abertura ao movimento de desconstrução e renovação dos métodos impostos pelo contexto pandêmico de COVID-19 resultou numa dinâmica criativa de aproximação, acolhida e escuta qualificada, que foi tornando possível, para algumas vítimas, a abertura para um po-

sicionamento proativo diante dos fatos relatados: isolamento, distanciamentos, sequelas da doença, mortes, luto, em acontecimentos costurados com o fio do sentido que liberta.

QUEBRANDO PARADIGMAS DOS ESPAÇOS DA ESCUTA: FRAGMENTOS DA HISTÓRIA E O CAMINHO

A Psicanálise como construto teórico e técnico, ainda é vista por muitos como sendo elitista, tendo como representação social o divã e um tratamento longo. Ao lado desta visão tradicional, encontram-se propostas e práticas que ampliam seu arcabouço.

Em 2001, foi defendida na Universidade de São Paulo-USP a tese “Psicoterapia breve PBO com adolescentes da rede pública escolar da cidade de Santos – S.P.: uma contribuição à psicologia clínica preventiva” com a orientação do psicanalista e professor Dr. Ryad Simon, que utilizou como referencial teórico a Psicanálise. O seu objetivo foi o de apresentar a técnica breve em psicoterapia com adolescentes, com tempo de duração pré-determinado, voltada a necessidades do paciente. Esta proposta utiliza a Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada - EDAO e a experiência do profissional, que se associam para destacar uma inovação na assistência psicológica emergencial.

Na mesma direção se encontra os conceitos de clínica ampliada e gestão democrática, propostos por Gastão Wagner de Souza Campos (2007). Afirma o autor:

Em vez de centrar o processo de trabalho em linhas de produção, é proposto um modo alternativo para organizar a atenção aos pacientes, um novo artesanato com autonomia profissional

e clara definição de responsabilidade clínica (CAMPOS, 2007, p. 849-859).

Conforme Broide (2019), a Psicanálise é matéria viva presente nos mais diferentes ambientes, extrapolando as paredes do consultório, constituindo-se em uma escuta que pode circular por todos os espaços sociais que em nosso país se encontram no “olho do furacão”.

A quebra de paradigmas no atendimento psicanalítico perpassa por mudanças no *Setting* e procedimentos, que promovem enriquecimento ao trabalho de assistência à saúde mental, o que em tempos de pandemia enaltecem o valor da Criatividade voltada ao o bem-estar do ser humano.

Buscando na história da Psicanálise, encontramos na MAHLER FOUNDATION, que Freud atendeu em uma única consulta, com duração de 4 horas, o maestro e compositor Gustav Mahler, em 1910, andando pelas ruas de Leiden na Holanda. A Psicanálise não foi praticada somente em seu consultório.

Em “As perspectivas futuras da terapia psicanalítica” afirma Freud (1910, p. 135-136)

[...] a psicanálise pode trazer benefícios para a modificação da civilização e para o bem-estar das gerações futuras, e conclui: Desejaria, portanto, deixá-los ir com a segurança de que, ao tratarem seus pacientes psicanaliticamente, estarão cumprindo com o seu dever, em mais de um sentido. Os senhores não estarão trabalhando, apenas, a serviço da ciência, ao fazer uso de uma única oportunidade, para descobrir os segredos das neuroses; estarão, não apenas, dando aos seus pacientes o remédio mais eficaz

para os seus sofrimentos, de que dispõem hoje em dia; estarão contribuindo, com a sua parcela, para o esclarecimento da comunidade, do qual esperamos alcançar a profilaxia mais radical, contra as perturbações neuróticas, ao longo do caminho indireto da autoridade social.

Freud (1918) no artigo “Caminhos da Terapia Psicanalítica” que foi lido durante o V Congresso Psicanalítico Internacional, realizado em Budapeste um ano depois, menciona a necessidade de revisão dos procedimentos terapêuticos e do processo inacabado de construção do conhecimento psicanalítico, ao ter que “admitir as imperfeições da nossa compreensão, a aprender novas coisas e a alterar os nossos métodos de qualquer forma que os possa melhorar” (FREUD, 1919 [1918], p. 201).

Dando continuidade, o pai da Psicanálise refere o número pequeno de psicanalistas, atendendo um pequeno número de pacientes (normalmente, das classes abastadas), face “à enorme quantidade de miséria neurótica que existe no mundo” e menciona a possibilidade de, em algum dia, poder alcançar uma quantidade considerável da população com o tratamento psicanalítico gratuito, ao considerar as neuroses um caso de saúde pública. (FREUD, 1919[1918], p. 211).

Nas obras de Sigmund Freud encontram-se posteriormente os clássicos – “A psicologia das massas e a análise do Eu” que foi originalmente publicado em 1921 e “Mal-estar na civilização”, originalmente publicado em 1930, entre outros.

A psicanalista Elizabeth Ann Danto (2019) publica uma pesquisa sobre as contribuições da Psicanálise nos seus primórdios, intitulada: “As clínicas públicas de Freud:

Psicanálise e justiça social” na qual relata a prestação de serviço social oferecido através das clínicas no período de 1920 a 1938, contando com 13 unidades. Participaram desse projeto os seguintes psicanalistas: Erik Ericson, Karen Horney, Sandor Ferenczi, Erich Fromm, Bruno Bettelheim, Melanie Klein, Anna Freud, Wilhelm Reich, Otto Fenichel, Franz Alexander e Karl Abraham, entre outros. Neste trabalho fica evidente a preocupação e a intervenção de Freud e seus seguidores no campo social.

Broide (2019) afirma que para Freud, uma inserção orgânica no campo social era fundamental para a sobrevivência da Psicanálise. Assim, nossos antecessores, a começar pelo próprio criador, não tiveram medo de inventar os mais diferentes dispositivos que possibilitassem a operação psicanalítica nos mais diversos campos sociais, instituindo o que hoje denominamos “Psicanálise nas situações sociais críticas”.

A quebra de paradigmas, a Criatividade e a flexibilidade nos atendimentos do “Plantão” foram solicitações constantes dirigidas aos profissionais e às pessoas atendidas, todos precisaram se reinventar e se organizar no tempo, para os atendimentos que aconteceram às 7h da manhã, antes de uma jornada intensa de trabalho ou à noite, porque familiares saíam para o trabalho ou compromissos; necessitaram ainda, se adaptarem a atendimentos em lugares diferentes, como em praça pública, para garantir as condições mínimas de sigilo e liberdade. Situações diversas se apresentaram e diferentes pessoas procuraram para serem ouvidas e compreendidas frente a dor. O encontro com as pessoas ressoava empatia e as perguntas se fizeram companheiras do caminho.

Ribeiro (2014) trata de quatro princípios essenciais para o embasamento da construção do caminho, pesquisa/intervenção que vai se estendendo à medida que se dispõe a manter a mente (razão) e o “coração” (emoção) abertos, impulsionados pelas convicções e escolhas. De acordo com o autor, a abertura às diferentes perspectivas paradigmáticas é o primeiro e fundamental princípio para o acesso a novas possibilidades, ao potencial criativo e à transformação, inerentes à humanização. O segundo princípio é o diálogo com outras áreas do conhecimento, a partir da contribuição de diferentes referenciais que ampliam a percepção da realidade e permitem as modificações necessárias. O terceiro princípio – as estruturas flexíveis – autentica o caminho percorrido marcado pelas adaptações emergenciais. Conforme Ribeiro (2014, p. 211).

A abertura paradigmática e a predisposição para o diálogo levam-nos a buscar estruturas flexíveis à integração das implicações entre realidades que se mostram simultaneamente solidárias e conflitivas, elementos característicos da pesquisa na perspectiva complexa e transdisciplinar. Em decorrência disso, o conjunto de procedimentos e instrumentos será aberto o suficiente para realizarmos as adaptações compatíveis com as emergências e, por sua vez, integrar a prática (ciência) e a reflexão (filosofia) em parceria epistemológica, negando a desintegração e a fragmentação.

A abertura às diferentes perspectivas, o diálogo e as estruturas flexíveis tornam-se condições para o quarto princípio: o espírito aberto ao novo, atento para o registro do inesperado.

A experiência no Projeto Plantão Psicanalítico evidenciou a efetiva ocorrência da quebra de paradigmas em relação ao *Setting* do atendimento qualificado, do diálogo na busca de redes de apoio, da flexibilização das estruturas para acolher as alternativas possíveis e lançar-se ao imprevisível do ser e estar, na realidade habitada pelo dor e medo, sem descuidar da qualidade da presença e da compreensão do caminho.

A realidade habitada por pessoas em sofrimento vítimas de COVID-19, demonstrava a singularidade de cada uma, revisitando, na medida do possível e da restrição do tempo, os acontecimentos dolorosos, em busca de força revitalizadora para ressignificação e enfrentamento das dificuldades, que se desvelaram como possibilidades de saúde mental e nova dinâmica de vida.

DUAS NARRATIVAS, COMO SÍNTESE DO VIVIDO³

Caso 1

F.S., idade: 65 anos. Casada, 3 filhos casados, reside com o marido na Baixada Santista. Excepcionalmente ocorreram 4 atendimentos.

Ela procurou o Plantão porque não aguenta mais ficar em casa seguindo as regras da quarentena por causa da pandemia. Muito falante e apresentando muita disposição contou que tinha uma vida ativa, fazia exercícios em academia, corrida. Era voluntária em hospital, dando atenção a muitos pacientes nesse local.

3 Valéria Ribeiro Neves, Psicóloga Voluntária e aluna do curso Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica no Plantão Psicanalítico, CRP 06- 45136

F.S. encontrava-se precisando falar, havia uma angústia pela falta das suas atividades diárias, das quais realizava com muito prazer, e do contato com pessoas. Demonstrava muita pulsão de vida, uma enorme vontade de viver.

A vida dela parecia funcionar muito bem até a pandemia e a necessidade de isolamento. Seus três filhos são casados e embora não pudesse mais visitar a todos com tanta frequência, mantinham contato por telefone e teleconferência. Por isto eles estavam preocupados com ela. O marido ainda trabalhava numa oficina, continuava a manter a rotina e era sempre muito cuidadoso com os protocolos da COVID.

No decorrer dos atendimentos F.S. foi contando como criou soluções para resolver suas angústias. Começou a fazer exercícios em casa mesmo. A professora de hidroginástica passou a enviar vídeos de exercícios para as alunas pelo grupo de *WhatsApp*. Também falou a respeito das opções de meditação disponíveis na *internet*. Ela tomou coragem e decidiu começar a correr na praça perto da sua casa que, segundo ela, era de pouco movimento de pessoas, assim poderia continuar seus treinos.

Com o processo de atendimento, ela passou a substituir o voluntariado, presencial, por fazer crochê, em casa, para doar num bazar filantrópico junto com as demais voluntárias do hospital. Com isso passou a se sentir útil e ficou mais feliz.

F.S. é uma pessoa muito ativa, dinâmica e as suas ideias e soluções já estavam estruturadas, o que ela precisava era se sentir fortalecida para legitimar os seus desejos.

Caso 2

A.L. é professora. Idade: 26 anos, casada, 1 filha pequena.

Ao ser perguntada sobre o que a fez procurar o Plântão, ela usou essa expressão “sou mãe de pandemia”. Muito emocionada e chorando muito, contou que ter uma filha sempre foi o seu maior sonho. A filha nasceu durante o início da quarentena. Nos últimos tempos estava se sentindo triste, sem disposição pra nada, a única coisa que fazia com prazer era cuidar da filha. Até os afazeres da casa a incomodavam, não sentia ânimo pra nada.

A menina nasceu no auge do aumento dos números de casos de COVID-19. Ela se sentiu muito triste, pois não pôde realizar *chá de bebê* para essa gravidez, pois sentia um enorme medo de se contaminar. O medo persistiu após o nascimento, referia ter muito medo de se contaminar e morrer e não poder criar sua filha tão desejada.

A.L. contou que se “fechou” para as pessoas, não permitindo que ninguém a visitasse após o nascimento da filha. Inclusive seus pais; o avô, que se recusava a usar máscara só conheceu a neta um ano depois, com considerável distância física.

O choro e a emoção nos atendimentos eram frequentes, aparentando um estado depressivo. A.L. conta que a maternidade é algo que tem um lugar muito especial na sua vida, inclusive deseja ter mais filhos. Sua infância foi muito difícil, seus pais se separaram e sua mãe casou-se de novo com um homem que tinha também filhos e passaram a viver todos juntos, porém ela e sua irmã não tinham os mesmos direitos e oportunidades que os filhos

do padrasto. Mesmo morando juntos, sentia que não formavam uma família. A.L. não desejava repetir sua história que a levava a se sentir desamparada com sua filha.

Ela e o marido eram religiosos e participavam ativamente das atividades da igreja. Ambos eram professores, mas estavam desempregados, viviam da ajuda da igreja e dos parentes. A situação financeira se agravou muito porque as escolas em que trabalhavam os demitiram. Cursavam faculdade e a situação financeira estava se complicando muito, inclusive com questões básicas. Era difícil aceitar ajuda, isso a incomodava bastante.

Procurar um emprego pra ela também era algo difícil, queria participar de todo o desenvolvimento da filha, sentia-se cobrada pelas pessoas que a ajudavam, além da sua própria cobrança.

Separar da filha por qualquer motivo era difícil, ao mesmo tempo havia um dilema pois precisava também ajudar no sustento da filha. Os cursos que realizavam eram na modalidade de EAD, portanto ficava o tempo todo em casa. Estava pensando em fazer bolos para vender, ou criar uma loja virtual.

A.L. falava que não permitia que ninguém pegasse a sua filha no colo e se surpreendia quando isso ocorria e a menina não chorava. Preocupava-se com o período de escolarização da criança.

O marido era apresentado como alguém muito companheiro, bom marido, mas que estava em depressão. Vinha com insucesso em seleções para emprego e há muito tempo não conseguia sustentar a família.

Este processo transcorreu no sentido de acolher os sentimentos de impotência e a fantasia que tinha de fi-

car impossibilitada de cuidar da sua filha, assim como não estava podendo cuidar de seus pais e de ser cuidada. A pandemia é uma situação real, mas também havia uma angústia de separação e luto na fantasia dela. Ela foi orientada a buscar análise, com o objetivo de se aprofundar nessas questões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No “caminho” trilhado a partir das diferentes possibilidades, cada pequena conquista foi muito sentida e celebrada, o que nos permitiu testemunhar algumas simples, mas significativas mudanças nos atendidos: retorno de atividades e despertar de sonhos. O diálogo próximo e de ajuda entre os profissionais, as supervisões por vezes demoradas, foram fundamentais para a atuação no atendimento.

Esta experiência profissional, vivenciada no Projeto Plantão Psicanalítico da Universidade Católica de Santos, traz à luz uma realidade mais complexa, inquietante e inaceitável: a desigualdade social e o abandono dos mais vulneráveis, que a pandemia escancarou em todo o Brasil, especialmente nos últimos tempos de retrocesso, ausência e dismantelo das Políticas Públicas.

Todas as expressões de solidariedade, serviço voluntário, das Universidades, das igrejas, ou de ONGs, não são indiferentes, e tem um sentido de solidariedade e participação, mas revelam a urgência de Políticas Públicas que deem respostas às necessidades das pessoas em situação emergencial, que garantam, na prática, as condições mínimas da dignidade humana asseguradas pela Constituição Brasileira.

Em muitos casos que necessitaram de encaminhamento para os recursos públicos, as possibilidades foram bem restritas; à Psicologia e a todos que investem criativamente no cuidado da vida, a nossa gratidão. Que a causa dos direitos, da cidadania seja uma das mil razões que temos para viver e atuar, construindo uma Psicologia libertadora.

REFERÊNCIAS

- ABARCA, C.I.; INOUE, S.V.; SILVEIRA, C.; MARTIN, D. *In*: JUBILUT, L. L. et al. **Direitos humanos e vulnerabilidade e a agenda 2030**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.
- ALVES, H. **Psicoterapia Breve Operacionalizada** – PBO com adolescentes da rede pública escolar da cidade de Santos – SP: uma contribuição à psicologia clínica preventiva. Tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo - USP 2001
- BROIDE, J. Prefácio. *In*: DANTO, E. A. **As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- CAMPOS, G. W. de S.; AMARAL, M. A. do A clínica ampliada e compartilhada, a gestão democrática e redes de atenção como referenciais teórico-operacionais para a reforma do hospital. **Ciênc. saúde coletiva**, São Paulo, v.12, n.4 – Agosto de 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000400007> . Acesso em: 20 de março de 2022
- CUELLAR, E. B. **Psicología de la Liberación** - Aportes para la construcción de una Psicología desde el Sur. Bogotá-Colombia: Ediciones Cátedra Libre, Versão Digital 2015. Capítulo 1 - El Devenir de una propuesta Liberadora para la Psicología. Disponível em: www.catedralibremartinbaro.org. Acesso em: 20 de março de 2022.
- DANTO, E. A. **As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- FARIA, R. M. de; BORTOLOZZI, A. Espaço, Território e Saúde:

Contribuições de Milton Santos para o tema da Geografia da Saúde no Brasil. **R. RA'EGA**, Curitiba, n. 17, p. 31-41, 2009. Editora UFPR.

FREUD, S. As perspectivas futuras da terapia psicanalítica (1910) *In: _____*. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, v. 9, 2013, p. 287-301

_____. Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], *In: _____*. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, v.9, 2013, p. 13-112.

_____. Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). *In: _____*. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, v.9, 2013, p. 13-112.

_____. As Neuropsicoses de Defesa (1894). *In: Obras completas*. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 49-65.

_____. Caminhos da Terapia Psicanalítica (1919). *In: _____*. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, v. 10, 2013, p. 279-292.

_____. História de uma Neurose Infantil (“O homem dos lobos”), *In: _____*. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, v. 10, 2010, p. 13-160.

_____. Além do Princípio do Prazer (1917-1920) *In: _____*. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, v. 10, 2010, p. 161-239.

KALLAS, M. B. L. de M. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. **Reverso**. Belo Horizonte, v. 38, n° 71, p. 55-63, jun. 2016.

MAHLER FOUNDATION

<https://pt.mahlerfoundation.org/mahler/locations/netherlands/leiden/meeting-with-freud/>. Acesso em: 14 jan. 2022.

- MOREIRA, N. X; NUNES, N. R. de A; SANTOS, A. N. L. dos; EC-CARD, Í.S. S. Representações sociais e a interface com a assistência social brasileira: evidências e sinergias. In: **VIII Jornada Internacional Políticas Públicas**. Universidade Federal do Maranhão, 2017.
- MORAES, M. C. **Ecologia dos saberes**: complexidade, transdisciplinaridade e educação, novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: Antakarana/Willis Harman House, WHH, 2008.
- MEDEIROS, A. P; VENTURA, C. A. Desenvolvimento Sustentável, Políticas Públicas e Resiliência: uma Revisão de Literatura. Florianópolis: **Saúde. & Transformação. Social-**. Health & Social Change, v. 4, n. 1, p. 90-95, 2013.
- RÊGO, L. A. de L. Relato de experiência sobre o processo de psicoterapia em grupo com crianças de uma instituição escolar. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 06, Ed. 08, v. 06, p. 125- 137. 2021, Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/processo-de-psicoterapia> . Acesso em: 20 mar. 2022
- RIBEIRO, O. C. Criatividade na Pesquisa Acadêmica: Método-Caminho na Perspectiva de uma Fenomenologia Complexa e Transdisciplinar. UFRGS: Dossiê ECOTRANS: **Ecologia dos saberes e Transdisciplinaridade**. DOI: 10.5216/teri.v 5i1. Jan./Jun. p. 189-215, 2015.
- SANTOS, L. N.; MOTA, A. M. A; SILVA, M V. de O.. A dimensão subjetiva da subcidadania: considerações sobre a desigualdade social Brasileira. **Psicol. cienc. prof.** Brasília, v.33, n. 3, p.700-715, 2013.
- SOUZA, J. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. 2a. ed. Jessé Souza colaboradores André Grillo et al. São Paulo: Contracorrente, 2017.
- UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS – UNISANTOS. **Covid-19 - Curso de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica da UniSantos promove Plantão Psicológico gratuito**. Disponível em: <https://www.unisantos.br/portal/noticias/covid-19-curso-de-psi>

canalise-e-terapia-psicanalitica-da-unisantos-promove-plan-
tao-psicologico-gratuito/#:~:text=O%20plant%C3%A3o%20psi-
col%C3%B3gico%20emergencial%20est%C3%A1,interessados%20
participam%20de%20tr%C3%AAs%20sess%C3%B5es .Acesso em:
14 fev. 2022.

9 A Asma Infantil e Criatividade em Winnicott

Cristiane Cintra Brentan¹
Helena Rinaldi Rosa²
Audrey Setton Lopes de Souza³

RESUMO

O tema Criatividade está amplamente relacionado à teoria winnicottiana e se articula com vários conceitos fundamentais desenvolvidos por Winnicott. Sob o ponto de vista deste referencial teórico, este trabalho explorou teoricamente a dimensão criativa proposta pelo autor a respeito da Criatividade de crianças que possuem asma que, como doença psicossomática, é tradicionalmente pensada como uma patologia que influencia a capacidade de expressão afetiva, simbólica e criativa. O objetivo principal deste trabalho foi discutir a expressão criativa de crianças asmáticas dentro da perspectiva teórica winnicottiana, por meio de uma revisão bibliográfica sobre o tema. Apresentado o levantamento de publicações, é feita a discussão dos textos, articulando-os com o problema em estudo.

Palavras-chave: Criatividade. Psicossomática. Asma.

1 Doutora e Mestre em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano (USP), graduada em Psicologia (IBMR) e graduada em Licenciatura de Educação Artística – Artes Plásticas (UFRJ). E-mail: crisbrentan@gmail.com

2 Professora Livre docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, lecionando na graduação e pós-graduação do Curso de Psicologia, na área de Avaliação Psicológica. E-mail: hrinaldi@usp.br

3 Professora Doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano (USP) e membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Professora do IPUSP e do Instituto Sedes Sapientiae. E-mail: asetton@uol.com.br

ASMA E O PSICOSSOMA

A Psicanálise, desde seus primórdios, destaca a articulação entre os registros do corpo e da psique. Freud (1974) evidencia que os fenômenos psíquicos influenciam os aspectos somáticos e estes, por sua vez, também influenciam os fenômenos psíquicos. De acordo com Villela e Trinca (2001), no final do século XIX, Freud enfatizou a visão geral do ser humano, em sua teoria sobre as pulsões, essência orgânica para a vida psíquica.

Muitos autores destacam o aspecto psicossomático presente na asma. Souza (1949) verificou, na literatura, que os fatores emocionais desempenhavam um papel importante no desencadeamento desta doença. No entanto, como muitos indivíduos podiam não desenvolver a sintomatologia, o autor acreditava numa predisposição individual constitucional ou adquirida, podendo ser de natureza orgânica ou psicológica. No setor orgânico, citou os elementos alérgicos e as enfermidades orgânicas das vias respiratórias como fatores na predisposição asmática. Do ponto de vista psíquico, destacou a pré-disposição a um estado de desequilíbrio emocional, como consequência de conflitos vividos pelo indivíduo. As crises asmáticas eram vistas como reações à separação da mãe, hostilidade e agressividade intensas, pouca elaboração simbólica, organização frágil do ego e superego inadequadamente assimilado.

Outros autores constataram o importante papel dos fatores psicológicos na etiologia da asma, a qual envolve fatores alérgicos, climáticos, infecciosos, endócrinos e, principalmente, emocionais. Lourenção Van Kolck e Jaehn (1982, p. 1343) afirmam que “Nas manifestações

asmáticas, encontramos um dos exemplos mais puros de quadro psicossomático”.

De acordo com Rubenstein *et al.* (1979, *apud* MESTRINER, 1989), a raiva não expressa pela criança produziria broncoespasmos. Com o tempo, a árvore brônquica se tornaria vulnerável pela raiva não expressada e estaria mais suscetível a responder com broncoespasmos ao contato com alérgenos e irritantes respiratórios, assim como com infecções das vias respiratórias superiores. Hisada (2011) salienta que asma, em grego, corresponde a “peito comprimido”; em latim, *angustus*, que associada à palavra alemã *angst*, quer dizer medo ou angústia. O medo, a raiva e a ansiedade influem na profundidade e na frequência dos movimentos respiratórios.

Mestriner (1989) pesquisou os desenhos-estórias (produção expressiva originada da aplicação de instrumento de diagnóstico psicológico) de crianças asmáticas, observando algumas características do psicodinamismo destas crianças e a predominância de uma configuração típica, a qual inclui características como: alta carga de impulsos agressivos, mecanismos de defesa intensos, baixas capacidades de elaboração e reparação, superego cruel, imagem denegrada de si e conflito dependência-independência.

Nos estudos de Peçanha (1997), o processo evolutivo das crianças com asma apresentava prejuízos, sobretudo, à sua maior imaturidade com características regressivas e predomínio de indicadores de ansiedade. A estrutura das famílias destas crianças tendia a apresentar coalizões entre seus membros, dificultando a aquisição de uma identidade própria a cada criança. Dentro deste contexto

familiar, a ansiedade dos pais era evidente, expressando-se por meio de condutas superprotetoras, ocasionalmente de rejeição, e que não ofereciam distinções e limites adequados ao desenvolvimento individual de seus filhos. Pinkerton (1967, *apud* MESTRINER, 1989) corroborou esta ideia ao pesquisar a relação entre a função respiratória e a influência de padrões de relacionamento pais-crianças na asma infantil. Ele concluiu que o grupo de crianças com pais com atitudes negativas – rejeitadoras, censuradoras e hiper-críticas, aos quais a criança reagia com comportamentos de submissão – teve maior comprometimento fisiológico da doença.

Mestriner (1989 *apud* VILLELA; TRINCA, 2001) encontrou duas hipóteses principais em um levantamento bibliográfico sobre as características psíquicas de pessoas com asma. A primeira hipótese pressupõe a existência de um conflito, desenvolvido na infância, que influenciaria o surgimento da asma. A segunda hipótese supõe que a doença física, asma, ocasionaria uma série de peculiaridades nas características de personalidade. A relação entre os fatores emocionais e fisiológicos na asma são inegáveis.

A autora encontra, em seus trabalhos, a interferência de fantasias ligadas ao conflito de dependência e independência. Existe uma busca por expansão psíquica, a qual, ao mesmo tempo, é muito temida. Ela destaca que é necessário haver alguns impulsos agressivos na busca e conquista de separação. O sujeito asmático parece deslocar seus conflitos para o aparelho respiratório. “A doença psicossomática parece servir como punição pelo sentimento de culpa inconsciente, devida a impulsos agressivos” (VILLELA; TRINCA, 2001, p. 125).

Villela e Trinca (2001) formulam uma hipótese clínica no texto intitulado “Asma brônquica: uma dimensão psicanalítica”. Existe, na sintomatologia da asma, uma influência significativa das qualidades das relações afetivas arcaicas, especialmente no que se refere ao relacionamento afetivo com a mãe, como sendo o primeiro ambiente a partir do qual se construirá o sujeito psíquico. O aparelho respiratório, por sua vez, representa, de acordo com Mestriner (1989 *apud* VILLELA; TRINCA, 2001, p. 126), “fantasias relacionadas ao espaço e ao cerceamento da expansão psíquica”. A experiência de ocupar um lugar no mundo, preenchendo um espaço nele e, ao mesmo tempo, se preenchendo dele, é vivida no ato de respirar: ou seja, ao inspirar e expirar realiza-se uma troca entre o meio interno e o meio externo.

O sentimento de desamparo na relação do bebê com a mãe-ambiente, sem que haja por parte do bebê uma possibilidade de elaboração mental destes afetos, leva a uma vivência e experiência de extremo sofrimento: “A inconsistência da figura materna como referência protetora implica sentimentos ambivalentes em relação a ela e marca a maneira de o paciente asmático estar no mundo” (VILLELA; TRINCA, 2001, p. 126).

Segundo Kreisler (1999), a personalidade da criança asmática é de grande diversidade. Contudo, podem-se reconhecer alguns traços estruturais em sua personalidade, de frequência significativa: existe uma grande fragilidade emocional e há uma relação entre a hiper-reatividade brônquica e a hipersensibilidade afetiva; ocorrem necessidades afetivas muito intensas acompanhadas de uma fragilidade dos meios autônomos para satisfazê-las,

ocasionando a necessidade de uma proximidade fusional com o outro e com o ambiente; há intolerância frente a situações conflituvas e o paciente utiliza diferentes meios para contorná-las, em particular a anulação da agressividade, a qual é reprimida ou negada.

Winnicott (1990) enfatiza que a asma é um distúrbio do funcionamento corporal que, presumivelmente, pode ser provocado por pura sensibilidade física do músculo brônquico a alguma substância inalada. No entanto, realça que uma crise de asma pode ser puramente psicológica. Para o autor, a asma é um bom exemplo de doença fronteira entre o físico e o psicológico e acentua que a natureza humana não é uma questão de corpo e mente separados, mas uma questão de psique e soma interrelacionados. Distúrbios do psicossoma são, portanto, alterações do funcionamento corporal associados a estados da psique, havendo uma forte influência a mudanças somáticas devido a pressões e tensões da psique.

A descrição da técnica da situação-padrão do Jogo das Espátulas de Winnicott (2000) é muito importante para o entendimento do funcionamento psíquico, principalmente de crianças asmáticas. O autor salienta a importância de permitir que “uma experiência ocorra em toda a sua extensão” (WINNICOTT, 2000, p. 129). Winnicott (2000), dentro da situação-padrão, possibilita que o bebê tenha o direito de realizar uma experiência de forma completa, sendo uma “aula” sobre a experiência e a relação com o objeto. E fala da importância de um ambiente adequado – como uma mãe suficientemente boa – a qual possibilita que o indivíduo marque o seu próprio ritmo.

A hesitação é algo vivenciado pelo bebê e é descrita por Winnicott (2000) na situação-padrão, como sendo normal, a depender do grau e da qualidade. Entretanto, se a mãe vive um conflito demasiadamente acentuado ao permitir a exploração do mundo pelo bebê, ou não está presente para dar suporte no momento em que o bebê necessita, pode haver um agravamento desta hesitação no comportamento do bebê. Nesta situação, ele não encontra ao seu lado a mãe ou o ambiente que o acolhe e o encoraja – pelo contrário, encontra um ambiente que hesita e que está inseguro. Desta maneira, o bebê pode se paralisar diante da exploração do mundo, tendo dificuldade de se lançar na exploração do objeto, como Winnicott (2000) pôde verificar no Jogo das Espátulas.

É possível conjecturar que a asma tem a ver com respiração e respiração tem a ver com tempo, ritmo, troca com o ambiente. Ao se preparar para uma situação que exija coragem, parece natural que se encha os pulmões de ar para enfrentar certo risco e o medo do desconhecido. Se for possível vivenciar esta situação de uma forma confiante, esta troca com o ambiente fluirá, o ar sairá dos pulmões e completará o seu ciclo. Mas, se existe muito medo ou uma paralisação diante da situação, o ar dentro dos pulmões também é paralisado, não sairá para o ambiente, ficando preso internamente nos pulmões e não permitirá a entrada de mais ar. É isto que acontece com a asma, não é uma falta de ar, na qual a pessoa não consegue inspirar e, sim, um excesso de ar nos pulmões que a pessoa não consegue expelir, expressar-se e trocar com o ambiente (BRENTAN, 2014).

As necessidades do bebê, de acordo com Brentan (2014), acontecem em um tempo, em um ritmo, e num corpo em que tudo isto precisa estar integrado. Estas são as tarefas do bebê e as tarefas também de todos os adultos ao longo da vida. No entanto, para o bebê, elas são constitucionais. Isto precisa acontecer de forma muito afinada e atenta pelo ambiente, pela mãe. Quando o bebê chega no tempo, por exemplo, de precisar se afastar e abandonar a amamentação, é natural que aconteça em um ritmo de vai e vem, enquanto larga, aos poucos, o seio. O bebê precisa ir e vir do mundo e para o mundo, de forma gradativa e a mãe precisa estar sintonizada com isto, respeitando este tempo e este ritmo.

Na pesquisa de Brentan (2014), a partir dos resultados alcançados, houve uma possibilidade de associação da asma com alguma dificuldade da mãe no momento dessa transição do bebê do mundo subjetivo para o mundo objetivo, tanto no sentido de a mãe poder estar próxima na hora em que a criança precisa, quanto de não estar quando a criança não precisa, permitindo que o bebê explore o mundo exterior. Esta relação com a mãe dá indícios de como a criança vivencia o Espaço Potencial (ou terceira área de experiência) e de como ocorre a permeabilidade e a transição entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo. Estas primeiras relações vividas vão influenciar como esse indivíduo se expressa no mundo.

Motta (1999) ressalta que, em vários escritos, Winnicott refere-se ao trabalho psicanalítico como tendo por finalidade capacitar o paciente a ter uma qualidade melhor de vida, ou seja, fortalecer as próprias tendências individuais e interesses, tendo ele o sentimento de viver

uma vida própria. O principal é que o indivíduo sinta que está vivendo a sua própria vida, assumindo responsabilidades de sua atividade ou inatividade e sendo capaz de ter confiança. Deste modo, pode-se dizer que o indivíduo saiu da dependência para a independência e a autonomia. Winnicott (2011) ressalta que a ideia de saúde psíquica não pode ser resumida unicamente na ausência de doença psiconeurótica.

Mestriner (1989) enfatiza, em seu estudo, que as crianças asmáticas apresentaram dificuldades no relacionamento primário no desenvolvimento da capacidade de reparação e de sentir gratidão, na capacidade de elaboração interna, possuindo necessidades intensas de punição com uma vivência interna de perseguição e dificuldade de estabelecer a presença de um bom objeto interno. Não puderam elas, deste modo, desenvolver um sentimento de crédito em suas próprias bondades e de confiança em si. A autora ressalta alguns exemplos em sua pesquisa, nos quais as crianças mostraram a impressão de terem algo quebrado dentro de si – por exemplo, no Procedimento de Desenhos-Estórias de uma das crianças, no qual “um corredor de Fórmula 1, cujo carro tinha problemas em toda a corrida, mudou de mecânico e não adiantou; resolveu ser mecânico de si mesmo e disse: *Confiando na gente, acho que as coisas vão melhor*” (MESTRINER, 1989, p. 110).

Em resumo, sugere Winnicott (1975) que a comunicação entre mãe e bebê pode ser vista em termos de Criatividade e condescendência. Quando existe saúde, a comunicação criativa tem prioridade. A partir de uma relação criativa com o mundo, o bebê pode sujeitar-se sem perder a sua individualidade. Quando a submissão e

condescendência prevalecem, manifesta-se a doença, que causa um desenvolvimento insatisfatório do indivíduo. Na situação de comunicação criativa, o bebê, em algum momento, torna-se capaz de *usar* o que ele descobriu, segundo a visão winnicottiana.

A EXPRESSÃO CRIATIVA PARA WINNICOTT

Donald Woods Winnicott (1896 – 1971) foi um médico pediatra e se dedicou ao conhecimento da psique, criando um corpo teórico dentro da Psicanálise. Para ele, a Criatividade está ligada à espontaneidade, à expressão e à singularidade do indivíduo. Quando tudo se desenvolve “suficientemente bem” no processo de amadurecimento psíquico, o indivíduo encontra mais possibilidade de ser e estar no mundo de forma única e singular, expressando o seu gesto espontâneo, transitando entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo de forma a não perder a sua singularidade e podendo contribuir com o social de forma marcante e própria. Sendo assim, para Winnicott (1975), a expressão da Criatividade liga-se a um bom desenvolvimento psíquico, o qual possibilita uma expressão significativa e espontânea no mundo. Para este autor, a Criatividade e a espontaneidade estão fortemente conectadas.

Segundo o autor, a Criatividade é um aspecto de expressão do indivíduo frente à realidade externa. Quando o indivíduo é uma pessoa ativa e participa da vida da comunidade, tudo o que acontece é criativo, a menos que o indivíduo tenha sido acometido por fatores que impediram seus processos evolutivos. Portanto, o impulso criativo é algo que se faz presente quando qualquer pessoa se inclina de maneira saudável para algo, a fim de realizar

alguma coisa. É possível, portanto, estabelecer um vínculo entre o viver criativo e o viver propriamente dito.

Na saúde, como abordada por Souza (2011), o indivíduo deve conseguir manter o alicerce de suas percepções da realidade externa, até certo ponto ancoradas no fenômeno subjetivo. A patologia ocorre tanto nos casos em que o indivíduo captura de forma inabalável a realidade objetiva, perdendo o contato com o mundo subjetivo, quanto nos casos onde somente existe a percepção subjetiva da realidade. A autora assinala que o “viver criativo” é a consideração winnicottiana mais fundamental e poética da constituição psíquica. A sua contextualização, no âmbito da utilização das relações objetais, traz uma presentificação da experiência criativa, por meio do interjogo vivenciado no Espaço Potencial – por exemplo, pelo brincar e pelas experiências culturais –, que traz contribuições para o entendimento do trânsito entre o mundo interno e externo.

O contato com a realidade para se realizar, depende da Criatividade, aponta Dias (2012). Sem o uso da Criatividade, nenhum contato com a realidade externa pode ter sentido ou significado. O Objeto Transicional é um veículo que torna possível este contato da psique subjetiva e individual com a realidade. A descrença da capacidade do bebê em se relacionar com objetos pode resultar na perda da Criatividade e da abordagem criativa dos fatos. A Criatividade está a favor da apreensão da realidade, de estar vivo e de se sentir real. “Sentir-se real é mais do que existir; é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmo e ter um eu (*self*)

para o qual retirar-se, para relaxamento” (WINNICOTT, 1975, p. 161).

Criatividade diz respeito, afirma Dias (2012), à maneira pela qual o indivíduo propicia que a realidade apareça e pelo modo com que acolhe os acontecimentos da vida. É, portanto, o olhar do indivíduo para algo ou o modo com que realiza alguma coisa.

A Teoria winnicottiana de acordo com Motta (2014), traz contribuições importantes sobre o papel do ambiente na constituição do psiquismo, desenvolvendo a ideia de que o ambiente fornece condições para o indivíduo sonhar, fantasiar, imaginar e brincar. As várias funções psíquicas são construídas desde o nascimento, ou até mesmo antes, em um gradativo e contínuo interjogo entre a realidade subjetiva e a realidade objetiva. Dentro deste contexto, surge a “ilusão” como um fundamento para que o “tecido” psíquico possa ser produzido nos primeiros anos de vida. Ilusão, explica a autora, seria o surgimento de algum elemento quando emerge em nossa imaginação ou experiência, uma necessidade. Desde quando o bebê encontra o seio ou os cuidados maternos envolvidos por várias necessidades, desde corporais até afetivas, vai se construindo a confiança na sua própria capacidade criativa. Dessa forma, o bebê começa a acreditar que é possível encontrar ou criar o que procura e/ou necessita. Assim, configura-se a Teoria da Criatividade a partir da experiência da onipotência na Criatividade Primária de Winnicott (1975).

Cada indivíduo cria o mundo desde o seu nascimento e desde a primeira mamada. Aquilo que o bebê cria depende em grande parte daquilo que é apresentado a ele,

pela mãe que se adapta às necessidades do bebê. No início de sua vida, o bebê tem a ilusão de que o que ele encontra no mundo foi criado por ele. Este estado, no entanto, só ocorre quando a mãe age de maneira “suficientemente boa” (WINNICOTT, 1990).

Esta atitude ativa do bebê, de buscar desde os primeiros momentos o que tem necessidade, dentro de um ambiente favorável e que propicia a vivência do fenômeno da ilusão, é o início da construção da realidade subjetiva para o ego corporal e para o *self*, conseqüentemente, desenvolve o alicerce para a saúde corporal e psíquica. Desta forma, o sonhar, o imaginar, o fantasiar e o brincar são partes do caminho em direção à maturidade que foi e que está sendo construída. São, assim, conquistas do desenvolvimento (MOTTA, 2014).

Dentro de um desenvolvimento adequado, a espontaneidade, a vitalidade e a vivacidade estão presentes no viver ou no “Verdadeiro *Self*”, constituindo desta forma o que a Teoria winnicottiana denominou “viver criativo”. Em contrapartida, o “Falso *Self*” seria a presença de algum tipo de comprometimento psicopatológico que impossibilita o surgimento do “Verdadeiro *Self*”, sendo caracterizado por inexpressividade, superficialidade e eventualmente algum grau de embotamento afetivo (MOTTA, 2014).

Sendo assim, a Criatividade, dentro da Teoria winnicottiana, não se relaciona apenas com o FAZER criativo de um objeto – como por exemplo, a pintura de um quadro ou a confecção de um vestido –, mas também ao SER, como uma forma individual de estar no mundo, autêntica e espontânea – a pessoa sentindo-se real. Esta Criativi-

dade encontrada na Teoria winnicottiana relaciona-se ao estar vivo e à abordagem do indivíduo frente à realidade vivida (MOTTA, 2014).

Onde há confiança e fidedignidade, afirma Winnicott (1990), há também um Espaço Potencial em que o bebê, a criança ou o adulto podem preencher criativamente com o brincar. Com o tempo, este Espaço se transforma na fruição da herança cultural. Para o autor, a Criatividade nunca deixa de ter sentido na vida do indivíduo, seja na brincadeira, seja na cultura.

Winnicott (1975) descreve a existência do Espaço Potencial entre o bebê e a figura materna. Neste Espaço, o bebê, em um estado de dependência relativa, confia na função adaptativa da mãe para lhe oferecer um meio suficientemente bom para que ele se desenvolva. Para a realização do brincar, é necessário um ambiente de confiança pertencente a este Espaço Potencial. O Espaço Potencial é um lugar entre o mundo interno de representações e o mundo da realidade externa. “Essa área do brincar não é a realidade psíquica interna. Está fora do indivíduo, mas não é o mundo externo” (WINNICOTT, 1975, p. 76). A criança traz, para dentro desta área da brincadeira, objetos e fenômenos oriundos da realidade externa, utilizando-os a serviço da realidade interna e fenômenos oníricos.

A Criatividade, para Winnicott (1975), está apoiada na possibilidade de transitar entre a realidade externa e interna. O objeto percebido externamente sempre será subjetivamente concebido. Nesta área transicional, o ser humano encontra um lugar para estabelecer relações com os objetos de forma criativa, que lhe possibilita ir ao encontro do outro, transitando no espaço interpessoal, permitindo

a continuidade do ser. Desta forma, todo brincar ou gesto criativo quanto a experiência cultural participam do Espaço Potencial, inicialmente existente entre o bebê e a mãe.

Em síntese, a expressão da Criatividade na Teoria winnicottiana está intimamente ligada ao desenvolvimento psíquico, que quando vivenciado de maneira saudável possibilita uma expressão mais criativa e espontânea no mundo. Sendo assim, o indivíduo que se expressa de forma mais espontânea, agindo e interagindo de forma saudável, vivendo suas próprias experiências e criando seus próprios significados, em contato consigo e com o outro, alcança de forma adequada realizar o seu processo de expressão dando vazão de forma mais plena a sua expressão criativa.

Não é utilizada a ideia de ausência de Criatividade, uma vez que pode ser entendida que todos os seres humanos são dotados de Criatividade sendo esta, a base do desenvolvimento psíquico. É utilizado o termo que indica gradação, ou seja, a Criatividade pode estar mais frequente, fazendo-se mais visível ou não, na expressão do indivíduo frente a sua interação com o mundo.

Portanto, o impulso criativo se faz presente quando o indivíduo se expressa de maneira saudável no mundo. É importante salientar que a saúde, na Teoria winnicottiana, refere-se a algo que vai além da ausência de enfermidades. Como ressalta Mota (2014), a Criatividade se constitui na utilização do conhecimento da realidade subjetiva e da realidade objetiva na construção de um viver genuíno e personalizado. Assim se estabelece um vínculo intrínseco entre o viver criativo e o viver propriamente dito.

REFERÊNCIAS

- BRENTAN, C.C. **A criatividade de crianças asmáticas**. Dissertação (Mestrado). São Paulo (SP), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- _____. **O Procedimento de Desenhos-Estórias como forma de aproximação da criatividade de crianças asmáticas numa perspectiva winnicottiana**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto Psicologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- DIAS, E.O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2012.
- FREUD, S. **Esboço de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- HISADA, Sueli. **Conversando sobre Psicossomática**. Rio de Janeiro: Revinter, 2011.
- KREISLER, L. **A nova criança da desordem psicossomática**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- LOURENÇÃO VAN KOLCK, O.; MORAES JAEHN, S. **A criança asmática e o desenho da figura humana**. *Ciência e Cultura*, 1982, v. 34, n.10, p. 1343-5.
- MESTRINER, S.M.M.E. **O Procedimento de Desenhos-Estórias em Crianças Asmáticas**. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- MOTTA, I.F. Algumas palavras sobre o Viver Criativo com o olhar de D.W. Winnicott. *In: Congresso Viver Criativo com o olhar de D.W. Winnicott realizado na Universidade de São Paulo*. 1999. Disponível em: <http://www.draivonisemotta.psc.br/algumas-palavras-sobre-o-viver-criativo.html> . Acesso em: 01. jun. 2019.
- _____. **Infância e adolescência: criatividade e desenvolvimento psíquico**. Porto: Universidade de Fernando Pessoa, [IP] Online (AM = MIvo/52), 2014 p. 387-397.
- PEÇANHA, D. L. **A reciprocidade de desenvolvimento entre a criança com asma e sua família**. São Paulo, Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, 1997.
- SOUZA, F. Problemas psicossomáticos relacionados com o aparel-

- ho respiratório. Fator psicógeno na asma brônquica. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 1949, I, p. 3- 16.
- SOUZA, V.C.C.C. **Defesa e viver criativo**: um estudo sobre a criatividade nas obras de S. Freud e D. W. Winnicott. Curitiba: Juruá, 2011.
- VILLELA, E.M.B.; TRINCA, W. **Asma brônquica**: uma dimensão psicanalítica. *Revista Psychê*, 2001, v(7), p. 119-131.
- WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Da Pediatria à Psicanálise**: obras escolhidas. Tradução de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Rd., 2000.
- _____. **Natureza Humana**. Tradução de Davy Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. **O Brincar e a Realidade**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

10 **Assembleias de Processos Decisórios: espaços de criação, reflexão para a superação do *Bullying* e *Cyberbullying***

Cláudia Benitez Martinez dos Reis ¹

Luana Carramillo Going²

Neide Maria Santos³

RESUMO

Este capítulo tem como objetivo apresentar a relevância da implantação de um Programa que se aproprie da Assembleia de Processos Decisórios embasada no conhecimento do Desenvolvimento Moral. O Programa visa proporcionar aos docentes, uma atuação num espaço de reflexão de forma criativa, por meio de jogos, histórias, redações, dramatizações, num processo de escuta atenta, dialógica para a resolução de conflitos, práticas inclusivas e atuação direta nos casos de *Bullying* e *Cyberbullying*.

Palavras-chave: Assembleia de Processos Decisórios. Desenvolvimento Moral. *Bullying*. *Cyberbullying*

1 Mestre em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas e Graduada em Pedagogia pela Universidade Católica de Santos. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Neuropsicologia, Educação Especial. Diretora do Colégio Universitas – Santos. E-mail: claubmreis@outlook.com

2 Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP. Doutora em Educação: Currículo pela PUC-SP. Coordenadora do Mestrado Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas da UniSantos. Membro da Associação Nacional de Pesquisadores da Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). E-mail: luanagoing@gmail.com

3 Mestre em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas e graduada em Serviço Social e Pedagogia pela Universidade Católica de Santos. Pós-graduada e com experiência na área de Serviço Social. Vice-diretora do Liceu Santista. E-mail: neide.santos@unisantos.br

INTRODUÇÃO

Na pesquisa realizada sobre prática dos profissionais da Educação, com os gestores e professores, para prevenir casos de *Bullying* e *Cyberbullying* entre adolescentes, se verificou que o conhecimento dos profissionais sobre as legislações referentes ao combate da violência pelas redes sociais é apresentado pela assessoria jurídica pedagógica das escolas, com o intuito de que percebam os riscos envolvidos na situação para todos eles (REIS, 2021).

É um privilégio às escolas contarem com a assessoria jurídica pedagógica para auxiliar na compreensão e alertar os docentes, discentes e famílias, sobre os mecanismos de violência imbuídos principalmente pelas novas tecnologias, mas não é a realidade de grande parte das instituições de ensino.

Para superar todo o tipo de violência contra a criança e adolescente, muitas leis foram criadas e algumas delas inseridas ao Estatuto da Criança e Adolescente (ECA).

Desde a implantação do ECA em 1990, que teve como objetivo garantir os seus direitos, passaram-se 30 anos. Na época da implantação do ECA, os relacionamentos eram presenciais, não existiam as mídias sociais nem os aplicativos de relacionamento. Os conflitos se transferiram para o ambiente virtual, ocasionando mais danos pela facilidade do agressor se manter no anonimato (REIS, 2021). Isso ocorreu intensamente durante o tempo da pandemia de Covid-19, em que os alunos e docentes passaram a atuar de dentro de casa, pelos aplicativos, impossibilitando o contato físico das pessoas e a observação dos detalhes encontrados numa sala de aula.

Muito recente, há poucos anos instituiu-se no Brasil a Lei n. 13.185 de 06.11.2015, cujo objetivo é prevenir e combater a prática da intimidação sistemática no país, nomeada como Programa de Combate à Intimidação Sistemática, o *Bullying* e o *Cyberbullying*. Esta Lei evidencia em dois de seus artigos a importância de promover meios de comunicação para identificar, conscientizar, prevenir e combater esse problema. Este caminho pode ser garantido pela promoção da cidadania, pela capacidade de empatia e o respeito a terceiros, seguindo os marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua.

A inclusão em 2016 no Estatuto da Criança e Adolescentes (ECA), da Lei nº 13.257, indica a necessidade de especialização e formação continuada dos profissionais que lidam com a primeira infância, incluindo os conhecimentos sobre direitos da criança e sobre desenvolvimento infantil. Esta formação profissional tem como foco os diversos direitos da criança e adolescente para favorecer seu desenvolvimento integral.

Em 2017 acrescenta-se ao Estatuto da Criança e Adolescente a Lei da Escuta, Lei nº 13.431, que regulariza e organiza o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente, vítima ou testemunha de violência. Por meio desta regulamentação se geram mecanismos para prevenir e coibir a violência, e se estabelece medidas de assistência e proteção à criança e ao adolescente em situação de violência. O intuito dessa legislação é que se tenha uma escuta especializada por profissionais da área da saúde, porém é importante lembrar que é o professor em sala de aula, que muitas vezes ao ter o contato praticamente diário com a criança ou adolescente, que os percebem e

os escutam, e que podem conduzir e realizar os encaminhamentos necessários para a equipe e, esta, para as redes de apoio. Em contrapartida, é relevante mencionar que o adolescente prefere partilhar suas experiências com seus pares, o que dificulta a intervenção, e é nesse momento que se faz necessária uma atuação com espaços de escuta que pode ser garantida pelas Assembleias de Processos Decisórios (REIS, 2021).

O caráter da preocupação da legislação relacionada à violência sofrida pelas crianças e adolescentes e o compromisso da sociedade (profissionais da área da saúde, psicólogos e em especial os da escola), no aspecto formativo do desenvolvimento infantil, visa preparar os profissionais da Educação, a fim de que possam atuar em caráter preventivo no processo formador de crianças e adolescentes ao exercício da cidadania, pela tolerância e respeito ao outro numa cultura de paz, por meio de ações regulares.

A violência começa entre as crianças e adolescentes, e muitas vezes é vista por eles como uma brincadeira. Essa brincadeira faz parte do cotidiano das pessoas desde a infância até a vida adulta e por meio dela se vivem momentos de descontração. Existem brincadeiras que acontecem naturalmente entre elas e são típicas no âmbito escolar, consideradas normais e sadias quando todos se divertem, mas quando são realizadas com perversidade, se tornam atos de violência e ultrapassam os limites suportáveis por qualquer pessoa (SILVA, 2010).

O *Cyberbullying* acontece por meio digital, em mensagens de texto ou imagens, nas quais o agressor atua no anonimato, protegido porque sua identidade e sua

imagem ficam ocultas. Esse fenômeno pode ter origem no *Bullying* ou não. Pela *internet*, o agressor ou agressores usam *blogues*, programas de *chat* (*Messenger* MSN), *e-mails*, salas de bate-papo, via telefone celular, por SMS. As mídias sociais fazem parte do dia a dia das pessoas de qualquer faixa etária e os relacionamentos atualmente são virtuais e presenciais. E como em todo o relacionamento, há conflitos que se estendem e se justapõem nos dois ambientes, presencial e virtual (SANTANA, 2013).

Nesse contexto, o adolescente inserido nas redes sociais pode escolher a que grupo social deseja fazer parte, não sendo necessário estar apenas vinculado ao grupo da escola, ou família, conecta-se de acordo com seus interesses e preferências a qualquer grupo virtualmente pela *internet*, apresentando por ali a sua identidade.

Pelas redes sociais os adolescentes interagem, relacionam-se, divertem-se com pessoas e acessam conteúdos de qualquer lugar do mundo e isto independe da camada social ou etnia a qual pertencem. As novas tecnologias estão em diversas camadas de atividades econômicas e sociais no mundo.

Da mesma forma que este adolescente acessa as redes sociais virtuais, ele também publica suas opiniões, seus conteúdos e entra em discussões. E tudo aquilo que se expõe nas redes sociais não deixa de expressar todas as transformações vividas por esse processo sócio-histórico e cultural.

As interações nas redes sociais compõem o cenário em que as pessoas expressam suas opiniões e sentimentos sem filtros, ou seja, sem prever a reação daquele que receberá a informação, pois parece que como não se está

frente a frente, escreve e diz o que sente sem pensar nas consequências.

A criança ou adolescente que vivencia situações de *Bullying* e *Cyberbullying* no espaço escolar precisa ser protegida(o) e acolhida(o) não só pelos dispositivos legais, mas também pela equipe escolar.

Nesse contexto, a inclusão da criança ou adolescente que apresenta algum tipo de deficiência também pode sofrer um processo de exclusão na escola. Dessa forma, a inclusão desse estudante proporciona alguns desafios, fazendo com que sejam revistas algumas práticas inclusivas no ambiente educativo, pois os educadores, ainda não construíram uma relação aceitável entre os princípios da Educação inclusiva e as práticas educativas na sala de aula.

A inclusão, segundo Santos (2021, p. 30), ainda é motivo de atenção e discussão sobre as práticas profissionais desenvolvidas e que estejam baseadas em evidências, afinal, este processo vai muito além de uma lei e da articulação entre as pessoas envolvidas no contexto escolar, para que a política de inclusão seja efetivada. O que contribui para o sucesso na inclusão é o respeito a todos; baseado nesse quesito, quando cada um se sente parte de um todo, é possível a ocorrência desta inclusão, a fim de auxiliar no rompimento de qualquer enigma, ampliar a visão dos problemas dos estudantes e atuar nas questões sociais veiculadas para a garantia dos direitos reservados.

O processo de inclusão do estudante com deficiência na escola e na sociedade, ainda requer muito estudo e demanda um longo caminho a ser percorrido, pois a inserção do indivíduo com deficiência será efetiva e eficaz se a política educacional inclusiva não ficar restrita somente

no cumprimento da lei e na deficiência do estudante, mas ampliar a discussão sobre a pessoa com deficiência enquanto cidadão de direitos, merecendo o respeito à sua dignidade humana e ao convívio social.

O complexo educacional escolar abrange diversas esferas da sociedade em sua composição e lida com diferentes pessoas. Permeado pela tecnologia e por meio dela, os docentes, discentes e comunidade pertencentes a esse contexto revelam realizações, angústias, revoltas, sonhos e, até a maioria dos relacionamentos, ocorrem pelas redes sociais (REIS, 2021).

É notório que as redes sociais vieram facilitar a interação entre pessoas e restaurar muitos relacionamentos interrompidos. Sabe-se que as redes favorecem o reencontro de pessoas que há tempo não se veem, porém, os resultados nem sempre são positivos.

Ficam aqui duas questões importantes: como se pode contribuir para que as relações sejam éticas nas redes sociais? Como levar a criança e o adolescente a utilizar as mídias sociais de forma consciente e respeitosa?

Os elementos do conhecimento da Psicologia dão subsídios teóricos à prática educativa. O conceito de ética sob o olhar da Psicologia é um caminho para a compreensão das ações morais. Os conceitos são criados para responder às perguntas e deve-se levar em consideração o que as motivaram. As questões imbricadas nesse contexto são: – De que forma podemos construir um ambiente virtual ético? – A presença de que valores morais manteriam as relações virtuais pela cultura da paz e do respeito ao próximo? – Uma Educação baseada nos valores morais

ajuda a superar a violência nas escolas e, em contrapartida, em outros meios em que o discente está envolvido?

Para responder a essas questões, recorre-se ao fenômeno da moralidade, que recebe diferentes interpretações psicológicas, porém, a retratada nesse trabalho é a abordagem construtivista de Jean Piaget (1994).

Piaget dedicou o livro *O Juízo Moral da Criança* à questão do desenvolvimento moral. A compreensão de suas ideias se dá no contexto da Epistemologia genética; é na dimensão racional, pelas operações da inteligência, que se assimilam a moral e os princípios de igualdade, reciprocidade e justiça.

Os eixos comuns à Teoria de Piaget, aplicadas às estruturas da inteligência, ao conhecimento físico, à memória, às imagens mentais e à moral são: o sujeito epistêmico, a gênese, a construção e a interação (LA TAILLE, 2006).

Pelos estudos piagetianos o sujeito epistêmico, ou sujeito do conhecimento, é aquele que se encontra em todos nós quando elaboramos conhecimento sobre o mundo e sobre nós. Essa elaboração do conhecimento depende das condições psicológicas necessárias que todo o indivíduo tem. As características psicológicas dos adultos são frutos de uma gênese, de um desenvolvimento que passa por fases, sendo cada uma superada pela anterior. As estruturas lógicas e o conhecimento físico começam a ser formadas desde o nascimento e se aperfeiçoam à medida que o ser humano se desenvolve (LA TAILLE, 2006).

Pelas pesquisas piagetianas esse desenvolvimento é fruto de maturação biológica, de experiências vivenciadas e daquilo que se aprende formalmente na escola. Esses três fatores do desenvolvimento, diferentes entre si, har-

monizam-se pelo processo psicológico que Piaget chama de equilibração (LA TAILLE, 2006).

O processo de equilibração é a capacidade que todo indivíduo tem de autorregulação e de auto-organização. Segundo a Teoria piagetiana, as estruturas da inteligência e o conhecimento são frutos de um trabalho individual psíquico de auto-organização, e não mera cópia de modelos externos.

A construção do processo de interação com o meio é mediada pela ação desse sujeito sobre ele, sendo assim, quanto menor for a interação, menor será essa construção. Para Piaget (1996), o sentimento fundamental que possibilita a aquisição das noções morais nesse processo é o respeito.

A hipótese de Piaget é de que se as interações com o meio forem favoráveis, o sujeito passa da fase da anomia (pré-moral) para a fase da autonomia, tendo entre essas duas, a da heteronomia (LA TAILLE, 2006).

A heteronomia é o respeito absoluto que se tem por figuras de autoridade, grupo ou sociedade, apontado como unilateral. A moral da coação ou da heteronomia está ligada à coação social pelo sentimento do dever puro. Essa coação é exercida inicialmente pelos adultos da família sobre o pensamento da criança que aceita tudo sem questionar. O respeito da criança pelo adulto vem dos sentimentos de medo e amor que tem por eles. O bem para a criança está no obedecer e o mal na desobediência às ordens (CARRAMILLO-GOING, 2000).

A autonomia é a superação dessa obediência moral incondicional que se dá pelas relações de reciprocidade e cooperação, o chamado respeito mútuo. O cerne da auto-

nomia está em que as crianças se tornem capazes de tomar decisões por si mesmas ao levar em consideração os fatos relevantes para decidir e atuar da melhor forma para todos. A autonomia não é a mesma coisa que liberdade completa (KAMII, 1994).

A autora cita que o realismo moral ou plano de julgamento de valores nasce do encontro da coação com o egocentrismo. Na referida fase, as regras são obrigatórias e intangíveis, conservadas literalmente e apresentam três características em seu comportamento: a rigurosidade na obediência às regras impostas pelos adultos, sem a elaboração da consciência do sujeito; a regra é interpretada ao pé da letra, sem levar em consideração o seu espírito e a responsabilidade objetiva concebida nas regras. Nessa última característica a obediência é a atitude aceita e o seu julgamento em relação aos atos ocorre de acordo com a conformidade material das regras e não em função da intencionalidade.

A autora cita que a maneira como o adulto conduz as situações reforça a heteronomia ou estimula a autonomia. Ao usar recompensas e castigos contribui-se para que a criança se mantenha heterônoma.

A punição acarreta três tipos de consequências dependendo de como o adulto a exerce. As consequências podem ocorrer quando o adulto reforça que a criança não se deixe apanhar novamente ao cometer o erro, quando a criança se conforma obedecendo sem tomar decisões e quando a criança conformista suprimida de suas reflexões, se revolta e apresenta um comportamento agressivo (PIAGET, 1994)

A sanção pode ocorrer pela reciprocidade quando o adulto ao mostrar com afeição o seu ponto de vista e ao desacreditar na mentira dita pela criança, a auxilia a querer fazer o melhor para conquistar a sua confiança, construindo assim a convicção de que em nossas relações é melhor sermos honestos (KAMII, 1994).

O sentimento de justiça para que se desenvolva, precisa do respeito mútuo e da solidariedade entre as crianças. A regra da justiça é uma condição inerente, ou lei de equilíbrio das relações sociais, e se destaca à medida que cresce a solidariedade entre as crianças (PIAGET, 1994).

Existem dois tipos de noções de justiça distintas entre si: a justiça retributiva e a distributiva. A justiça retributiva se define pela correlação entre os atos e sua retribuição e a justiça distributiva está ligada à recompensa entre as pessoas.

Uma criança de cinco a oito anos quando desrespeita uma criança espera um castigo que a faça sentir dor pela desobediência, assim, trata-se da justiça retributiva. Depois dos sete, oito anos quando a vida social da criança se regulamenta e a necessidade de igualdade se estabelece ao aderir a grupos, numa relação de respeito mútuo, a justiça se torna distributiva.

Nesses grupos a partir dos sete, oito anos, quando há a infração às regras de cooperação e de respeito mútuo, esta provoca a eliminação momentânea dos laços de solidariedade e ao invés de castigos voltam-se para a reciprocidade.

Pela moral da cooperação, o que distingue o indivíduo socialmente e o que o coloca como dito civilizado é a solidariedade, pois, imperando o ideal de justiça pela reciprocidade,

cidade, cada qual está embasado na Educação de valores que possui e como emerge e define o sentimento do bem. As personalidades autônomas são aptas à cooperação.

A formação dos profissionais da Educação sobre o aspecto do Desenvolvimento Moral, pela perspectiva piagetiana, contribui para que possam atuar nas Assembleias de Processos Decisórios levando crianças e adolescentes à autonomia abrangendo os meios virtuais e presenciais.

A Assembleia de Processos Decisórios foi desenvolvido por Reis (2021) e tem como objetivo regulamentar a convivência e as relações interpessoais dos estudantes, por meio do diálogo. Está pautada na Cultura de Paz e tem como foco solucionar os conflitos cotidianos entre os pares no contexto escolar.

Tem como pressuposto segundo a autora, o lugar em que se possa elaborar e reelaborar as regras que regulam e regulamentam a convivência, onde se apresentam as diferenças, se defendem as posturas e ideias que podem ser opostas, em que todos podem se manifestar, e que leva as pessoas a conviverem coletivamente.

O espaço pode ser a própria sala de aula, ou outro ambiente da escola, e precisa ser preparado pelos envolvidos no processo, com o intuito de regular o convívio, as relações interpessoais por meio do diálogo, de jogos de regras, jogos cooperativos, dinâmicas, textos de fruição, contos de fadas, jogos de RPG, meditação e dramatizações. Podem estar envolvidos nesse processo os alunos, os alunos representantes de classe, os professores, os professores regentes, alguém da Equipe Pedagógica ou pessoas envolvidas na comunidade.

As Assembleias de Processos Decisórios podem ocorrer uma vez por mês e sua regularidade se faz necessária para que se possa agir de forma preventiva. Ao serem instituídas contribuem se previstas em projeto, como caráter preventivo, a fim de escutar o que os alunos pensam, fazem e desejam, levam-nos a refletir pelo bem comum. A realização da mediação se ocorrer pelos agentes escolares, professores e pelos próprios alunos ao longo do processo, sendo todos comprometidos na comunidade educativa, geram ações emancipatórias e autônomas em todos os envolvidos (REIS, 2021).

A Implantação de formação aos profissionais da educação para a atuação em Assembleia de Processos Decisórios é um caminho dentre outras propostas para a reflexão entre os jovens e seus pares sobre o respeito mútuo.

Ao atuar pelas Assembleias de Processos Decisórios os professores têm conhecimento da forma de pensar dos discentes e das atividades que exercem também pela tecnologia digital, aproximando o educador da compreensão de como eles transitam pelas redes sociais e aplicativos. Isso contribui como oportunidade ao orientá-los a fazer as melhores buscas, tais como se apropriarem de conteúdos que lhes proporcionem crescimento pessoal e intelectual, e de exercerem uma curadoria do material que recebem e que enviam e como devem se proteger (REIS, 2021).

Ao exercerem a escuta sobre o que o adolescente deseja e vivencia, os professores conseguem se apropriar do conteúdo observado nas tecnologias digitais oferecendo-lhes possibilidades, auxiliando-os a entender que o mundo virtual e o real se comunicam e que os valores exercidos no mundo real precisam se transpor ao virtual,

para que haja o respeito pelas pessoas, salvaguardando a sua dignidade (REIS, 2021).

Para Araújo (2004), a melhor maneira de introduzir as Assembleias é pela formação dos professores, ao oportunizar a aprendizagem na ação. Os docentes aprendem juntos, na ação coletiva, como devem organizar as discussões e o funcionamento da Assembleia. Para que as Assembleias se realizem, existem alguns procedimentos comuns a todas elas que são: como mobilizar o grupo, realizara sistematização e periodicidade, sobre o que se fala durante a Assembleia, a preparação da Assembleia e composição da pauta, o registro por meio de atas, a coordenação e a representação nas Assembleias.

De forma criativa pelas Assembleias de Processos Decisórios os professores podem atuar por meio de diversas metodologias e práticas. Apresentam-se algumas pesquisas sobre Desenvolvimento Moral que contribuem para a prática educativa no processo atento, de observação, reflexão e de escuta das crianças e adolescentes.

A pesquisa de Botelho (1998) com seu tema “O Universo das histórias: oficinas de redação e criatividade” apresentam a construção de conhecimentos sobre a escrita em geral ao explorar o universo dos contos populares de magia, por meio de uma experiência pedagógica com abordagem psicológica em forma de oficinas com crianças de 9 a 11 anos. Concluiu-se que as crianças se envolvem bastante nos trabalhos interativos, em grupo e nas atividades em que se considera a importância do brincar.

Carramillo-Going (2000), Carramillo-Going e Macedo (2021) em sua pesquisa *Um estudo piagetiano em crianças de 9 a 14 anos, sobre a punição, em contos de “As*

Mil e uma Noites”, expõe a discussão entre os membros de cada grupo sobre as punições eleitas para os casos de infidelidade, que por meio de quatro narrativas de “As mil e uma noites” lhes possibilitaria uma autonomia moral. Nesta pesquisa conclui-se que é de fundamental importância uma ação consciente e sistemática do educador-coordenador para que este promova um trabalho que favoreça o autoconhecimento e o pensamento crítico em relação a valores baseados nos direitos humanos e que se evite qualquer tipo de doutrinação.

Oficinas de jogos são recursos de ações disciplinares para crianças em contextos de indisciplina. Luna (2008) verificou que as oficinas de jogos são espaços em que as crianças ampliam seus recursos cognitivos, mantêm atitudes favoráveis à aprendizagem e desenvolvem ações de disciplina.

Para Garcia (2010), o adolescente em grupo aprende a cooperar por meio de oficina de jogos, rompe relações indiferenciadas e há o estímulo a lidar com as diferenças ao promover integrações no grupo de sujeitos e favorecer a construção de relações cooperativas. Desta forma, conclui-se que é possível aprender a cooperar, desde que não corresponda a uma aquisição imposta externamente.

O *Roleplaying Game* (RPG), denominado como *Jogo das Representações*, para Frias (2010) apresenta-se como um recurso favorável ao desencadeamento de atividades relacionadas à cooperação e à capacidade de negociação. O autor verificou que a cooperação é de fato um princípio ético e moral, compreendendo-a como própria do desenvolvimento da moral autônoma segundo a Epistemologia

Genética de Piaget, que dispõe de um método que pode ser desenvolvido utilizando-se de recursos adequados.

O educador ao conhecer sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente, e ao utilizar estratégias de forma criativa, proporciona espaços em que os alunos atuam para resolver seus conflitos e alcançar a autonomia. Autonomia esta pelo respeito mútuo, pela cooperação, solidariedade, justiça e pelo bem comum (REIS, 2021).

As posturas do educador, numa proposta em que coloque esse aluno diante da verdade, e a busca de relações interpessoais em que exista o respeito mútuo, o ambiente escolar, transporão os muros da escola e alcançarão as redes sociais com o intuito de enfrentar a violência tanto no âmbito físico como no virtual. O olhar, a escuta do professor no contexto formador, inclusive ao pontuar as regras de convívio, proporcionam mais abertura para que o aluno possa se colocar, expressar o que sente, o que pensa e, conjuntamente, construir algumas das regras pelo bem comum, trazendo benefícios para que as aceite e as internalize (REIS, 2021).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. **Assembleia Escolar**: um caminho para a resolução de conflitos. 1ª ed., São Paulo, Moderna, 2004. Coleção Cotidiano Escolar.
- BRASIL. Lei nº 8.069, 16 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: L8069 (planalto.gov.br). Acesso em 20 março 2022.
- BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: L13185 (planalto.gov.br) Acesso em: 20 março 2022.

- BRASIL. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei nº 12.662, de 5 de junho de 2012. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: L13257 (planalto.gov.br). Acesso em: 20 março 2022.
- BRASIL. Lei nº 13.431, de 4 de abril de 2017. Estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: L13431 (planalto.gov.br). Acesso em: 20 março 2022.
- BOTELHO, Andrea Pacetta de Arruda. **No universo das histórias oficinas de redação e criatividade**. 1998. Dissertação [Mestrado], Universidade de São Paulo, USP. DOI: 10.11606/D.47.1998.tde-23102005-203402, 1998. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-23102005-203402/pt-br.php>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- CARRAMILLO-GOING, Luana. **Um estudo piagetiano em crianças de 9 a 14 anos sobre a punição em contos de As Mil e uma Noites**. 2000. Tese [Doutorado em Psicologia] – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- CARRAMILLO-GOING, Luana e Macedo Lino. Desenvolvimento Moral e Os Contos de “As Mil e Uma Noites”. In: **Ludicidade, Educação e Neurociências**: das vivências de infância a artigos científicos organizado por Beatriz Picolo Gimenes e Rosely Perone, São Paulo : Gênio Criador, 2021. 250 p.
- FRIAS, Eduardo Ribeiro. **Jogo das representações (RPG) e aspectos da moral autônoma**. 2010. Dissertação [Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano]. DOI:10.11606/D.47.2010.tde-01042010-105926]. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-01042010-105926/pt-br.php>. Acesso em: 20 mar. 2022.

- GARCIA, Heloisa Helena Genovese de Oliveira. **Adolescentes em grupo**: aprendendo a cooperar em oficina de jogos. 2010. Tese [Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano] - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. DOI:10.11606/T.47.2010.tde-30072010-103022. Acesso em: 20 mar. 2022.
- KAMII, Constance. **A criança e o número**: Implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos. Tradução de Regina A. de Assis, 18. ed., Campinas-SP: Papirus, 1994.
- LA TAILLE, Yves Joel Jean Marie Rodolphe de. **Moral e Ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LUNA, Francine Guerra de. **A (in)disciplina em oficina de jogos**. 2008. Dissertação [Mestrado]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Disponível em: http://www.buscaintegrada.usp.br/USP:default_scope:usp_base03001731396. Acesso em: 20 mar. 2022.
- PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. Tradução de Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.
- _____. **Os procedimentos da Educação Moral**. In: MACEDO, Lino de (Org.). Cinco estudos de educação moral. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- REIS, Cláudia Benitez Martinez dos. **Prática dos profissionais da educação para prevenir casos de bullying e cyberbullying entre adolescentes**. 2021. 149 f. Dissertação [Mestrado] - Universidade Católica de Santos, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas, 2021 Disponível em: <http://biblioteca.unisantos.br:8080/pergamumweb/vinculos/000074/00007492.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- SANTANA, Edésio T. **Bullying e Cyberbullying agressões dentro e fora das escolas**: Teoria e prática que educadores e pais devem conhecer. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Pedagogia e Educação).

- SANTOS, Neide Maria. **Educação inclusiva:** práticas pedagógicas colaborativas para estudantes com transtorno do espectro do autismo. 2021. 199 f. Dissertação [Mestrado] - Universidade Católica de Santos, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas, 2021 Disponível em: <http://biblioteca.unisantos.br:8080/pergamumweb/vinculos/000072/000072b6.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying:** mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Fontanar - Objetiva, 2010.

Organizadores

Cleusa Kazue Sakamoto

Doutora em Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo – USP, Mestre em Psicologia Clínica pela USP, Graduada em Psicologia pela USP, Especialista em Psicologia Clínica pelo CRP-06. Docente em Cursos de Graduação e Pós-graduação nas áreas da Saúde, Arte e Comunicação. Membro do Conselho Consultivo da Associação Brasileira de Brinquedotecas – ABBri. Membro da Diretoria da extinta Associação de Psicologia de São Paulo (pioneira na publicação científica em Psicologia no Brasil), Parecerista *ad doc* de inúmeras revistas científicas. Líder do Grupo de Pesquisa FAPCOM-CNPq “Criatividade e Inovação na Comunicação” (2018-2020). Membro do Grupo de Trabalho “Brinquedo, Aprendizagem e Saúde” da ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Ensino em Psicologia. Presidente da Associação para a Cultura, Educação e Sustentabilidade – ACESSO, uma instituição premiado na sede da Organização das Nações Unidas. Autora de inúmeros livros, capítulos e artigos científicos. Email: cleusasakamoto@geniocriador.com.br

Marcos Aurélio Trindade

Mestrando em Bioética na Pontifícia Católica do Paraná e Mestrando no Programa de Antropologia Social da Universidade Nacional de Buenos Aires. Graduado em Filosofia, Bacharelado e Licenciatura Plena pela Faculdade Paulus de Comunicação – FAPCOM, em São Paulo. Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG. Membro da Sociedade Brasileira de Bioética. Autor de inúmeros artigos científicos e capítulos de livros. Organizador juntamente com o Dr. Christian de Paul de Barchifontaine do livro “Bioética social e sus implicações filosóficas”. Membro do Grupo de Pesquisa sobre “Diversidade afetivo sexual e Teologia” da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Pesquisador do Tema da Criatividade. Professor convidado da Universidade Estadual de Montes Claros – MG. Ativista dos Direitos Humanos, Educação e Saúde na perspectiva da Justiça social. Email: marcos.trindade2014@gmail.com